

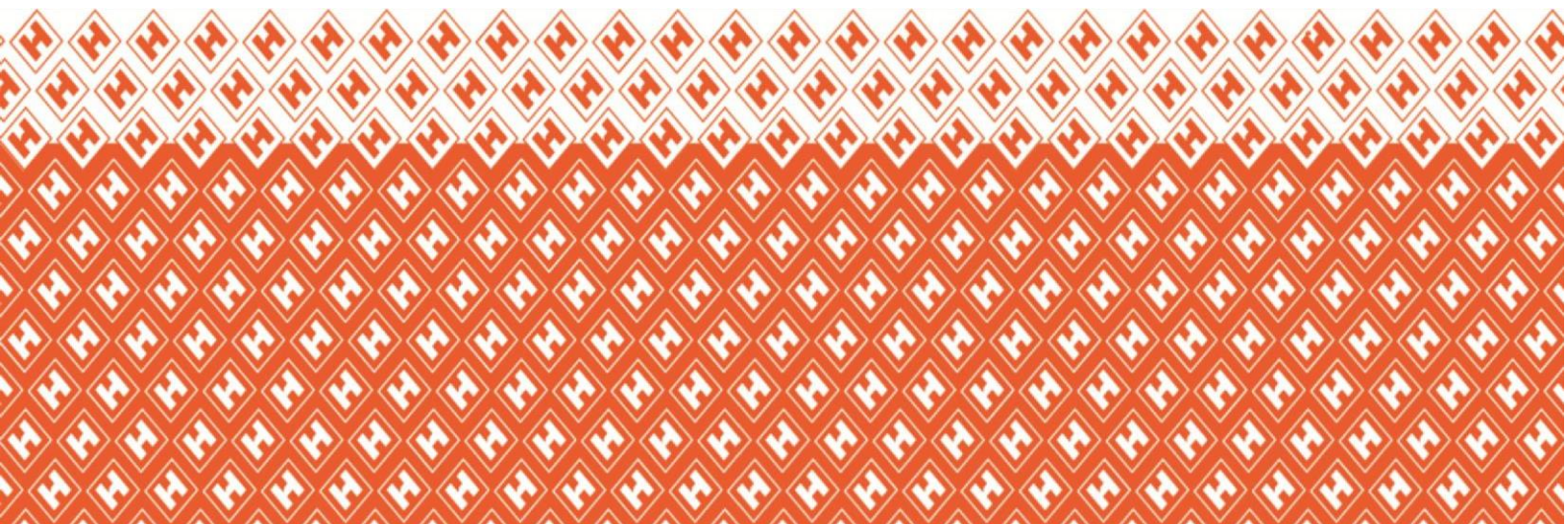


UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO/IETU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE
HISTÓRIA/PROFHISTÓRIA

POLIANA FERREIRA HONOSTÓRIO

ENSINO REMOTO: os desafios de se ensinar história no contexto de Pandemia de covid-19, na cidade de Xinguara-PA (2020-2022)

XINGUARA-PA
2024



POLIANA FERREIRA HONOSTÓRIO

ENSINO REMOTO: os desafios de se ensinar história no contexto de Pandemia de covid-19, na cidade de Xinguara-PA (2020-2022)

LINGUAGENS E NARRATIVAS HISTÓRICAS: PRODUÇÃO E DIFUSÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. **Heraldo Márcio Galvão Júnior.**

XINGUARA-PA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Campus de Xinguara

H774e Honostório, Poliana Ferreira
 Ensino remoto: os desafios de se ensinar história no contexto de pandemia de covid-19, na cidade de Xinguara – PA (2020-2022) / Poliana Ferreira Honostório. — 2024.
 110 f.: il.

 Orientador(a): Heraldo Márcio Galvão Júnior.
 Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História, Xinguara, 2024.

 1. Pandemias. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. 3. História local - Xinguara (PA). 4. História - Estudo e ensino. 5. Ensino à distância. I. Galvão Júnior, Heraldo Márcio, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 907.2

Elaborado por Maria José Pereira da Silva - CRB-2/1707

POLIANA FERREIRA HONOSTÓRIO

ENSINO REMOTO: os desafios de se ensinar história no contexto de Pandemia de covid-19, na cidade de Xinguara-PA (2020-2022)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (ProfHistória), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Data da aprovação: Xinguara (PA), 29 de abril de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Heraldo Márcio Galvão Júnior (UNIFESSPA)
Orientador

Prof. Dr. Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves (UFPA)
Examinador Externo

Prof. Dr. Andrey Minin Martin (UFMS)
Examinador Externo (suplente)

Prof. Dr. André Carlos Furtado (UNIFESSPA)
Examinador Interno

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus, de onde vem a minha força. Em segundo lugar à minha família, minha grande inspiração. Aos meus professores, pelo compromisso com o ensino. Aos meus amigos, pelo apoio e palavras de incentivo.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar meus agradecimentos a todos aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta com essa conquista. Em primeiro lugar, a Deus, por me permitir realizar esse sonho. À minha família pelo apoio e paciência ao longo desses dois anos, em especial, meu esposo, Paulo Henrique, pelo carinho, compreensão e por estar ao meu lado nos momentos mais desafiadores.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – ProfHistória, representado na figura do coordenador, Prof. Dr. Bruno Silva, por toda atenção e suporte dado a nossa turma. Ao meu orientador, Prof. Dr. Heraldo Márcio Galvão Júnior, pelos direcionamentos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos arguidores, os professores doutores André Carlos Furtado, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos Chaves Augusto e Andrey Minin Martin, desde já agradeço por terem aceitado prontamente o convite para participar da banca de defesa de mestrado e pelas considerações apresentadas.

Ao corpo docente e administrativo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa, pela dedicação, compromisso com o curso e os mestrandos, por oferecerem o seu melhor durante cada aula e por acreditarem em uma educação de qualidade e emancipadora.

Aos colegas de curso, pelas reflexões e experiências compartilhadas.

Aos entrevistados, por aceitarem fazer parte desse projeto, por meio de entrevistas e por nos oferecerem dados essenciais para a elaboração da pesquisa, pois sem estes, possivelmente este trabalho não existiria. Aos meus alunos que me proporcionaram a oportunidade de aprender cada dia um pouco mais.

Aos meus amigos de graduação Ronny Pyterson Romano dos Santos e Oziel Washington David Moreira, pelo apoio e carinho de sempre.

Agradeço, ainda, às instituições de ensino em que atuei na área da educação, que contribuíram com a minha formação profissional e pessoal, a saber, o Colégio Dom Pedro II e a Escola Estadual de Educação Profissional e Tecnológica Jordame Corrêa Queiroz Filho, ambos localizados no município de Xinguara-PA. E, ainda, gostaria de agradecer à direção da Escola Gunnar Vingren, representada na figura da Sr.^a Julita Freire Marque, pela acolhida quando cheguei em Colinas-TO para assumir o cargo de professor efetivo de História naquela instituição, pela compreensão, apoio e palavras de incentivo nesse momento final do Mestrado.

RESUMO

Levando em consideração o contexto de Pandemia de Covid-19 e as recomendações de distanciamento social da Organização Mundial de Saúde – OMS, foi preciso se adequar a um novo perfil de ensino, marcado pelo uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC's. Como consequência do novo cenário, diversas instituições escolares tiveram que adotar como estratégia o Ensino Remoto Emergencial – ERE, medida proposta pelo Ministério da Educação – MEC. Cujo objetivo era substituir as aulas presenciais por aulas ou atividades remotas, devido aos altos índices de contaminação e da nocividade da doença. As inúmeras problemáticas geradas diante da descoberta, rápida propagação do vírus (Sars-Cov-19), bem como os efeitos causados pela doença, levaram a buscar compreender os impactos da Pandemia de Covid-19, no Ensino de História, mais especificamente nas escolas públicas estaduais de Xinguara-PA. Para tanto, foi adotado como referencial teórico-metodológico as reflexões propostas pelo campo da *História do Tempo Presente*, já como metodologia, o uso da *História Oral* (entrevistas). As entrevistas foram realizadas com docentes que atuaram no Ensino de História, em turmas de Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Xinguara-PA. Além da fonte oral, fez-se uso de questionário, sendo esse, aplicado aos alunos da rede pública e privada de ensino, que cursaram o segundo grau, na Pandemia de Covid-19; a fim de buscar compreender as particularidades de cada realidade. O recorte da pesquisa compreendeu os anos de 2020 a 2022, no qual refere-se a entrada do vírus no Brasil, e posterior adoção do Ensino Remoto Emergencial. Portanto, ao final, produziu-se um texto didático a respeito da temática e sobre os desafios de se ensinar História no contexto de Pandemia de Covid-19, na cidade de Xinguara-PA.

Palavras-chave: Pandemia; História do Tempo Presente; Ensino de História; Ensino Remoto.

ABSTRACT

Taking into account the context of the Covid-19 Pandemic and the social distancing recommendations of the World Health Organization – WHO, it was necessary to adapt to a new teaching profile, marked by the use of Information and Communication Technologies – ICTs. As a consequence of the new scenario, several school institutions had to adopt Emergency Remote Education – ERE – as a strategy, a measure proposed by the Ministry of Education – MEC. The objective was to replace face-to-face classes with remote classes or activities, due to the high levels of contamination and the harmfulness of the disease. The numerous problems generated by the discovery and rapid spread of the virus (Sars-Cov-19), as well as the effects caused by the disease, led us to seek to understand the impacts of the Covid-19 Pandemic on History Teaching, more specifically in schools state public institutions in Xinguara-PA. To this end, the reflections proposed by the field of History of the Present Time were adopted as a theoretical-methodological reference, as well as the use of Oral History (interviews) as a methodology. The interviews were carried out with teachers who worked in History Teaching, in high school classes in the State Public Network of Xinguara-PA. In addition to the oral source, a questionnaire was used, which was applied to students from public and private schools, who attended high school, during the Covid-19 Pandemic; in order to seek to understand the particularities of each reality. The research period covered the years 2020 to 2022, which refers to the entry of the virus into Brazil, and the subsequent adoption of Emergency Remote Education. Therefore, in the end, a didactic text was produced on the topic and on the challenges of teaching History in the context of the Covid-19 Pandemic, in the city of Xinguara-PA.

Keywords: Pandemic; History of the Present Time; Teaching History; Remote Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa da região Araguaia.	38
Figura 2 – Escola Estadual Dom Luiz de Moura Palha.....	45
Figura 3 – Escola Estadual Pedro Ribeiro Mota.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Estudantes que cursaram o Ensino Médio entre 2020 e 2022.....	62
Gráfico 2 – Cidades em que os entrevistados cursaram o Ensino Médio.....	62
Gráfico 3 – Turnos em que os estudantes entrevistados estudavam.....	63
Gráfico 4 – Porcentagem de entrevistados que estudavam em Escola Pública e Privada.	63
Gráfico 5 – Modalidade de ensino que os discentes estudavam.....	64
Gráfico 6 – Série em que os entrevistados estudaram em 2020.	65
Gráfico 7 – Formato de aulas ocorridas entre julho e dezembro de 2020.	65
Gráfico 8 – Formato de aulas ocorridas entre julho e dezembro de 2021.	66
Gráfico 9 – Formato de aulas ocorridas entre julho e dezembro de 2022.	67
Gráfico 10 – Porcentagem de estudantes que gostam da disciplina de História.....	68
Gráfico 11 – Porcentagem de estudantes que consideram a disciplina de História como importante.....	68
Gráfico 12 – Porcentagem de estudantes que tiveram aulas de História durante a Pandemia.	69
Gráfico 13 – Porcentagem de estudantes com dificuldades para compreender a disciplina de História.	69
Gráfico 14 – Tipo de material utilizado pelos estudantes durante a Pandemia.	70
Gráfico 15 – Estudantes que utilizaram recursos tecnológicos para assistirem as aulas.....	70
Gráfico 16 – Porcentagem de estudantes que relacionava as aulas de História com o contexto da Pandemia.....	71
Gráfico 17 – Listagem sobre o que mais os estudantes sentiram falta durante a Pandemia....	72
Gráfico 18 – Porcentagem de estudantes que concluíram o Ensino Médio entre 2020 e 2022.	73
Gráfico 19 – Porcentagem de estudantes que prestaram vestibular.....	73
Gráfico 20 – Desempenho dos estudantes na disciplina de História.	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNE – Conselho Nacional de Educação.

COVID-19 – Pandemia de Covid-19.

EaD – Educação à Distância.

ERE – Ensino Remoto Emergencial.

MEC – Ministério da Educação.

OMS – Organização Mundial de Saúde.

TIC's – Tecnologias da Informação e da Comunicação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Capítulo 1	
ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID-19	15
1.1) Pandemia de Covid-19	15
1.2) <i>História do Tempo Presente</i>	20
1.3) Ensino remoto e EaD	27
1.4) Cultura Escolar	29
Capítulo 2	
ENSINO REMOTO: OS DESAFIOS DE SE ENSINAR HISTÓRIA NO CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19, NA CIDADE DE XINGUARA-PA (2020-2022)	36
2.1) Xinguara-PA: da fundação da cidade ao estabelecimento das escolas públicas estaduais de ensino do município.	36
2.2) Ensino de História na Pandemia de Covid-19: um estudo a partir da realidade educacional das escolas públicas estaduais de Xinguara-PA	47
Capítulo 3	
PROPOSTA PEDAGÓGICA: ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID -19	75
Texto Didático:	
ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID -19	77
Considerações finais	85
Referências bibliográficas	88
ANEXO A	
Roteiro de entrevistas professores	93
ANEXO B	
Entrevista: professor de história da rede pública estadual de ensino de xinguara-pa (docente 1)	94
ANEXO C	
Entrevista: professor de história da rede pública estadual de ensino de xinguara-pa (docente 2)	100

INTRODUÇÃO

Ao levar em consideração o contexto de Pandemia de Covid-19, e as recomendações de distanciamento social da Organização Mundial de Saúde – OMS, foi preciso se adequar a um novo perfil de ensino, em que esse estava marcado pelo uso das tecnologias da informação e comunicação – TIC's. O novo cenário que se impunha fez com que diversas instituições de ensino adotassem como estratégia para continuar as atividades escolares o Ensino Remoto Emergencial – ERE, medida excepcional, proposta pelo Ministério da Educação – MEC. Cujo objetivo era substituir as aulas presenciais por aulas ou atividades remotas, devido aos altos índices de contaminação e da nocividade da doença. Em razão das inúmeras problemáticas geradas pelas transformações que se operaram diante do surgimento e propagação do vírus (Sars-Cov-19), realizou-se esse estudo acerca dos impactos da Pandemia de Covid-19, no Ensino de História, na cidade de Xinguara-PA, no decorrer desse período.

Assim, objetivou-se compreender de que modo a pandemia afetou a realidade das escolas públicas estaduais do município, bem como os impactos gerados pela adoção do Ensino Remoto Emergencial na vida de professores e na formação dos estudantes. Desta feita, adotou-se como referencial teórico-metodológico as reflexões propostas pelo campo da *História do Tempo Presente* e como metodologia fez-se uso da *História Oral* (entrevistas). Assim, foram realizadas entrevistas com professores de História, que atuaram entre os anos de 2020 a 2022, período de vigência da Pandemia de Covid-19.

Além da fonte oral, utilizou-se questionário, que foi aplicado aos alunos da rede pública estadual e da rede privada de ensino. Por uma questão metodológica, optou-se por trabalhar apenas com estudante que cursaram o segundo grau, no período de Pandemia de Covid-19. Dito isso, foi adotado como recorte espacial, a cidade de Xinguara-PA, a fim de, assim, buscar refletir sobre os impactos da Pandemia de Covid-19, no contexto educacional daquele município e, com isso, analisar como seus efeitos foram sentidos no Ensino de História.

Diante desta situação, faz-se necessário um estudo sistemático dos impactos da Covid-19 sobre a educação básica de ensino e os efeitos da adoção do ERE, sobre o Ensino de História. Por se tratar de uma problemática ainda muito recente, mas com inúmeras questões a serem analisadas, propôs-se uma análise das transformações geradas no ambiente educacional em razão da Pandemia de Covid-19. Este estudo torna-se necessário, uma vez que a doença acentuou ainda mais a desigualdade social pré-existente no país, como será observado ao longo deste estudo.

A realidade da educação brasileira, já tão diversa e desigual, alcança maior notoriedade por meio deste parecer, ao estabelecer a obrigatoriedade do cumprimento, pelas escolas, de atividades virtuais em direta equivalência às presenciais, sem considerar as particularidades regionais e tampouco a acessibilidade de professores e estudantes a equipamentos de informática e a redes de comunicação.¹

Nesse sentido, entende-se a necessidade de um estudo da realidade do ensino público e privado naquele contexto, bem como as ações adotadas tanto pelo Poder Público, quanto pelas instituições de ensino. Para tanto, foram ancoradas discussões a partir das considerações apresentadas por pesquisadores do campo da *História do Tempo Presente*, como Eric Hobsbawm, Marieta Ferreira de Moraes e Lucília Delgado, autores que trazem a definição da *História do Tempo Presente* e abordam as possibilidades e cuidados ao se trabalhar com a referida temática. Com relação à metodologia de pesquisa, considerou aqui trabalhar com a *História Oral*, uma vez que foram realizadas entrevistas com professores de História, para que pudessemos compreender as percepções que esses têm acerca da Pandemia de Covid-19. Bem como das implicações desta com relação ao Ensino de História.

Desse modo, foi abordado, no primeiro capítulo, os temas Pandemia de Covid-19, *História do Tempo Presente*, *História Oral*, Ensino Remoto Emergencial, Cultura escolar. Assim como os impactos da Pandemia de Covid-19, no Ensino de História. As temáticas retratadas serviram de base para fundamentarmos a pesquisa de forma teórica e metodológica. A princípio, buscou-se desenvolver uma reflexão acerca da Pandemia de Covid-19, refletir sobre seu surgimento, os diferentes estágios de desenvolvimento da doença e a relação desta, com os eventos da mesma natureza – a exemplo da Gripe Espanhola (1918), pandemia que ocorreu no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Foi apresentado, ainda, dados que demonstram a gravidade da doença, por isso analisou-se as estratégias adotadas pelo Poder Público Federal, Estadual e Municipal como medidas de contenção e prevenção da doença. Com destaque ao comportamento de determinados grupos que hora negavam a doença, hora buscavam responsáveis para o seu surgimento, quando criaram teorias conspiratórias.

Buscou-se, ainda, inserir a temática, dentro das preocupações da *História do Tempo Presente*. Por se tratar de uma questão um tanto quanto recente e que ainda opera mudanças na sociedade, optou-se por ancorar as discussões neste campo. Assim, foram apresentadas algumas considerações, a partir de autores como Eric Hobsbawm e Marieta Ferreira de Moraes. Bem como reflexões acerca da metodologia utilizada para a construção de fontes, a saber, a *Fonte Oral*. Assim, discutiu-se a metodologia a partir de autores considerados referência no campo

¹ CAIMI, Flávia Eloisa; Mistura, Letícia; Mello, Pedro Alcides Trindade. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? **Fronteiras**, n.37, Jul/Dez, 2021, p.10.

da *História Oral*, como Alessandro Portelli e Marieta Ferreira de Moraes. Foram incluídas ainda, a discussão sobre o Ensino Remoto Emergencial, como demanda da História do Tempo Presente e, assim, apontou-se sobre o ERE. Foi tida a preocupação de distinguir as modalidades de Ensino Remoto Emergencial, Educação a Distância – EaD e Ensino Híbrido.

No segundo capítulo deste estudo, propôs-se uma reflexão a respeito da realidade educacional da cidade de Xinguara-PA. Para tanto, foi utilizada como fonte, relatos orais de professores que atuaram na rede pública estadual do município. Logo, por se tratar de uma discussão localizada, fez-se apontamentos sobre a História local, para que fosse possível compreender e situar a cidade de Xinguara-PA, dentro desse contexto macro que foi a Pandemia de Covid-19. Falou-se ainda, sobre o contexto de formação da cidade, que em certa medida influenciou o campo educacional. Ainda, sobre os principais dispositivos legais (leis, decretos, circulares), que foram publicados durante esse período, tanto em âmbito Federal, Estadual e Municipal. De modo que pôde-se identificar as estratégias utilizadas pelo Poder Público para viabilizar a continuidade das atividades escolares.

Por fim, no terceiro e último capítulo foi apresentada a proposta pedagógica que compreende a produção de um texto didático que visa auxiliar professores na abordagem da temática Pandemia de Covid-19 e Ensino de História. Tendo como referência as escolas públicas estaduais do município de Xinguara-PA.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID-19

1.1) Pandemia de Covid-19

Recentemente, foi anunciado em diversos meios de comunicação e informação o fim do estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – ESPII, com relação à covid-19. No dia 05 de maio de 2023, após três anos de pandemia, a Organização Mundial da Saúde – OMS, representada na figura do diretor-geral Tedros Adhanom Ghebreyesus, que seguiu as recomendações do Comitê de Emergência, encarregado de analisar o cenário da doença, declarou o fim da situação – SPII.² O referido comitê, em sua 15ª sessão, delibou sobre a questão, pois leva em conta a “tendência de queda nas mortes por Covid-19, o declínio nas hospitalizações e internações em unidades de terapia intensiva relacionadas à doença, bem como os altos níveis de imunidade da população ao SARS-CoV-2, coronavírus”.³ Vale ressaltar que a notícia transmite certa paz e alívio, como se um fardo saísse das “costas”. Contudo, a pandemia não terminou, tampouco os efeitos desta. Pensando nisso, propôs-se neste estudo analisar o impacto da Pandemia de covid-19, sobre a educação, em particular o Ensino de História.

O início do ano de 2020, ficou marcado por uma das maiores crises sanitárias da história, a saber, a Pandemia de Covid-19. Uma crise sem precedentes e que teve consequências desastrosas, o que inclui o número de mortos e infectados. De acordo com, Organização Mundial da Saúde – OMS, em 31 de dezembro de 2019, a OMS foi notificada sobre a existência de “vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na República

² A situação de Emergência de Saúde Pública de importância Internacional (ESPII), foi declarada no dia 30 de 2020, por causa do surto do novo coronavírus. Na ocasião a doença já havia se espalhado por 19 países e, grande preocupação da Organização Mundial da Saúde era que a doença avançasse sobre os países com os sistemas de saúde mais vulneráveis. Para mais informações sobre o assunto acessar: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>. Acesso em: 08 jun. 2023.

³ Organização Pan-Americana da Saúde. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente a Covid-19. Disponível em: OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org). Acesso em: 28 mai. 2023.

Popular da China”⁴. Desde então, a organização passou a monitorar a situação. Logo mais, em dia 07 de janeiro, as autoridades chinesas confirmaram a existência de um novo tipo de coronavírus.⁵

Os coronavírus estão por toda parte. Eles são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoV) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoVHKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19.⁶

Diante da descoberta das autoridades chinesas, a Organização Mundial de Saúde, declarou em 30 de janeiro de 2020 o estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – ESPII, o que indica o nível máximo de alerta. Ao considerar a pandemia da Covid-19, a situação em questão ocorreu apenas algumas vezes na história: 25 de abril de 2009: Pandemia de H1N1; 5 de maio de 2014: disseminação internacional de poliovírus; 8 agosto de 2014: surto de Ebola na África Ocidental; 1 de fevereiro de 2016: vírus Zika e aumento de casos de microcefalia e outras mal formações congênitas; 18 maio de 2018: surto de ebola na República Democrática do Congo.⁷

Dessa maneira, em ação conjunta a organização buscou meios para tentar impedir a disseminação do vírus pelo mundo. Contudo, em 11 de março de 2020, a infecção pelo novo coronavírus passou a ser classificada pela OMS, como pandemia, em razão do avanço da transmissão da doença e da gravidade desta.⁸ A Pandemia de Covid-19, se tornou um marco histórico pelo alto índice de contaminação e pela letalidade da doença. De acordo com, o Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19), até o dia 03 de maio de 2023, cerca de 765.222.932

⁴ Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁵ Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da Pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁶ Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da Pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁷ Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da Pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mai. 2023.

⁸ Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da Pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mai. 2023.

casos foram confirmados no mundo, o que inclui quase 6.921.614 mortes.⁹ No Brasil, cerca de 37.449.418, de caso foram confirmados e cerca de 701.494, mortes foram registradas.¹⁰ No Estado do Pará, a Secretaria de Estado da Saúde do Pará (SESPA), contabilizou cerca de 880.105 mil casos confirmados da doença e 19.113 mil mortos em virtude da contaminação da doença.¹¹ Já no município de Xinguara-PA, que segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, conta com pouco mais de 45.416 mil habitantes, registrou cerca de 92 óbitos.¹²

Segundo Vítor Lins Oliveira, o cenário em questão, impõe ao historiador o desafio de uma análise imediata dos fatos, ou seja, “no calor do momento”, uma vez que a sociedade carece de respostas “rápidas e precisas”.¹³ Ademais, para alguns estudiosos, a ocorrência de uma pandemia já era algo de se esperar. Segundo Paulo M. Buss *et. al* “a pandemia provocada pelo Sars-Cov-2, o novo coronavírus, não foi, absolutamente, uma surpresa para os sanitaristas e epidemiologistas”,¹⁴ pelo contrário, já era prevista, dada a ocorrência da epidemia causada pelo vírus ebola, na África Ocidental, mais especificamente em, Libéria, Sierra Leoa e Guiné, entre os anos de 2013 e 2016.

O High-Level Panel on the Global Response to Realth Crises (Unga, 2016a), criado em abril de 2015 pelo secretário-geral da Nações Unidas, Ban Ki-moon, para examinar e extrair lições da epidemia pelo vírus ebola, que entre 2013 a 2016 afetou a África ocidental – principalmente três países: Libéria, Sierra Leoa e guiné – mas ameaçava espalhar-se pelo mundo, já previa a ocorrência de pandemias em anos vidouros.¹⁵

Na mesma linha, Gilberto Hochman e Anne-Emanuelle Birn, indicam várias menções de epidemias na literatura brasileira, a exemplo da “febre amarela, a varíola, a gripe espanhola e, mais recentemente HIV-Aids, seja como pano de fundo e contexto, seja quase como um

⁹ Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19). Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 06 mai. 2023.

¹⁰ World Health Organization. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 07 mai. 2023.

¹¹ SESPA. Secretaria de Estado da Saúde do Pará. Disponível em: <http://www.saude.pa.gov.br/redesepa/coronavirus/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

¹² Portal da Prefeitura de Xinguara. Boletim Coronavírus Completo. Disponível em: <https://www.xinguara.pa.gov.br/web/pag.php?pg=blog/view&tag=boletim-covid-19---segunda-feira-31012022>. Acesso em: 20 mai. 2023.

¹³ OLIVEIRA, Vítor Lins. O ofício do historiador nos tempos da Pandemia de coronavírus. **XIX Encontro de História da Anpuh-Rio: História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação**. Anpuh-Rio. 21-25, setembro, 2020. p.1.

¹⁴ BUSS, Paulo M; ALCÁZAR, Santiago; GALVÃO, Luiz Augusto. Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho. **Estudos Avançados**: 34 (99), 2020. p. 45.

¹⁵ *Ibidem*.

personagem”.¹⁶ Ainda nessa perspectiva, Lilia Schwarcz, analisa a gripe espanhola tendo como estudo de caso o contexto paranaense, em particular na cidade de Porto Alegre. A autora relaciona a Pandemia de 1918, com a Covid-19. Schwarcz, discute conceitos como “tempo pandêmico” e destaca a maneira como as pessoas lidam com esse tipo de evento.¹⁷

Os mais velhos costumam lembrar do evento da pandemia que assolou a humanidade em 1918, como ‘o tempo da espanhola’. Não é raro referirem-se a ela, também como um certo espaço perdido do passado, e que não volta mais. ‘Vivíamos no tempo da espanhola’, costumam dizer eles, como se a doença estivesse interrompido o nosso curso regular de temporalidade, marcado pelos dias que escorregam seguros de nossos calendários.¹⁸

Segundo a autora, os sujeitos se referem à Pandemia de 1918 como um evento deslocado no tempo, algo distante, ainda que marcante, mas que ficou no passado ou que deva ser esquecido “o tempo da espanhola”.¹⁹ Pelo contrário, não se deve esquecer eventos como esse, que muito têm a nos ensinar, já que muitas práticas acabam por se repetir. Ao invés disso, é preciso pensar o que se pode aprender com crises como a gripe espanhola e a covid-19.

Nesse sentido, Schwarcz traz à tona em seu texto, uma realidade não tão distante do que foi a Pandemia de Covid-19, destacando “a insegurança, o medo do desconhecido, o temor diante da morte coletiva”, como elementos “que acompanham a história de doenças coletivas e emergências na saúde”.²⁰ Sabe-se das particularidades de cada evento e Lilia Schwarcz evidencia esse fato, mas também busca é possível perceber que mesmo diante de cenários distintos, os riscos de se negar a história acabam sendo desastrosos.

Ainda conforme Schwarcz, até a emergência da Covid 19 em 2020, a gripe espanhola 1918-1919, “também chamada *la dançarina, gripe pneumônica, peste pneumônica ou simplesmente pneumônica*”,²¹ figurou “a mais severa pandemia da história da humanidade”.²²

Para a autora, as inúmeras denominações dadas a doença é fruto da falta de conhecimento acerca desta.

¹⁶ HOCHMAN, Gilberto; BIRN, Anne-Emanuelle. Pandemias e Epidemias em Perspectiva Histórica: uma introdução. **Topoio**. Rio de Janeiro, v.22, n.48. p.578.

¹⁷ SCHWACZ, Lilia Moritz. No tempo da espanhola: a gripe de 1918 e o caso de Porto Alegre. **Horiz.antropol.**, Porto Alegre, ano 29, n. 65, jan./abr. 2023. p. 3.

¹⁸ *Ibidem*, p. 3.

¹⁹ *Ibidem*, p. 3.

²⁰ *Ibidem*, p. 5.

²¹ *Ibidem*, p. 5. (grifo do autor).

²² *Ibidem*, p. 5.

O excesso de nomes da doença já dava noção do imenso desconhecimento que a nova epidemia causava. A denominação ‘gripe espanhola’ cunhada devido ao fato de muitas das informações a respeito da doença terem sido veiculadas pela imprensa espanhola. Os jornais desse país, que se manteve neutro durante a Primeira guerra (1914-1918), não sofriam censura de qualquer espécie, e sobretudo em relação às notícias sobre essa doença pública que açodava as tropas que participavam da ‘Grande Guerra’, como era então chamado o episódio internacional.²³

Assim, como ocorreu em 1918, o medo do desconhecido alimentou o imaginário de grupos negacionistas que, por vezes, buscaram “politizar” a Pandemia de Covid-19, quando não atribuíram a responsabilidade ao governo chinês e/ou pior subestimando os efeitos da doença. Conforme indica Gilberto Grassi Calil, “nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump politizou a situação desde o princípio, qualificando a Covid-19 como ‘vírus chinês’ e minimizando sua importância.”²⁴

No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado no dia 26, de fevereiro de 2020, assim sendo, o país teve o que a OMS citou como “janela de oportunidade contra o vírus”, ou seja, certo tempo para preparar um plano de contingências que pudesse de certa forma reduzir a propagação do vírus. Contudo, de acordo com Calil, o governo brasileiro por diversas vezes “minimizou a gravidade da pandemia, estimulou comportamentos inadequados e disseminou informações inverídicas”.²⁵

Como consequência, logrou-se cerca de 37.449.418, de caso da doença confirmados e 701.494, mortes registradas²⁶ – observa-se que esses dados podem sofrer variações, haja vista, a impossibilidade de testagem de toda a população infectada. Para Gilberto G. Calil, as ações do governo brasileiro indicam duas hipóteses, “falta de estratégia ou a tentativa de se alcançar a imunização coletiva”.²⁷ Para Calil, tal fato agravou ainda mais a situação, pois em vez de buscar frear o avanço da doença, muitos políticos por meio de seus posicionamentos, acabaram por causar a “fragmentação das iniciativas” o que dificultou ainda mais a administração da crise, a exemplo do caso brasileiro.²⁸ Além de negar a doença por meio dos vários discursos veiculados nos diversos meios de comunicação, o presidente a época Jair Messias Bolsonaro,

²³ SCHWACZ, *op. cit.*, p. 6.

²⁴ CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 140. P. 30-47, jan./abr.2021. p.32.

²⁵ *Ibidem*, p.30.

²⁶ World Health Organization. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 07 mai. 2023.

²⁷ CALIL, *op. cit.*, p.31.

²⁸ CALIL, *op. cit.*, p.34.

desqualificou as várias medidas de segurança sanitária que tinha o propósito conter o avanço da doença e ainda propagou soluções falsas sobre o uso de medicamentos sem eficácia comprovada. O que induziu, então, a população ao uso indiscriminado da cloroquina.²⁹

A Pandemia de Covid-19, não foi a primeira e pouco provável seja a última ameaça sanitária enfrentada pela humanidade, espera-se que após ela se possa aprender literalmente com os próprios erros e corrigi-los em tempo hábil para que os danos não sejam tão desastrosos como foi no decorrer desta. Para Schwarcz é possível estabelecer uma forte relação entre 1918 e 2020, já que a autora destaca três aspectos dessa semelhança:

Em primeiro lugar, uma primeira reação a distante e basicamente **negacionista**, até que a epidemia se instale em território nacional. Em segundo, o **descrédito diante do fato de que uma emergência na saúde** desse porte tem endereço, CEP e registro. Tanto no passado como no nosso presente, epidemias, **a despeito de mobilizarem recursos humanos e científicos**, nem sempre trazem saldos muito bons; em geral escancaram características do país: no caso, a nossa tremenda desigualdade estrutural. Em terceiro, **o uso de remédios paliativos e de muito pensamento mágico** para dar conta da insegurança e do infortúnio – a cloroquina usada pelo governo em tempos recentes foi também um subterfúgio no começo do século XX.³⁰

Logo, por se tratar de uma temática ainda em curso, a pandemia se insere na perspectiva de análise da História da *História do Tempo Presente* e, por isso, faz-se necessário uma reflexão desse campo historiográfico.

1.2) *História do Tempo Presente*

“Novos Tempos levam a novas historicidades”
Lilia Moritz Schwarcz³¹

O tempo é uma unidade de medida fundamental para o estudo da História, uma vez que, conforme aponta Marc Bloch, “a história é a ciência dos homens no tempo”.³² Vale ressaltar que o tempo será aqui analisado a partir de diferentes perspectivas historiográficas.

²⁹ *Ibidem*, p.34.

³⁰ SCHWACZ, *op. cit.*, p. 3. (grifo nosso).

³¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 8.

³² BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 7.

Neste sentido, entendemos o tempo como importante ferramenta de trabalho do historiador. Logo, de acordo com Eric Hobsbawm, “toda história é contemporânea disfarçada”.³³

No mais, para François Hartog, “o tempo tornou-se tão habitual para o historiador, que ele o naturalizou ou instrumentalizou”.³⁴ Hartog se refere ao tempo como algo “impensável” e destaca o “crescimento rápido da categoria do presente”, que passou a ser definida pelo historiador como “presentismo”.³⁵

Nesse sentido, Hartog aponta que, na historiografia francesa, a “História do tempo presente” passou a ser problematizada a partir da década de 1980. O uso da categoria surgiu em razão das demandas mais urgentes da sociedade. Assim, “esta história se achou posta sob os projetores da atualidade judiciária, quando dos processos por crimes contra a humanidade, que têm por característica primeira de se haver com a temporalidade inédita do imprescritível”.³⁶

De acordo com Marieta de Moraes Ferreira, a utilização da “história dos fatos recentes nem sempre foi vista como problemática”.⁸⁷ Para Ferreira, “na Antiguidade clássica a história do tempo recente era o foco central da preocupação dos historiadores”.³⁷ Desse modo, Ferreira indica que, no período em questão, historiadores como Heródoto e Tucídides percebiam a História como um “repositório de exemplos que deveriam ser preservados” e atribuíam ao historiador a função de “expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos”.³⁸

No entanto, no século XIX, a *História do Tempo Presente* passou a ser vista como “um objeto problemático”.³⁹ Nessa perspectiva, Ferreira aponta como justificativa para tal mudança o processo de institucionalização da História enquanto disciplina universitária, que relegou à área a missão de interpretar apenas o passado.⁴⁰ Ainda conforme Ferreira, diante do quadro de institucionalização da História enquanto disciplina, era necessário igualmente determinar as

³³ HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 244.

³⁴ HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006. p. 262.

³⁵ *Ibidem*, p. 262.

³⁶ *Ibidem*, p. 262.

⁸⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Culturas Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio./jun., 2000. p. 1.

³⁷ *Ibidem*, p. 1.

³⁸ FERREIRA, *op. cit.*, p. 1.

³⁹ *Ibidem*, p. 1.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 1.

regras e práticas do trabalho do historiador, que tinha como tarefa fundamental a “visão retrospectiva”.⁴¹

A afirmação da História como uma disciplina que possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio, que tinha uma prática regular de decifrar documentos, implicou a concepção da objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente. Assim, só o recuo no tempo poderia garantir uma distância crítica.⁴²

Ademais, Ferreira destaca a publicação do manual de *Introduction aux études historiques*, no ano de 1897, por Charles Seignobos e Charles Langlois, que estabeleciam os “procedimentos e princípios da prática da história científica entre os jovens estudantes e historiadores”.⁴³ O manual conferia à História a função de “descrever por meio de documentos as sociedades passadas e suas metamorfoses”.⁴⁴ Nesse sentido, Fernando Braudel, em “História e Ciências Sociais: a longa duração”, faz referência ao tempo curto como uma história limitada aos dados e ocorrencial.

Sugere, ainda, que o historiador do Tempo Presente alcança apenas “tramas ‘finas’ das estruturas”.⁴⁵

Mais ainda, o inquiridor sobre o tempo presente somente chega às tramas ‘finas’ das estruturas à condição [de] também reconstruir, adiantar hipóteses e explicações, de recusar o real tal como é percebido, de truncá-lo, de ultrapassá-lo, [sendo que] todas as operações que permitem escapar ao dado para melhor dominá-lo, mas que são todas, reconstruções. Duvido que a fotografia sociológica do presente seja mais “verdadeira” que o quadro histórico do passado, e tanto menos quanto mais afastada do reconstruído ela quiser estar.⁴⁶

Braudel, historiador francês que fez parte da Escola dos *Annales*, ficou conhecido por realizar análises tendo como perspectiva a chamada *longa duração*. Para Braudel, o afastamento se faz necessário para a compreensão daquilo que nos cerca.⁴⁷ Ademais, David Armitage e Jo Guldi, em “A fogueira das humanidades”, criticam o *curto prazo*, apontando-o como um

⁴¹ FERREIRA, *op. cit.*, p. 2.

⁴² *Ibidem*, p. 2.

⁴³ *Ibidem*, p. 2.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 2.

⁴⁵ BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre História**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 56.

⁴⁶ BRAUDEL, *op. cit.*, p. 56-57.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 57.

“fantasma que assombra a nossa época”.⁴⁸ Para e Armitage e Guldi, “o domínio dos arquivos; pleno controle de uma historiografia em constante crescimento e o imperativo de reconstruir e analisar detalhes cada vez menores: tudo isso tornou-se marca registrada da profissionalização em História”.⁴⁹

Como já apontado anteriormente, a *História do Tempo Presente*, no decorrer do século XIX, foi vista como um campo problemático de ser trabalhado, além do desprezo pela área de pesquisa, também se destacou aí o desprezo pelos testemunhos diretos.⁵⁰ Porque, conforme indica a historiadora Marieta Ferreira, por falta de controle sobre o procedimento histórico com relação ao campo, àqueles que se aventuravam a realizar a prática com base no presente faziam da pesquisa histórica um “meio da ação política”.⁵¹ Dessa forma, são muitas as características depreciadoras da História do Tempo Presente: factual, sem criticidade e de caráter político.

Em livro de sua autoria intitulado *Sobre História*, Hobsbawm aponta os problemas e as possibilidades de se escrever a História do próprio tempo. Logo de saída, Hobsbawm cita três grandes problemas do uso desse campo de estudo, a saber: o da própria data de nascimento do historiador, os problemas de como a perspectiva do passado pode mudar enquanto procedimento histórico e, por fim, o de como escapar às suposições da época partilhadas pela maioria.⁵²

Assim, Hobsbawm define a História do “nosso próprio tempo” como algo paradoxal, pois envolve simultaneamente as experiências individual e coletiva.⁵³ Ainda em Hobsbawm observa-se a sugestão de que quando se escreve a partir de nosso presente, torna-se “inevitável que a experiência pessoal desses tempos modele a maneira como vemos, e até a maneira como avaliamos a evidência à qual todos nós, não obstante nossas opiniões, devemos recorrer e apresentar”.⁵⁴ Contudo, Hobsbawm aponta uma certa vantagem que o historiador de seu tempo dispõe sobre escrever a História do século XX, qual seja: “o mero fato de saber, sem esforço especial, o quanto as coisas mudaram”.⁵⁵

⁴⁸ GULDI, Jo; ARMITAGE, David (org.). A fogueira das humanidades? In:_____. **Manifesto pela História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 7.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 14.

⁵⁰ FERREIRA, *op. cit.*, p. 3.

⁵¹ *Ibidem*, p. 3.

⁵² HOBSBAWM, *op. cit.*, p. 244.

⁵³ *Ibidem*, p. 245.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 246.

⁵⁵ HOBSBAWM, *op. cit.*, p. 248.

Para Hobsbawm, o problema maior para o historiador do tempo recente se encontra no excesso de fontes primárias.⁵⁶ Nesse sentido, Lucília de Almeida Neves Delgado e Marieta de Moraes Ferreira, em *História do tempo presente e ensino de História*, destacam que ao fazer uso da *História do Tempo Presente* como campo de estudo é preciso se atentar para a memória. Afinal de contas, conforme destacam Delgado e Ferreira, “trabalhar com a memória não é uma tarefa simples”.⁵⁷ Para tanto, sugerem que, ao se fazer uso dessa relação memória/história é preciso considerar ao menos duas questões fundamentais, a saber: a temporalidade e a dimensão (pública e privada) da memória.⁵⁸

De acordo com Michael Pollak, em *Memória e Identidade Social*, a “memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”.⁵⁹ No entanto, segundo a mesma referência, “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.⁶⁰ Vale destacar ainda, conforme Pollak, que a memória possui elementos constitutivos que devem ser observados, quais sejam, “acontecimentos, pessoas ou personagens e lugares”.⁶¹

Ademais, Marcelo Souza Magalhães e Rebeca Gontijo, em “O presente como problema historiográfico na Primeira República em dois manuais escolares”, analisam os usos da atualidade e seus desafios em relação ao ensino da história. Assim, Magalhães e Gontijo destacam que a concepção de *História do Tempo Presente* surge, a partir da década de 1970, como continuação de um processo iniciado após a experiência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a difusão de testemunhos dos sobreviventes.⁶² Antes disso, porém, segundo tal argumentação, é preciso frisar que, “ao longo dos oitocentos, a discussão sobre a cronologia atravessou tanto a historiografia como o ensino escolar da história”.⁶³

⁵⁶ *Ibidem*, p. 255.

⁵⁷ DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, dez./2013. p. 26-27.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 28.

⁵⁹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 201.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 201.

⁶¹ *Ibidem*, p. 201.

⁶² MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca. O presente como problema historiográfico na Primeira República em dois manuais escolares. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2013. p. 81.

⁶³ MAGALHÃES; GONTIJO, *op. cit.*, p. 86.

Feitas essas colocações, sublinha-se que como metodologia de estudo foi adotada a *História Oral*, pois parte das contribuições de Alessandro Portelli quando destaca que o referido procedimento corresponde a “uma ferramenta adicional na panóplia de fontes do historiador – e, assim, estão sujeitas ao mesmo escrutínio crítico que todas as outras fontes, a fim de averiguar sua confiabilidade e usabilidade”.⁶⁴ Assim, foram realizadas entrevistas com os professores que atuaram nas aulas de História na rede estadual de ensino durante a pandemia, para que se pudesse verificar as práticas pedagógicas adotadas no decorrer desse período. Bem como os impactos do coronavírus e do ensino remoto sobre a educação e o Ensino de História.

Como aponta Portelli, faz-se necessário realizar a distinção entre “fonte oral e a tradição oral”.⁶⁵ Assim sendo, destaca que a tradição oral “é composta por construtos verbais formalizados, transmitidos, compartilhados”, já a fonte oral, é caracterizada pelo uso de “narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador”.⁶⁶ Nesse sentido, sinaliza que o uso dessa metodologia demanda “abordagens e procedimentos específicos”, principalmente por envolver questões ligadas ao campo da “memória, narrativa e subjetividade”.⁶⁷

Para Portelli, as fontes orais são produzidas pelo historiador, a partir das entrevistas realizadas. Assim, trata-se de uma atuação direta neste processo. Logo, as “fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em única direção”.⁶⁸ Nesse caso, o autor ressalta que o historiador não tem controle sobre a fonte, uma vez que “o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar”.⁶⁹ Logo, aponta que, por essa razão, o curso da pesquisa pode ser alterado.⁷⁰

De encontro com a ideia apresentada por Portelli, foram entrevistados os professores de História que atuaram na rede estadual de ensino de Xinguara-PA, no contexto de Pandemia de Covid-19, a fim de compreender como se deu a prática pedagógica, o formato de ensino e

⁶⁴ PORTELLI, *op. cit.*, p. 9.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 9.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 9.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 9.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 10.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 10.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 10.

os desafios enfrentados por esses sujeitos diante deste cenário. Assim, a *História Oral* é caracterizada como a “arte da escuta”.⁷¹

Assim sendo, o autor destaca que nem sempre os historiadores estão certos de que pergunta fazer, em alguns casos. Portelli aponta que determinada “informação mais importante se encontre para além daquilo que que tanto historiador quanto narrador consideram historicamente relevante”.⁷² Ademais, ressalta que a *História Oral* não diz respeito apenas ao fato em si, já que inclui o “lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”.⁷³ Portanto, como aponta Portelli, “a história oral é a arte da escuta, uma arte baseada em um conjunto de relações”,⁷⁴ quais sejam:

1. A relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo). / 2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); / 3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias. / 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador.⁷⁵

Com isso, Portelli destaca que a entrevista parte de um ponto “comum”, algo que possibilita o “diálogo”. Contudo, não se pode perder de vista que se faz necessário que exista uma “diferença que a torna significativa”.⁷⁶ Isso porque, para o autor, “uma troca de conhecimento só tem significado se esse conhecimento não está previamente compartilhado”.⁷⁷ Nessa perspectiva, com base nas considerações aqui apresentadas a respeito da *História do tempo Presente* e da metodologia da *História Oral*, serão apresentadas algumas reflexões acerca do Ensino Remoto. Cujo objetivo é compreender essa proposta pedagógica que ganhou força no contexto de Pandemia de Covid-19 e que, por sua vez, insere-se no rol de análises das demandas do Tempo Presente.

⁷¹ PORTELLI, *op. cit.*, p. 10.

⁷² *Ibidem*, p. 10.

⁷³ *Ibidem*, p. 12.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 12.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 12.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 13.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 13.

1.3) Ensino remoto e EaD

O desenvolvimento tecnológico tem proporcionado diversas mudanças sociais. Dessa maneira, os pesquisadores Daiane Modelski, Lúcia M. M. Giraffa e Alam de Oliveira Casartelli apontam para um certo protagonismo das tecnologias no contexto contemporâneo, uma vez que indicam uma possível “quebra do paradigma presencial”.⁷⁸ De fato, com o avanço da pandemia do novo coronavírus, passou a se fazer uso das tecnologias digitais como estratégia para dar continuidade a determinadas atividades durante esse período.

Porém, no contexto educacional, não foi diferente, professores e alunos tiveram sua rotina alterada pela adoção do Ensino Remoto Emergencial – ERE. Nesse sentido, o campo da educação foi tido como objeto de análise com o objetivo de compreender as mudanças que ocorreram nesta área durante o curso da Pandemia de covid19. Bem como os efeitos decorrentes dessas transformações, em especial sobre o Ensino de História.

Por conseguinte, foi proposta uma reflexão acerca do Ensino Remoto Emergencial – ERE, como estratégia de ensino e observado os desafios impostos por este, bem como as possibilidades que advém do uso do – ERE. Dito isso, é preciso entender a diferença do Ensino Remoto Emergencial da Educação a Distância.

A educação a distância, possui “desde o planejamento até a execução de um curso ou de uma disciplina um modelo subjacente de educação que ampara as escolhas pedagógicas e organiza os processos de ensino e aprendizagem”.⁷⁹ Já o Ensino Remoto Emergencial, o próprio nome já diz do que se trata, uma medida excepcional usada em razão do cenário em que o país se encontrava. Assim, o ERE é uma “adaptação curricular temporária” usada como “alternativa para que ocorram as atividades acadêmicas relacionadas às diversas disciplinas dos cursos, devido às circunstâncias de crise”.⁸⁰

As mudanças foram tantas, e de forma acelerada que é comum a confusão; contudo, é extremamente importante fazer a diferenciação do que “Educação a Distância”, “Ensino Híbrido” e por fim “Ensino Remoto”. Nas palavras de Ana Flávia Segati e Rosana dos Santos Jordão o EaD, é caracterizado como:

⁷⁸ MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia M.; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e180201, 2019. p.2.

⁷⁹ VALENTE, Geisa Soraia Cavalcanti. Et. al. O ensino remoto frente as exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, v.9, n, 9, 2020. p.1

⁸⁰ *Ibidem*, p.1

Uma modalidade educacional pautada em teorias de aprendizagem que orientam ações e estratégias pedagógicas próprias e adequadas a ambientes virtuais. Esse modelo de educação adota um formato curricular específico e acontece em ambientes virtuais elaborados para que ocorra a interatividade entre o estudante, a plataforma e o conhecimento. Os conteúdos e as práticas, bem como os procedimentos metodológicos e avaliativos, são adequados a essa modalidade. O docente assume o papel de tutor, dando a assistência e o suporte necessários aos alunos e, em geral, tudo isso é pensado e construído por uma equipe multidisciplinar.⁸¹

No Ensino EaD, todas as ações são pensadas e organizadas para serem aplicadas em ambientes virtuais. Ainda, no EaD, pretende-se uma maior autonomia dos estudantes; assim, o papel do professor passa a ser secundário, este ficaria a cargo apenas de orientar as ações dos alunos caso necessário. Na modalidade de “Ensino Híbrido”, é feita a utilização dos “recursos digitais”, no entanto, existe a “união entre aquilo que é realizado no espaço sala de aula (face a face) e aquilo que é executado em ambiente virtual, por intermédio desses recursos digitais”.

O Ensino Remoto Emergencial, por sua vez, deu-se em função da necessidade de distanciamento social imposta pela Pandemia de Covid-19. Por isso “as escolas migraram suas atividades pedagógicas para plataformas digitais”. Logo, o Ensino Remoto, não compreende nem uma modalidade, nem outra, porque as “aulas passaram a ocorrer em tempo real, nos chamados ‘momentos síncronos’, com exposições feitas pelos docentes em videoconferências”.⁸² Portanto, Segatti e Jordão definem o Ensino Remoto como “uma estratégia mitigadora que não supre todas as necessidades curriculares previstas”.

Durante a pandemia, os(as) professores(as) se viram diante de um novo desafio: o de dar continuidade à prática pedagógica, ou seja, “ministrar aulas para seu público, de alguma forma”.⁸³ A grande questão é como se deu a implantação desse novo formato de ensino? Houve uma preparação para a implantação desse novo formato de ensino? Como foi a recepção/adaptação de professores e alunos a essa nova realidade? Houve de fato aulas remotas? Quais mudanças se fizeram sentir na “cultura escolar”?

Não se pretende aqui produzir um debate de cunho maniqueísta ou reducionista, julgando se o Ensino Remoto é bom ou ruim. Busca-se, na verdade, refletir acerca das mudanças operadas durante a pandemia, sob o contexto educacional, que inclui a adoção do ensino remoto

⁸¹ SEGATI, A. F.; JORDÃO, R. S. Os Contextos do Ensino Remoto e Remoto/Presencial sob a Perspectiva dos Alunos do Ensino Médio durante a Pandemia da COVID-19. **EaD em Foco**, v. 12, n. 2, e1664, 2022. p. 3.

⁸² *Ibidem*, p. 3.

⁸³ ROCHA, Helenice; ANDRADE, Juliana; SILVA, Mônica Martins. **Informe do GT de ensino de história da educação às direções da Anpuh** – nosso posicionamento sobre o ensino remoto. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticias-destaque/item/5935-informe-do-gt-de-ensino-de-historia-e-educacao-as-direcoes-da-anpuh-nosso-posicionamento-sobre-o-ensino-remoto>. Acesso em: 07 mai. 2023.

e os impactos deste sobre o Ensino de História – bem como as possibilidades que surgiram a partir da inserção desta prática de ensino. Entende-se que determinados problemas sociais se tornaram mais latentes durante esse período, porém não se pode atribuir ao ensino remoto, toda essa carga social – a exemplo, da desigualdade social que é um problema de ordem estrutural.

Desta feita, faz-se necessário, ainda, pensar como a adoção do ensino remoto emergencial, afetou o cotidiano escolar. Par tanto, será refletido acerca da ideia de “cultura escolar”.⁸⁴

1.4) Cultura Escolar

Por se tratar de um trabalho voltado ao campo da educação, é preciso realizar uma reflexão acerca do conceito de “disciplina escolar”, bem como definir o termo “cultura escolar”. Logo, este estudo tem como objeto de análise o Ensino de História no contexto de Pandemia de Covid-19. Desta feita, faz-se uso das considerações apresentadas por André Chervel, Antônio Viñao, Circe Fernandes Bittencourt e Dominique Julia acerca dos conceitos já mencionados. No contexto europeu, Antonio Viñao, destaca que “a história das disciplinas escolares constitui um campo de investigação configurado a partir dos anos de 1970”.⁸⁵

Ademais, ao estudar a História das disciplinas, enquanto campo de pesquisa, André Chervel aponta que “o estudo histórico dos conteúdos do ensino primário ou secundário raramente suscitou o interesse dos pesquisadores ou do público”.⁸⁶ Os poucos trabalhos escritos apresentava o tema de forma geral, pois aborda apenas para “um exercício ou uma época precisa”.⁸⁷ Todavia, Chervel destaca o surgimento de uma “tendência entre os docentes, em favor de uma história de sua disciplina”.⁸⁸ Logo, sinaliza que “a noção de ‘disciplina’, não foi, objeto de uma reflexão aprofundada”.⁸⁹ Desse modo, o termo era utilizado de forma “banal”, comumente através de sinônimos como: “matérias, ou conteúdos de ensino”.⁹⁰

⁸⁴ VIÑAO, Antonio. A história das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 18 set./dez. 2008. p.189.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 173.

⁸⁶ CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, 1990. p. 177.

⁸⁷ CHERVEL, *op. cit.*, p. 177.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 177.

⁸⁹ CHERVEL, *op. cit.*, p. 177.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 178.

Como aponta o pesquisador citado anteriormente, a “disciplina é aquilo que se ensina e ponto final”.⁹¹ Não obstante, cabe ressaltar que o termo “disciplina” e “disciplina escolar”, até o século XIX, esteve atrelado à ideia de “vigilância dos estabelecimentos, a repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso”.⁹² Dito isto, Chervel resalta que o conceito “disciplina”, tendo como ideia os “conteúdos de ensino”, esteve ausente dos dicionários do século XIX e, em razão desta ausência, foram adotadas diferentes denominações neste período, para nomear o referido campo, a saber: “objeto”, “partes”, “ramos”, “matérias de ensino”, “faculdades”.⁹³ Assim, apenas a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o termo “disciplina” passou a ser utilizado com uma nova significação.

Ademais, no cenário brasileiro, Circe Fernandes Bittencourt, em “Abordagens históricas sobre a História escolar”, aponta que “a história do Ensino de história tornou-se objeto de análise a partir da década de 1980”.⁹⁴ Ainda segundo autora, ao analisar os anais e simpósios da Associação Nacional de Professores Universitários de História – ANPUH, destaca-se uma “permanência do tema dentre as investigações da área”.⁹⁵ Desta feita, Bittencourt evidencia que o estabelecimento do Ensino de História enquanto campo de pesquisa suscitou debates acerca das “especificidades e delimitações dessa linha de investigação”.⁹⁶ Neste sentido, a autora sinaliza que as produções estão por apresentar “diferentes abordagens sobre o tema e os desafios que as pesquisas têm enfrentado”.⁹⁷

Como aponta Bittencourt (2011), a história da educação passou a ser objeto de reflexão no contexto das reformas curriculares.⁹⁸ Por conta disso, “a história do Ensino de História, se insere em análises de conteúdos específicos”.⁹⁹

A História do Ensino de História, por vezes, se insere em análises de conteúdos específicos, como o caso do Ensino de História da América ou estudos sobre a História

⁹¹ *Ibidem*, p. 178.

⁹² *Ibidem*, p. 178.

⁹³ *Ibidem*, p. 178.

⁹⁴ BITTENCOURT, Circe Fernandes. Abordagens históricas sobre a História escolar. Porto Alegre, **Educação & Realidade**, v. 36, n. 1, p. 83-104, jan./ abr. 2011. p. 83.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 83.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 84.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 84.

⁹⁸ BITTENCOURT, *op. cit.*, p. 85.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 85.

dos povos Indígenas ou os de origem africana, estudos esses que vêm sendo especialmente abordados depois da promulgação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008.¹⁰⁰

Desse modo, Bittencourt faz uso das considerações de Elza Nadai, de modo a destacar a importância da História do Ensino de História para os debates acerca das “reformulações curriculares das áreas das Ciências Humanas”.¹⁰¹ Ademais, aponta como problemática questões “curriculares e reformas do ensino”, qual seja a “reintrodução das disciplinas História e Geografia como disciplinas autônomas em substituição aos Estudos Sociais”.¹⁰² Diante dos debates suscitados pelas temáticas em apreço, passou a se pensar, a partir das décadas de 1970 e 1980, em novos caminhos para o ensino e propostas curriculares que preconizavam as “experiências das práticas profissionais nas escolas”.¹⁰³ Assim sendo, era necessário pensar além disso na formação de professores.

Por sua vez Dominique Julia reflete a respeito da “cultura escolar” e da sua condição enquanto objeto histórico. Para tanto, destaca a sua relação tanto conflituosa quanto pacífica, com demais culturas do seu tempo, a saber: as “culturas religiosas, culturas políticas ou culturas populares”.¹⁰⁴ Dito isso, o autor, define como “cultura escolar”:

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).¹⁰⁵

Entretanto, Julia ressalta que as “normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens”.¹⁰⁶ Haja vista que são os profissionais da área da Educação que irão aplicar de fato as “normas e práticas” pensada para o ambiente escolar. Ainda, destaca as “culturas infantis”, ou seja, aquilo que é entendido aqui como a interação realizada pelos alunos durante o momento de

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 85-86.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 85, p. 88.

¹⁰² *Ibidem*, p. 85.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 85.

¹⁰⁴ JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, jan./jun. 2001. p. 10.

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 10.

¹⁰⁶ JULIA, *op. cit.*, p. 10-11.

socialização destes. Diante do contexto de Pandemia de Covid-19, essa aproximação durante o intervalo dos alunos, assim como as aulas presenciais, foi restringida por meio de recomendação dos órgãos de saúde. Logo, o afastamento, gerou implicações no processo de ensino-aprendizagem, já que criou uma espécie de barreira entre professores e alunos.

Ademais, Julia observa que “as problemáticas da história da educação refinaram-se consideravelmente, mas desconhecera em grande parte, parece-me, o estudo das práticas escolares”.¹⁰⁷ Assim, Julia aponta que os estudos realizados a partir da década de 1970, preconizaram as análises de textos normativos, em detrimento das práticas escolares. Logo, o autor aponta, para a necessidade de reflexão a respeito do “funcionamento interno dela”.¹⁰⁸ Para além, das reflexões sobre “disciplinas escolares” e “cultura escolar” é preciso, ainda, pensar acerca do uso das tecnologias de informação e comunicação – TICs, na educação, uma vez que será analisado a introdução do ensino remoto como alternativa ao ensino presencial.

De acordo com Anita Lucchesi, em “Por um debate sobre História e Historiografia Digital”, a educação está em um processo de “transição da cultura alfabética para a cultura digital”.¹⁰⁹ Lucchesi (2014), aponta que em razão da utilização das “mídias digitais”, houve uma “significativa distensão das noções de tempo e espaço”.¹¹⁰ Esse fato, pode ser percebido no contexto de Pandemia de Covid-19, uma vez que mais do que nunca, as tecnologias digitais se fizeram presente nos seio das relações sociais; uma vez que se tornou viável não só a comunicação, mas também a continuação de atividades essenciais, a exemplo, da educação. Nesse período, educadores e alunos fizeram usos das tecnologias ofertadas em diferentes plataformas para dar continuidade ao processo educacional.

Sabe-se que a realidade educacional brasileira se apresentava de maneira “diversa e desigual”,¹¹¹ contudo, durante a pandemia esse cenário ficou em maior evidência, especialmente pela determinação da “obrigatoriedade do comprimento, pelas escolas, de atividades virtuais em direta equivalência às presenciais”.¹¹² Dito isso, vale destacar a

¹⁰⁷ *Ibidem*, p. 11.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 12.

¹⁰⁹ LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e historiografia digital. **Boletim Historiar**, Sergipe, n.o 2, mar/ abr., 2014. p. 46.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 46.

¹¹¹ CAIMI, Flávia Eloisa; MISTURA, Letícia, MELLO, Pedro Alcides Trindade de. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? **Fronteiras**. Revista Catarinense de História, n. 37, jul/dez, 2021. p.10.

¹¹² *Ibidem*, p.10.

importância da reflexão acerca dos desafios enfrentados por professores e alunos durante a pandemia da Covid-19.

Com a chegada da pandemia no Brasil, muitos foram os desafios, especialmente no campo da educação, sobretudo no Ensino de História. Os tempos eram outros; portanto, os planos em curso precisavam ser refeitos. Dessa maneira, reflete-se aqui acerca dos principais desafios enfrentados por professores e alunos durante a Pandemia de Covid-19, que em grande medida afetaram o Ensino de História.

A Pandemia de Covid-19 trouxe um novo jeito de aprender e de ensinar. Ensinar por meio das telas, seja do computador, tablet ou do celular, remotamente ou por meio de envio de atividades; o que rompeu, assim, com a estrutura de ensino na qual estávamos tão habituados. Se antes o uso do celular era restrito em sala, este agora passou a ser extremamente necessário, para que as aulas pudessem ocorrer. Tal fato gerou um impacto significativo na vida dos alunos, professores e toda a comunidade escolar, que tiveram não apenas adquirir novos equipamentos, mais lidar com uso desses. A fim de que adquirissem novos meios para continuar o processo de ensino e aprendizagem.

Além da necessidade de novas ferramentas de ensino, foi preciso ainda ajustar o curso da “viagem”. Diante das restrições impostas pela pandemia, fez-se necessário a adoção de novas práticas de ensino, uma delas foi o Ensino Remoto Emergencial – ERE. A questão que fica que é, como fazer isso em tão pouco tempo e sem ter a formação adequada para essa nova realidade, imposta pela doença, em razão de sua gravidade. Logo, tais mudanças foram de imediato sentidas, tanto por professores, pais e alunos. Tal como se percebe nas considerações feitas por Flávio M. M. Ruckstadter:

Sobrecarga de trabalho, precariedade do ensino, incremento do uso de novas tecnologias da informação e comunicação, falta de equipamentos, evasão escolar, soluções ‘inovadoras’, desigualdade de condições para acesso e permanência com sucesso de nossos estudantes, dentre tantas.¹¹³

A complexidade das mudanças e a maneira como elas foram sendo implantadas foi um choque para toda a comunidade escolar. Assim, Marisa Noda e Marlene Cainelli, ao analisar o contexto educacional do estado paranaense na pandemia, evidencia duas situações a partir da adoção do Ensino Remoto. A primeira diz respeito à romantização da situação em questão, a

¹¹³ RUCKSTADTER, FLÁVIO, M. M. **A escola e o ensino de história: repensando a aula de história em tempos de pandemia**. Porto Alegre, Rs: Editora FI, 2021. p.13.

partir da ideia de necessidade do “esforço individual”. A segunda o “trabalho flexibilizado”, que segundo as autoras fazem parte da “agenda neoliberal”:

Primeiro, evidenciou a falta de acesso das famílias paranaenses à rede mundial de internet, crianças usando a tecnologia emprestado de vizinhos, em meio à descampados ou em cima de árvores, foram divulgados nos meios de comunicações, em reportagens falaciosas exaltando o esforço individual que cada um deve fazer para seguir estudando, retirando do Estado a responsabilidade de prover uma educação de qualidade e para todos, o segundo foi a entrada em massa de plataformas digitais, como ferramentas de trabalho, dentro das instituições de ensino público do estado do Paraná, tanto na rede ensino básico como dentro das universidades, conduzindo uma proposta de trabalho flexibilizado, composta por uma agenda neoliberal, as consequências desta ‘adequação’ serão sentidas pelos trabalhadores da educação de forma irreversível sobre suas condições de trabalho, propostas de que as plataformas digitais, em sua maioria advindas de empresas privadas, sejam parte de pacotes educacionais impostos pelos estados é uma realidade próxima, que distancia a relação alunos e professores.¹¹⁴

Deve-se destacar, ainda, o processo de adaptação a essa nova realidade, uma vez que o espaço escolar também confere sentido ao processo de ensino-aprendizagem. Assim, a rotina escolar também molda esses sujeitos, tanto professores, quanto alunos. Em certa medida, os professores foram incumbidos de dar continuidade a esse processo, mas de que maneira ocorreu esse processo? Quais os efeitos das novas demandas da pandemia para educação e de que forma isso reverberou no Ensino de História? Essas são questões que buscamos ainda compreender.

Nessa perspectiva, Cristiano Nicolini e Kênia Érica Gusmão Medeiros, apontam que “nesse cenário, somado à tragédia dos milhares de contaminados e mortos nesse período, todos tiveram de aprender a lidar com limitações de ordem técnica, social e cultural para dar conta do mínimo que se propunha nas diferentes situações educacionais.”¹¹⁵ A questão é como lidar com essas limitações?

A adoção do Ensino Remoto ocorreu em diferentes tempos e de maneiras diversas, por isso, é preciso investigar os efeitos da pandemia e, conseqüentemente, da adoção do Ensino Remoto Emergencial, a fim de considerar cada realidade. Ademais, Noda e Cainelli apontam que, “o modelo remoto auxiliou a diminuir o caminho de um tipo de educação a distância sobre a escola pública e também impôs a intensificação do trabalho aos trabalhadores da educação”.¹¹⁶

¹¹⁴ NODA, Marisa; CAINELLI, Marlene. (org.). **A escola e o ensino de história: repensando a aula de história em tempos de pandemia**. Porto Alegre, Rs: Editora FI, 2021. p.13.

¹¹⁵ NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. **Estudos Históricos**, Rio Janeiro, v. 34, n. 73, 2021. p.285.

¹¹⁶ NODA, *op. cit.*, p.17.

É bem verdade, que a partir da adoção dos ERE, muitos professores tiveram que se desdobrar para dar conta das demandas impostas – e de maneira quase que instantânea.

Desta feita, Flávia Eloísa Caimi, Letícia Mistura e Pedro Alcides Trindade de Melo analisam uma cena de aula que acontece remotamente com uma “turma sem rosto que está silenciosamente esperando que a ‘aula’ se desenvolva”.¹¹⁷ Com a adoção do Ensino Remoto Emergencial, ficou difícil para o professor manter o “controle”, sobre a aula e do processo de ensino-aprendizagem. Principalmente porque as aulas aconteciam no formato remoto, os alunos também passaram a ter domínio sobre esse espaço.

Assim, ao estar atrás de uma tela, os alunos escolhiam se queriam ou não participar das aulas. Muitos desligavam suas câmeras e seus microfones e, em certos casos não estavam presentes de verdade nesta, volta e meia surgiam quando eram solicitados. Os autores citam que ao tomarem a cena da aula como objeto de análise, perceberam que muitos alunos, apontam baixo aprendizado.¹¹⁸ Nesse sentido, vale uma reflexão mais profunda de como se deu o Ensino de História durante esse período. Isso será realizado no segundo capítulo, em que se analisa os relatos dos professores da rede pública estadual de Xinguara-PA.

¹¹⁷ CAIMI, Flávia Eloisa; Mistura, Letícia, MELLO, Pedro Alcides Trindade de. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? **Fronteiras**. Revista Catarinense de História, n. 37, jul/dez, 2021. p.11.

¹¹⁸ *Ibidem*, p.11.

CAPÍTULO 2

ENSINO REMOTO: OS DESAFIOS DE SE ENSINAR HISTÓRIA NO CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19, NA CIDADE DE XINGUARA-PA (2020-2022)

2.1) Xinguara-PA: da fundação da cidade ao estabelecimento das escolas públicas estaduais de ensino do município.

Ao longo da década de 1960-70, houve forte migração para a região sudeste do Pará, inúmeras famílias se deslocavam para a região, pois foram incentivadas pela forte propaganda disseminada pelo governo federal, que tinha como projeto a integração da região amazônica ao território nacional. Conforme aponta Magno Michell Marçal Braga, em *Rota Transamazônica: nordestinos e o Plano de Integração Nacional*, a migração para a Amazônia brasileira, durante o século XX, esteve atrelada ao desenvolvimento de diversos projetos na região, que tinha como objetivo a incorporação econômica da região ao restante do país.¹ Com relação aos projetos pensados para incentivar a ocupação e posterior desenvolvimento desta região, estão a construção de duas grandes rodovias, como cita Braga:

Os projetos desenvolvidos durante o período da ditadura civil-militar, a partir de 1964, foram iniciados nos primeiros anos do regime e utilizaram o argumento da integração nacional. Foram exemplos disso os dispositivos que alteram a lei de criação e regulamentação da zona franca de Manaus (decreto nº 2888 de 28.03.1967), e com o Plano de Integração Nacional (PIN), que visava, por meio da construção de duas grandes rodovias (Transamazônica e Cuiabá-Santarém), integrar e levar “desenvolvimento” à região amazônica.²

Assim como Braga, Idelma Santiago, em *Migração e Cultura no Sudeste do Pará*, destaca que a abertura de estradas teve forte impacto na ocupação da região sudeste do Pará.

A abertura das estradas, desde a Belém-Brasília, na década de 1960, e a PA-70 que ligou a região de Marabá àquela estrada (220 km), foi um fator fundamental – como caminho – para a entrada de novos migrantes. O fluxo migratório, antes dirigido para localizações às beiras dos rios (cidades e aglomerados), nesta nova fase dirigiu-se também as beiras das estradas, formando novos aglomerados.³

¹ BRAGA, Magno M. Marçal. **Rota Transamazônica: Nordestinos e o Plano de Integração Nacional**. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2015. p. 62.

² *Ibidem*, p.62.

³ SILVA, Idelma Santiago. **Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968- 1988)**. Goiânia: UFG, 2006. p.37.

Como é possível observar, a abertura de estradas possibilitou que inúmeras famílias se deslocassem de diferentes localidades para a região norte do país, em especial, o sudeste paraense. Como destacado anteriormente, tais migrações tiveram como incentivo as inúmeras propagandas disseminadas durante o governo militar no Brasil. Diversos *slogans*, circularam durante esse período e alimentaram o imaginário dos brasileiros que viam na região amazônica a possibilidade de mudar a sua condição socioeconômica. Dentre os *slogans* que circularam à época, pode-se destacar os “integrar para não entregar” e “terra sem homens para homens sem-terra”, como aponta a socióloga e cientista política Matilde de Souza, em “Transamazônica: integrar para não entregar”.⁴

Foi nesse contexto de “ocupação” e “desenvolvimento” da região amazônica que muitas cidades foram surgindo ao longo das rodovias que alargavam o país. A exemplo de Xinguara-PA, conforme aponta Idelma Santiago:

No sudeste do Pará, há ainda aquelas cidades construídas na década de 1970, às margens da PA-150, como Redenção, Rio Maria e Xinguara. (SILVA, 1999). São cidades formadas sob o impacto das migrações recentes e constituíram-se em corredor migratório para outras regiões do Estado e da Amazônia, especialmente na direção dos garimpos e florestas de Tucumã e São Félix do Xingu. A primeira das cidades citadas assumiu forte dinamismo e passou a polarizar aquela região, substituindo o papel que antes era desempenhado por Conceição do Araguaia⁵.

Nesse sentido, Marianne Schimink e Charles H. Wood, em “Conflitos sociais e a formação da Amazônia”, destacam que por meio da ação do DER – Departamento de Estradas de Rodagem, em 1976, teve início a construção da Rodovia PA-279, em direção à cidade de São Félix do Xingu. Conforme apontam Schimink e Wood, “a estrada começou a cerca de vinte quilômetros ao norte do povoado de Rio Maria, projetando-se rumo ao oeste a partir da Rodovia PA-150, o elo intensamente trafegado entre Conceição do Araguaia e Marabá”.⁶ Ao passo que as estradas foram sendo abertas, diversos migrantes ocuparam essa região, que inicialmente era denominada de Entroncamento do Xingu.⁷

⁴ SOUZA, Matilde de. Transamazônica: integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**. Vol. VIII, nº 01, abril, 2020. p. 134.

⁵ SILVA, *op. cit.*, p. 44.

⁶ SCHMINK, Mariane. WOOD, Charles H. **Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia**. Pará: EDUFPA, 2012. p. 225.

⁷ SCHMINK; WOOD, *op. cit.*, p. 225.

A cidade de Xinguara, se localiza entre as rodovias PA-150 e PA-279. O nome faz referência a dois grandes rios da região, a saber, Xingu e Araguaia. Hoje Xinguara é uma cidade com cerca de 45.416 pessoas, sua área total corresponde a 3.779.348 km². Seu Índice De Desenvolvimento Humano é de 0,646, conforme dados informados pelo Instituto Brasileiro Geográfico Espacial. Sua ocupação remete à década de 1970, mas somente em 13 de maio de 1982 foi que o povoado Entroncamento do Xingu passou a ser reconhecido administrativamente como município. Isso por meio da Lei Estadual de nº 5.082 de 1982.⁸

Figura 1 – Mapa da região Araguaia.



Fonte: Google imagens.

A Região Araguaia fica localizada na parte sul do Estado do Pará, sendo formada por 15 municípios: Água Azul do Norte, Banach, Conceição do Araguaia, Cumaru do Norte, Floresta do Araguaia, Ourilândia do Norte, Pau D'arco, Redenção, Rio Maria, Santa Maria das Barreiras, Santana do Araguaia, São Félix do Xingu, Sapucaia, Tucumã e Xinguara.

Ademais, além da abertura de estradas, pode-se destacar a oferta de terras como um dos fatores que contribuíram com a forte migração para a região, consoante citam Schmink e Wood:

⁸ IBGE. Xinguara. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/xinguara/historico>. Acesso em: 24 jun. 2023.

A estrada em si não era o único incentivo para o assentamento migrante na encruzilhada das duas estradas. Agricultores foram atraídos para Xinguara pela esperança de receber um lote de terra na área de colonização promovida pelo governo estadual. O que realmente ocorreu foi que o projeto começou como parte da estratégia da campanha eleitoral de um fracassado candidato a um cargo político, e nunca foi concluído.⁹

De acordo com Schmink e Wood, “num lugar como o sul do Pará, a oferta de terras gratuita era uma forma efetiva de chamar a atenção das pessoas”;¹⁰ assim, motivadas pela possibilidade de se obter um pedaço de terra, muitas famílias se deslocaram para a região sudeste do Estado do Pará. Contudo, a questão da terra nesta região, tem sido objeto de reflexão de vários autores, em virtude dos violentos conflitos entre fazendeiros e colonos.¹¹ À vista disso, Xinguara-PA, apesar de ser uma cidade fundada recentemente, carrega consigo distintas faces, histórias e identidades. Areladas tanto ao capital, quanto ao social.

Ao analisar a perspectiva do lugar, desde sua formação, organização e as narrativas construídas, percebe-se algumas particularidades tanto do local quanto dos sujeitos que integram esse espaço. Desse modo, faz-se necessário essa reflexão a partir do campo da História local, aqui entendido como:

O pequeno recorte de uma vizinhança, ou de uma comunidade de migrantes, ou de uma prática cultural que se localiza no interior de um lugar”. “[...] a “História Local”, na historiografia brasileira, costuma se referir a cidades, bairros, vizinhanças, aldeias indígenas.¹²

Para José de Assunção Barros, é preciso considerar nas análises tanto a perspectiva temporal, quanto espacial. Haja vista que, “[...] “Toda história é local”, assim como toda história é pronunciada de um certo momento no tempo, qualquer história é produzida também a partir de um “lugar” [...]”.¹⁸⁴

Definir a história como o estudo do homem no tempo foi, portanto, um passo decisivo para a expansão dos domínios historiográficos. Contudo, a definição de História, no seu aspecto mais irredutível, deve incluir ainda uma outra coordenada para além do ‘homem’ e do ‘tempo’. Na verdade, a História é o estudo do Homem no Tempo e no Espaço. As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço

⁹ SCHMINK; WOOD, *op. cit.*, p. 226.

¹⁰ *Ibidem*, p. 226.

¹¹ *Ibidem*, p. 226.

¹² BARROS, José D’Assunção. **A Expansão da História**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. p. 182-183.

geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constituir-se-á em espaço social.¹³

A respeito da História local, Joana Neves conceitua o campo de estudo, como “o conhecimento histórico, sob a perspectiva local, e pode significar: o local como **objeto** do conhecimento e/ou o local como referência para o conhecimento.”¹⁴ Logo, deve-se considerar a importância de se trabalhar com esse campo historiográfico que surge, conforme indica Assunção, na França, por volta de 1950:

A “História Local”, surgiu na França por volta de 1950 acoplada ao projeto de não abrir mão da totalidade. Segundo Pierre Goubert, “sua emergência havia sido motivada a partir da combinação entre o interesse em estudar uma maior amplitude social (e não mais apenas os indivíduos ilustres, como nas crônicas regionais do século XIX)”.¹⁸⁷

A História local, permite perceber as nuances de determinados locais e as narrativas e identidades que se constrói a partir desse espaço.

A História Local – ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico – surgia precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das nações ocidentais.¹⁵

Nesse sentido, percebe-se que desde sua fundação na década de 1970, a cidade de Xinguara passou por inúmeras transformações. Seu percurso histórico está atrelado a diferentes fatores, que incluem tanto questões sociais, quanto econômicas, ambientais e religiosas. Diversos grupos buscam contar a história da cidade a partir diferentes perspectivas. Assim, conforme aponta Sandra Jatahy Pesavento, “são antigas, as chamadas ‘histórias de cidades’.”¹⁶

São antigas, contudo, as chamadas ‘história de cidade’ muitas delas feitas ‘de encomenda’, em que alguém é convocado a escrever e se dispõe a reunir dados sobre a urbe e ordená-los, dando a ver um tempo de origens, um acontecimento fundador, acrescido da poesia de uma lenda, por vezes, e frequentemente de uma saga ocorrida nas épocas mais recuadas, realizada pelo povo fundador guiado por suas lideranças.¹⁷

¹³ BARROS, *op. cit.*, p.96-97.

¹⁴ NEVES, Joana. História Local e construção da identidade social. **Revista Saeculum**, jan./dez. 1997, p.15.

¹⁵ BARROS, *op. cit.*, p.108.

¹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História** [online], v. 27, n. 53, 2007. p. 12.

¹⁷ PESAVENTO, *op. cit.*, p. 12.

Em Xinguara não foi diferente, muitos grupos reclamam para si a história da cidade, pois buscam forjar assim, uma identidade social que, segundo Joana Neves, refere-se a “um atributo de sujeitos da história que se definem e se reconhecem na ação”.¹⁸ Portanto, há aqueles que se autodenominam “pioneiros”, os primeiros que aqui chegaram e fundaram o pequeno povoado “Entroncamento do Xingu”, na tentativa de se forjar a identidade a partir do lugar. No livro publicado pelo escritor e médico oftalmologista, Wilton Borges de Azevedo, em “Entroncamento do Xingu: nos tempos da colonização”, percebe-se a tentativa de se construir uma história do lugar. Isso a partir da narrativa dos ditos “pioneiros”.

Na entrada de uma pequena vila, aberta por colonizadores vindos do Centro-Oeste, Nordeste e Estados sulistas, conhecida como Entroncamento do Xingu, numa rua lamacenta, margeada por imensas dunas de serragem de várias tonalidades, aparecia lentamente um fusca vermelho bastante sujo, apesar de estar sendo lavado pela mãe natureza.¹⁹

Por meio de seu texto, Borges busca destacar o processo de ocupação do sul e sudeste do Pará e, conseqüentemente, a fundação da cidade de Xinguara; bem como os desafios enfrentados por algumas famílias que nela se estabeleceram.²⁰

Na década de setenta, a corrida desenfreada de desbravadores vindos dos mais distintos recantos do Brasil fazia do sul do Pará um verdadeiro formigueiro humano movido pela emoção e o sonho de uma vida melhor. Eles queriam ouro. Queriam terra. Queriam mudar de vida. Ganhar a vida...Essa busca tinha como ponto de parada Conceição do Araguaia, cidade centenária, fundada pelo francês Frei Gil Vilanova.²¹

Ainda sobre a perspectiva do pioneiro, Francisco Durães aponta em “A Pata do Boi: os impactos ambientais na região do Araguaia paraense, que diversas famílias motivadas pela intensa propaganda realizada durante o regime militar brasileiro 1964-1988. Para Durães, “a história da cidade se confunde também com as histórias de vida dos moradores como Antônio Pedrosa, Pastor Tuniquinho, João Baiano, Raimundo Henrique, Henrique Francisco Ramos e Geraldo Procópio, entre outros”.²²

¹⁸ NEVES, *op. cit.*, p. 15.

¹⁹ BORGES, Wilton. **Entroncamento do Xingu**. Xinguara-PA: Ed. Do autor, 2011. p. 7-8.

²⁰ Tomamos aqui a obra de Wilton Borges, como fonte histórica, uma vez que, a publicação trata-se de uma obra de caráter literário e não apresenta discussões teóricas e metodológicas que lhe confere o status de produção científica.

²¹ BORGES, *op. cit.*, p. 21.

²² DURÃES, Francisco. **A “Pata do boi” e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense**. Jundiáí, Paco Editorial: 2016. p. 91.

Nessa perspectiva, o município de Xinguara-PA, passou de pequeno povoado outrora denominado “Entroncamento do Xingu” que foi fundado por famílias migrantes que se deslocaram de diferentes regiões do país e se estabeleceram ao longo das rodovias recém-abertas, por meio da iniciativa do governo federal, como já mencionado. Nesse contexto, Francisco Durães, em “A Pata do Boi: e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense, reflete acerca do discurso do desenvolvimento ‘na pata do boi’: “a evolução histórica do município pode ser caracterizada por ciclos econômicos ancorados, cronologicamente, em produtos como a madeira, os garimpos e a pecuária extensiva”.²³

Ademais, é possível perceber que a cidade de Xinguara, ganha por meio das múltiplas narrativas diferentes facetas, já que cada grupo apresenta uma perspectiva distinta do município, seja por meio do viés econômico, social, político ou religioso. Assim, cada narrativa reclama para si, a tarefa de construir a história da cidade como uma função a ser desempenhada; ou seja, um “mito fundador”. Assim, a partir da História local é possível apresentar outras visões e, inserir novos sujeitos a esse processo histórico.

Com isso, a História local, por ser um campo interdisciplinar possibilita o diálogo com outras áreas, a exemplo da *História Oral*. Assim, conforme Raphael Samuel:

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele produzido no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos”.²⁴

Com efeito, a *História Oral*, por meio da realização de entrevistas permite acessar a memória e as narrativas de diferentes sujeitos históricos. Alessandro Portelli caracteriza a história oral, como a “arte da escuta”.²⁵ Esta, por sua vez, não diz respeito apenas ao fato em si, uma vez que inclui o “lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”.²⁶

Na mesma linha, Selva Guimarães Fonseca, da História local, e por meio da fonte oral é possível refletir sobre as experiências vividas no passado e no presente, no local, na região, no País; pode-se organizá-las, registrá-las, reconstruí-las, de forma que elas não se percam e

²³ *Ibidem*, p. 88.

²⁴ SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**. História em Quadro-negro: escola, ensino e aprendizagem. São Paulo: ANPUH/MARCO ZERO, 1990. p.210.

²⁵ PORTELLI, *op. cit.*, p. 10.

²⁶ *Ibidem*, p. 12.

passem a fazer parte da nossa cultura, das nossas tradições.²⁷ O que leva à reflexão sobre o conceito de memória.

De acordo com Pollak, em “Memória e Identidade Social”, a “memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”.²⁸ Contudo, segundo a mesma referência, “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.²⁹ Vale destacar ainda, conforme Pollak, que a memória possui elementos constitutivos que devem ser observados, quais sejam, “acontecimentos, pessoas ou personagens e lugares”.³⁰

No Ensino de História, a História local é utilizada como estratégia de ensino para se pensar a “formação de cidadãos conscientes”.³¹ De acordo com, Geraldo Horn e Geyso Germinari “no Brasil a História local já vem sendo proposta nos currículos do ensino fundamental há pelo menos duas décadas, assumindo diferentes abordagens”.³² Ademais, José Ricardo Oriá Fernandes, aponta que a “finalidade básica do ensino da História na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica que o caminhe para outras reflexões”.³³

Logo, consoante Fernandes “o Ensino de História Local vem, de certa forma, romper com esta visão tradicional em que prioriza o estudo da chamada “História Geral da Civilização Brasileira”.³⁴ Marcia Gonçalves, ressalta que “a ênfase sobre a história local não se opõe às histórias nacionais. O recorte sobre história local apenas designa uma delimitação temática mais ou menos inclusiva, em função das redes de interdependência e sociabilidade entre determinados atores, no lugar escolhido”.³⁵

²⁷ FONSECA, Selva. História Local e fontes Orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **Revista História Oral**, vol. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006. p. 126-127.

²⁸ POLLAK, *op. cit.*, p. 201.

²⁹ *Ibidem*, p. 201.

³⁰ *Ibidem*, p. 201.

³¹ ALVES, Luís Alberto Marques. **A História local como estratégia para o ensino da História**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano [?]. p. 65.

³² HORN, Geraldo; GERMINARI, Geyso. **O ensino de História e seu currículo**. São Paulo: Vozes, 2006. p. 119.

³³ FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um Lugar na Escola para a História Local. Recife: **ANPUH** (texto mimeografado), 1995. p. 44.

³⁴ *Ibidem*, p.46.

³⁵ GONÇALVES, Márcia. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette; MAGALHÃES, Marcelo. **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.181.

Porém, Gonçalves destaca que um dos maiores desafios da História local hoje é:

“[...] o de produzir outra pedagogia da história, em especial, uma historiografia didática que incorpore o local, parta dele e nisso valorize um caminho de sensibilização que configure a consciência histórica, na sua materialidade historiográfica, como possibilidade de “reconhecer a identidade pelo caminho da insignificância [...]”.³⁶

Com isso, o Ensino de História local, possibilita os sujeitos se perceberem e se inserirem aos processos históricos. Saber que tanto fazem parte desse processo, quanto são protagonistas dessa história. Aproxima esses sujeitos da realidade local e possibilita a estes, romper com estruturas de dominação reforçadas por essas narrativas que se pretende se impor enquanto dominantes.

Desse modo, em meio a esse conjunto de ocupação do município de Xinguara-PA, e construção de uma identidade que seja capaz de representar a cidade, que outrora não passava de um vilarejo, fundado na década de 1970, chamado de “Entroncamento do Xingu”, e tinha sua administração atrelada a cidade de Conceição do Araguaia-PA, que a urbe cresceu, desenvolveu-se, logo, novas demandas surgiram, em particular a educacional. Assim, com o advento da emancipação em 1982, essas questões tornaram-se cada vez mais urgentes e necessárias. Por isso passou-se a pensar na construção de unidades escolares para atender tal finalidade. Nesse contexto, foi fundada uma das primeiras instituições de ensino de Xinguara-PA, a saber, a Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha, localizada na Rua Marechal Cordeiro de Farias, nº 537, Centro de Xinguara-PA.³⁷

³⁶ *Ibidem*, p.182.

³⁷ Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 2019. p. 3.

Figura 2 – Escola Estadual Dom Luiz de Moura Palha.



Fonte: Projeto Político Pedagógico.

Desta feita, tem-se como objeto de análise o Projeto Político Pedagógico da referida instituição, de modo que é possível inferir parte da sua trajetória e sua perspectiva de ensino. Para tanto, teve-se como referências as discussões levantadas por Ilma Passos Veiga a respeito da importância do PPP. Para ela, frequentemente, “o projeto político pedagógico tem sido objeto de estudo de professores, pesquisadores e instituições educacionais em nível nacional, estadual e municipal, em busca de melhoria da qualidade do ensino”.³⁹

Assim, Veiga caracteriza o PPP, como:

O projeto político-pedagógico é entendido, neste estudo, como a própria organização do trabalho pedagógico da escola. A construção do projeto político-pedagógico parte dos princípios de igualdade, qualidade, liberdade, gestão democrática e valorização do magistério. A escola é concebida como espaço social marcado pela manifestação de práticas contraditórias, que apontam para a luta e/ou acomodação de todos os envolvidos na organização do trabalho pedagógico.⁴⁰

A Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha é considerada uma das primeiras unidades de ensino do município de Xinguara-PA. Sua fundação ocorreu na década de 1980, quando Xinguara-PA ainda era distrito de Conceição do Araguaia. A escola por sua vez, contou com recursos provenientes do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

³⁸ Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 2019, p. 3.

³⁹ VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: Papirus, 1998. p. 1.

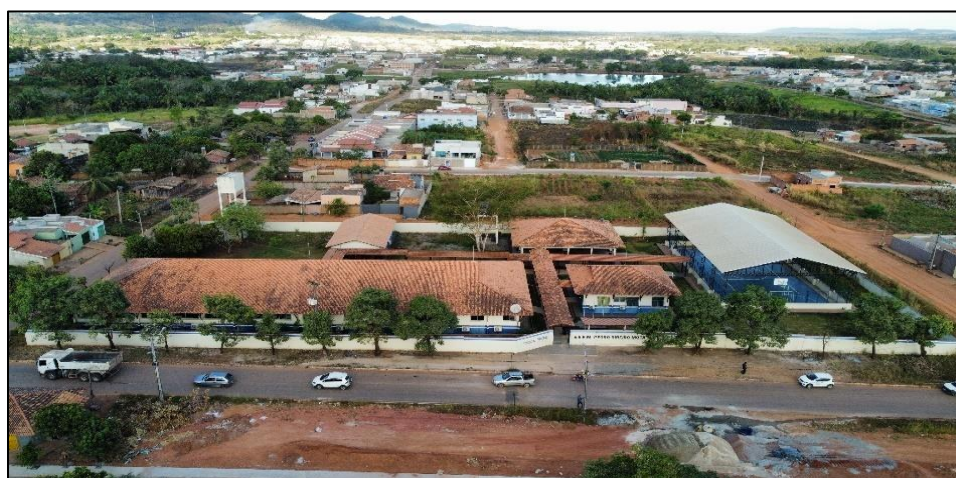
⁴⁰ *Ibidem*, p. 6.

– INCRA, para sua construção.⁴¹ Hoje a unidade de ensino é mantida com verbas do Governo do Estado do Pará e atende alunos da zona rural e urbana.

Atualmente as turmas de Ensino Médio funcionam em 03 turnos no prédio da escola, e ainda em mais dois (02) anexos em um turno, anexos estes que são: Ensino Médio Anexo Raimundo Henrique de Miranda (urbana); Anexo II no Distrito Rio Vermelho (noturno) localizado a aproximadamente 90 quilômetros da sede do município, e Anexo III Distrito São José (vespertino e noturno) cerca de 120 quilômetros da sede, funcionam desde o ano de 2015 sob a portaria nº32/2015 SAEN/SEDUC que substituiu a modalidade SOME pelo Ensino Médio Regular naquelas localidades.⁴²

A Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha, não é a única escola estadual do município, conta-se ainda com a Escola Raimundo Henrique de Miranda (anexo), conforme citado acima e a Escola Estadual de Ensino Médio Pedro Ribeiro Mota, localizada na Rua 7 de Setembro, s/n, no Bairro Selectas, no município de Xinguara-PA. A unidade escolar também faz parte do campo de observação desta pesquisa, haja vista que nossos entrevistados atuaram na instituição no período em questão.

Figura 3 – Escola Estadual Pedro Ribeiro Mota.



Fonte: Agência Pará.

A escola foi inaugurada no ano de 2006, e seu primeiro gestor foi o professor de História, Gilson França. Esse, por sua vez, sugeriu o nome do senhor Pedro Ribeiro Mota, um dos primeiros moradores da cidade, denominado “pioneiro”, que era servidor público do

⁴¹ Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 2019, p. 3.

⁴² *Ibidem*, p. 3.

município de Xinguara-PA – onde desempenhava a função de guarda da Escola Municipal Jader Fontenelle Barbalho –, no qual teve seu nome escolhido em razão de sua atuação na cidade.⁴³ Segundo dados apresentados no Projeto Político Pedagógico da instituição, referente ao biênio 2018-2020, a escola atendia cerca de 400 alunos, dividido em três turnos: manhã, tarde e noite. E tinha uma clientela bastante diversificada com alunos tanto da zona urbana, quanto da zona rural.⁴⁴

Ademais, será abordado no próximo tópico reflexões acerca do Ensino de História na Pandemia de Covid-19, tendo como referência a realidade educacional das escolas públicas estaduais do município de Xinguara-PA. Para tanto serão analisadas duas entrevistas que foram realizadas com professores de História, que atuaram durante a Pandemia de Covid-19, na referida cidade e nas unidades escolares citadas acima.

Logo mais serão verificados os dados obtidos sobre a Pandemia de Covid-19 e o Ensino de História, por meio da aplicação de questionário aos alunos que cursaram o segundo grau durante esse período. Deve-se ressaltar que o questionário foi respondido tanto por alunos oriundos de escolas públicas quanto de instituições privadas. Para que se possa refletir, assim, sobre o Ensino de História na Pandemia de Covid-19, a partir das duas realidades, e observar também as particularidades de cada contexto.

2.2) Ensino de História na Pandemia de Covid-19: um estudo a partir da realidade educacional das escolas públicas estaduais de Xinguara-PA

Neste momento, serão analisados os relatos dos profissionais da Rede Pública Estadual de Ensino da cidade de Xinguara-PA, na qual atuaram com a disciplina de História durante a Pandemia de Covid-19. Dito isto, foi realizado duas entrevistas com os referidos docentes e se espera que a partir das fontes apresentadas compreenda-se como ocorreu o Ensino de História nesse período; bem como os desafios enfrentados pelos educadores e alunos diante desse cenário.

A Pandemia de Covid-19 impactou a realidade de diferentes formas, pois gerou crise em diversos setores, dentre eles, sanitário, político, econômico, social, religioso e educacional. Este último foi tomado aqui como objeto de estudo para que se analise os desafios enfrentados

⁴³ Escola Estadual de Ensino Médio Pedro Ribeiro Mota. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 20182020, p. 15.

⁴⁴ Escola Estadual de Ensino Médio Pedro Ribeiro Mota. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 20182020, p. 12.

por professores e alunos nas instituições de ensino na cidade de Xinguara-PA. Sobretudo, os efeitos da Pandemia de Covid-19, na disciplina de História. Por uma questão metodológica, optou-se por trabalhar apenas com as unidades escolares públicas estaduais.

A rede pública estadual do município de Xinguara-PA é composta por três unidades escolares, a saber: a escola Dom Luiz de Moura Palha – localizada na Rua Marechal Cordeiro de Farias, nº 537, Centro de Xinguara-PA –, a escola Raimundo Henrique de Miranda – localizada na Rua Nove, no Bairro Itamarati –, e a escola Pedro Ribeiro Mota – situada na Rua 07 de Setembro, s/n, Setor Selectas⁴⁵. Essas últimas são consideradas anexos, ou seja, uma extensão da escola Dom Luiz de Moura Palha, considerada também uma das primeiras casas de ensino do município.

Por se tratar de uma pesquisa no campo da História, mais especificamente do Ensino de História, volta-se aqui o olhar para os professores que atuaram na rede pública e na disciplina de História. Devido os docentes entrevistados atuarem nas instituições citadas acima, realizamos apenas duas entrevistas.

A Pandemia de Covid-19, além dos seus efeitos catastróficos com relação às inúmeras perdas humanas, gerou uma série de transformações que demandam o olhar sobre elas, em particular, sobre o contexto educacional. O cenário pandêmico, não é exclusivamente o responsável pela crise educacional vivenciada no país. Contudo, não se pode negar que, com a entrada da doença no país, e posterior paralisação das atividades escolares, essa crise tornou-se cada vez mais evidente o que agravou ainda mais essa situação. Isso envolve desde a falta de políticas públicas que melhorem a qualidade do ensino, a capacitação dos profissionais da área da educação, investimentos em infraestrutura e desenvolvimento de pesquisas científicas.

Só que em função da Pandemia de Covid-19, professores, pais e alunos tiveram que se adaptar a uma nova realidade educacional, permeada pelo uso das tecnologias digitais, a saber o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Logo, as atividades que outrora eram desenvolvidas de forma presencial passaram a ser adaptadas e, em alguns casos, aplicadas de forma remota, ou seja, *on-line*, como se costuma mencionar.

Por causa disso a Pandemia é o objeto deste estudo, já que se tem o objetivo de se compreender os efeitos desta sobre o Ensino de História, bem como as estratégias adotadas e aplicadas para dar continuidade às atividades escolares. Desta feita, propôs-se uma análise do contexto educacional das escolas públicas estaduais do município de Xinguara-PA, assim como

⁴⁵ Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 2019, p. 3. Dados informados no Projeto Político Pedagógico (PPP) das referidas instituições.

foram utilizados relatos orais de professores que atuaram nas instituições citadas acima, ministrando a disciplina de História.

Para além, das entrevistas realizadas com os docentes, foram aplicadas ainda um questionário para os alunos oriundos tanto da escola pública quanto da rede privada, cujo intuito foi realizar uma análise de ambas as realidades. Ademais, por questões éticas e para resguardar a identidade dos entrevistados, ao serem citados, os entrevistados serão nomeados de docente 1 e docente 2.

A primeira entrevista foi realizada no dia 30 de novembro de 2022, na cidade de Xinguara-PA, com o docente 1. Inicialmente, pediu-se para que esse se identificasse, informasse sua área de formação e atuação. Desse modo, o docente1, informou que era “formada em História, especializada em História e Geografia, tenho mestrado pelo ProfHistória, e eu atuo como professora de História da educação básica”.⁴⁶ A próxima pergunta foi se o educando havia ministrado aulas de História durante a Pandemia de Covid-19. O docente 1 respondeu que “até o ano passado eu trabalhava nas duas, inclusive durante a pandemia, né que é o período que você falou na observação, então trabalhava em duas escolas nesse período. Atualmente por conta do novo ensino médio que acabou de começar eu fiquei em uma escola só”.⁴⁷

Dito isso, ao ser indagado sobre sua atuação como professor de História no período pandêmico, o docente 1 relatou que houve certo atraso por parte do Governo do Estado do Pará, no tocante à retomada das aulas – principalmente em comparação com outras instituições de ensino. Como pode se ver:

começando que o Estado do Pará, ele teve um pouco de atraso, com relação ao início das aulas remotas, né, porque ficou aquela confusão se era remota, se era online, se era híbrido, como é que é, ninguém sabia muito bem o que acontecia, todo mundo fazendo formação, tentando se inteirar, mas a gente tinha tido antes disso uma formação sobre as ferramentas do *Google*, ninguém nem falava sobre pandemia ainda, teve um momento aqui. Então a gente tinha aberto o e-mail, o *Gmail* e tinha o *Google* drive, e isso ficou esquecido e depois durante, começou a pandemia, naquele tempo todo mundo achando que quinze dias passava, não passou o Estado do Pará começou a implementação desses e-mails e das, das salas de aula no *Google Classroom*. Mas, nós demoramos três meses com relação ao município de Xinguara e em relação a outros Estados que começou quase que com quinze dias, já começaram. Nos demoramos bastante, né por isso nosso ano letivo inclusive está meio, meio o calendário está meio distorcido ainda.⁴⁸

⁴⁶ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022, com o docente 1.

⁴⁷ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022, com o docente 1.

⁴⁸ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

Assim, a incerteza destacada pelo docente 1 é característica do momento atípico vivido por todos durante a Pandemia de Covid-19, em especial, pelos profissionais da área da educação, que estavam imersos a esse imbróglio e, mesmo sem saber por onde começar, tiveram de buscar meios para viabilizar a continuidade do ensino. Principalmente, porque quando se teve notícias da doença e da rapidez com que o vírus se espalhava, muitas informações foram veiculadas nas mídias; porém nem todas eram de fato verídicas.

Desse modo, a falta de controle sobre essa situação, além do desconhecimento das causas e do tratamento da doença, fez com que o clima de incerteza pairasse sobre todos. A verdade é que ninguém estava preparado para lidar com essa circunstância. A Pandemia de Covid-19 veio para mostrar que mesmo diante de tantos momentos históricos semelhantes a esse e dos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, nem de perto se estava preparado para uma conjuntura como aquela.

Nesse sentido, no Estado do Pará, assim como em outras regiões do Brasil, as aulas foram suspensas no dia 17 de março de 2020. A priori, a medida previa uma paralisação de 15 dias, ou seja, até 31 de março. A decisão foi tomada pelo Governo Estadual, segundo recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), como forma de contenção e redução da propagação do vírus.

Contudo, com o agravamento da situação, fez-se necessário o adiamento desse retorno, assim sendo, o Poder Público Federal e o Estadual optaram por manter a paralisação. O que prorrogou a medida de suspensão, mas agora usando como estratégia a antecipação das férias escolares do mês de julho.⁴⁹ Como a doença não recuava, pelo contrário, aumentava cada vez mais o número de infectados, a situação ficou insustentável; logo, foi preciso adotar medidas que pudessem garantir a continuidade das atividades escolares. Por isso passou-se a fazer uso dos recursos e as estratégias utilizadas na Educação à Distância – EaD, para dar continuidades ao ano letivo. Assim, diante do contexto em que se estava inserido, o novo formato de ensino ganhou formas e definições, aulas *on-line*, remota e, posteriormente, híbrida.

É muito comum a confusão a respeito das modalidades de ensino. No entanto, é preciso compreender que a Educação a distância, possui “desde o planejamento até a execução de um curso ou de uma disciplina, um modelo subjacente de educação que ampara as escolhas pedagógicas e organiza os processos de ensino e aprendizagem”.⁵⁰ Logo, o Ensino Remoto Emergencial, o próprio nome já diz do que se trata: é uma medida excepcional usada em razão

⁴⁹ BRASIL. MEC. Ministério da Educação: Conselho Nacional de Educação. DF: Parecer nº5/2020. p.1.

⁵⁰ VALENTE, *op. cit.*, p.1.

do cenário em que o país se encontrava. Já o ERE é uma “adaptação curricular temporária” usada como alternativa para que ocorram as atividades acadêmicas relacionadas às diversas disciplinas dos cursos, devido às circunstâncias de crise”.⁵¹

Ademais, de acordo com o docente 1, antes mesmo da Pandemia de Covid-19 chegar no Brasil, a Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC/PA, chegou a oferecer um curso *on-line* sobre as ferramentas do *Google*. Porém “ninguém nem falava sobre pandemia”.²³⁴ Por conta disso os docentes tiveram contato com as seguintes ferramentas “*Gmail* e *Google Drive*”,⁵² Só que o curso em questão não foi suficiente para preparar os professores para o desafio que estavam prestes a enfrentar. Primeiro que o conhecimento sobre as tecnologias da informação e comunicação não se resumem a conhecer apenas as ferramentas do *Google*, segundo sugere o entrevistado, em razão de ter acontecido antes mesmo da pandemia ocorrer esse conhecimento meio que “ficou esquecido”.⁵³

Foi questionado, ainda, como o docente 1 teria lidado com a notícia da existência da doença. Ele, por sua vez, respondeu que foi algo “desesperador” e “catastrófico”, como se pode ver:

lidei desesperadamente, assim é eu assistia a TV, e ficava muito preocupada assim, eu me lembro principalmente em acompanhar aquele momento da Itália, num dia que falou que morreram oitocentas e poucas pessoas eu achava aquilo impossível de acontecer, oitocentas pessoas morrerem no mesmo dia de uma mesma doença, e achei que aquilo estava muito distante, nunca imaginei que aconteceria com a gente, e com a morte de mais pessoas, foi extremamente chocante para mim essa notícia. Realmente é eu sempre encarava como se não fosse chegar tão fácil aqui, que as pessoas iam descobrir coisas primeiro antes que chegasse, mas enfim né. É foi catastrófico.⁵⁴

Vale destacar que, os educadores não tiveram de lidar apenas com a incerteza do momento, medo da doença, mas também com a pressão de continuar a ministrar aula ou a viabilizar meios e recursos para que o processo educacional continuasse. A prática docente tem mudado constantemente: há novos recursos sendo criados, novas demandas impostas. E com a chegada da pandemia da Covid-19, passou-se a exigir cada vez mais do profissional da área da educação.

⁵¹ *Ibidem*, p.1

²³⁴ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁵² Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁵³ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁵⁴ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

O processo de modernização da sociedade já exigia do professor a atualização constante do saber, principalmente, a introdução de novos recursos e metodologias. Diante do contexto, foi perguntado ao docente 1 como foi o Ensino de História nesse período. Segundo ele, “após a implementação do *Google* sala de aula, foi possível mais organização nesse processo”, como se verifica:

Depois da implementação da sala de aula do *Google*, a gente começou a ter um pouco mais de organização e os alunos tinham que vir aqui na escola pra pegar o e-mail porque eles ainda não tinha acesso, criamos as salas, aí foi possível um pouco de organização, porém é o seguinte havia um número de alunos frequentes nas atividades que a gente enviava e recebia, não havia muitos alunos frequentes nas aulas do *Google Meet*, nas aulas de vídeo, nas aulas onde a gente conversava, nunca houve um número muito frequente de alunos nessa modalidade, mas quanto as atividades, o Ensino de História foi sendo desenvolvido, foi sendo desenvolvido a gente apresentou a lidar com o *Google* formulários, primeiro enviando questões de múltipla escolha né, o *Google* te dá as respostas, te dá os gráficos, isso foi muito legal.⁵⁵

É difícil se pensar uma educação “democrática” e de qualidade diante de um cenário como esse. Em que a proposta encontrada para continuar a ensinar era o contrário daquilo que se prega de educação enquanto direito. Por isso a ausência citada pelo docente 1, em muitos casos, pode ser explicada pela “desigualdade de condições para o acesso e permanência com sucesso de nossos estudantes.”⁵⁶

Muitos foram os desafios e em muitos casos a dificuldade se mostrou mais latente. A exemplo tem-se os casos em que o alunado é oriundo de zonas rurais e periféricas, conforme indica Catarina da Silva Medeiros:

“[...] ao levar o processo de ensino para o contexto doméstico, descortinaram-se as formas de desigualdades presentes nos ambientes escolares, principalmente em área rurais e periféricas do Brasil. Nas áreas distantes dos centros urbanos da Região Norte do Brasil, em que as águas dos rios que banham essa região, em determinados espaços são escuras e profundas, sendo pouco possível a visibilidade do que se encontra debaixo delas, além disso, suas margens são cheias de resíduos florestais e lama, que surgem e desaparecem de acordo com as enchentes e vazantes.”⁵⁷

A desigualdade socioeconômica existente no Brasil e no mundo faz com que muitos alunos, ainda em pleno século XXI, estejam fora da escola e/ou que tenham uma educação formal de qualidade. Durante a Pandemia de Covid-19, muitos alunos foram privados de ter

⁵⁵ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁵⁶ RUCKSTADTER, Flávio M. (org.). **A escola e o ensino de história: repensando a aula de história em tempos de pandemia**. Porto Alegre, Rs: Editora FI, 2021. p. 13.

⁵⁷ MOREIRA, Catarina da Silva. “E eu, professor?!: o ensino remoto de história e o cenário de inclusão deficitária em áreas rurais e periféricas do Estado do Pará. **Fronteiras**, n. 37, p. 24-44, jul., -dez./2021. p. 32.

acesso a esse direito básico previsto pela Constituição Federal de 1988, em razão da sua condição social, principalmente, aqueles que moram em áreas rurais e periféricas onde o acesso à internet é um grande desafio, conforme destaque feito por Catarina da Silva Moreira.

Assim, a pesquisadora aponta que com a introdução do Ensino Remoto, durante a Pandemia de Covid19 houve a exclusão desses alunos, pois muitos não foram contemplados com a estratégia utilizada para viabilizar a continuidade das atividades escolares. Em razão da falta de equipamentos e internet que atendessem a essa necessidade em particular destes. Por isso os alunos recebiam apenas materiais impressos para responderem – sem nem terem a possibilidade de interagir com os professores em caso de dúvidas.⁵⁸

Desse modo, para Catarina da Silva Moreira, o grande desafio de se ensinar História no contexto de Pandemia de Covid-19, foi a “inclusão deficitária” mediante a adoção do Ensino Remoto Emergencial – ERE.⁵⁹ Uma vez que, conforme autora, alunos de zonas rural e periférica não foram contemplados com as aulas remotas, isso por não possuírem os recursos adequados para terem acesso a oferta de ensino.⁶⁰ Na mesma linha de pensamento, Nelson Pretto e Cláudio da Costa Pinto apontam em sua pesquisa dados sobre o processo de inclusão digital no país. De acordo com os autores e por meio das informações já apresentadas há um certo aumento em relação ao acesso à internet pelas classes menos favorecidas. Entretanto, ainda é perceptível “a manutenção de uma lógica que privilegia aqueles sempre favorecidos pelo sistema econômico”.⁶¹

Em parecer do Conselho Nacional de Educação, nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020, na qual o assunto em destaque era a “Reorganização do Calendário Escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia de Covid-19”,⁶² considerou-se a possibilidade de adoção do uso dos meios digitais, característicos dos cursos de Educação à Distância – EaD como estratégia para mitigar a necessidade de “reposição de carga horária presencial ao final da situação de emergência e permitir que os estudantes mantenham uma rotina básica de atividades escolares mesmo afastados do ambiente físico da escola”.²⁴² Assim, por meio de normativas e pareceres o Ministério da Educação e por meio das diretrizes do Conselho

⁵⁸ MOREIRA, *op. cit.*, p.25.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 25.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 25.

⁶¹ PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n. 31, jan./abr.2006. p. 20.

⁶² BRASIL, *op. cit.*, p. 7.

Nacional de Educação – CNE foi implementado o Ensino Remoto Emergencial – ERE, que tem como escopo a modalidade de Ensino à Distância, embora, como já mencionado, as singularidades de cada tipo de educação.

Ainda, é possível destacar em um dos trechos do parecer, que este cita a necessidade de observância da “realidade das redes de ensino e os limites de acesso dos estabelecimentos de ensino e dos estudantes às diversas tecnologias disponíveis, sendo necessário considerar propostas inclusivas e que não ofereçam ou aumentem a desigualdade de oportunidades educacionais”.⁶³ Sabemos que, em regra, esse quesito não foi alcançado.

O documento em questão, ainda busca direcionar as instituições escolares, sobre como proceder diante dessa situação excepcional, caracterizada pela Pandemia de Covid-19, já que propunha, assim, atividades pedagógicas para cada nível de ensino. Além disso, no parecer está disposto no tópico 2.9 **Sobre o Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio**: texto que faz referência a uma certa autonomia no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes do Ensino Fundamental II e Médio, ao destacar que:

Nestas etapas, as dificuldades cognitivas para a realização de atividades on-line, são reduzidas ao longo do tempo com maior autonomia dos estudantes, sendo que a supervisão de adultos pode ser feita por meio de orientações e acompanhamentos com apoio de planejamentos, metas, horários de estudo presencial ou virtualmente”. Deste modo, é sugerido então, a elaboração de sequências didáticas construídas em consonância com as habilidades e competências preconizadas por cada área de conhecimento na BNCC; utilização, quando possível, de horários de TV aberta com programas educativos para adolescentes e jovens; distribuição de vídeos educativos, de curta duração, por meio de plataformas digitais, mas sem a necessidade de conexão simultânea, seguidos de atividades a serem realizadas com a supervisão dos pais; realização de atividades *on-line* síncronas de acordo com a disponibilidade tecnológica; oferta de atividades *on-line* assíncronas de acordo com a disponibilidade tecnológica; estudos dirigidos, pesquisas, projetos, entrevistas, experiências, simulações e outros; realização de testes *on-line* ou por meio de material impresso, entregues ao final do período de suspensão das aulas; e utilização de mídias sociais de longo alcance (*WhatsApp, Facebook, Instagram* etc.) para estimular e orientar os estudos, desde que observadas as idades mínimas para o uso de cada uma dessas redes sociais”.⁶⁴

Com base nos dispositivos legais apresentados, as instituições de ensino foram buscando se adequar à nova realidade. O que exigiu de toda a comunidade escolar, um esforço significativo para manter suas atividades durante esse período. Ademais, ao ser questionado se

⁶³ BRASIL, *op. cit.*, p. 7.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 12.

houve algum tipo de formação pedagógica para a utilização desses recursos, o docente 1 aponta que “houve a divulgação de vários cursos neste momento”.⁶⁵

[...] houve a divulgação de vários cursos nesse momento, inclusive esse que eu estou falando da educação de Sobral-CE, houve a divulgação de links, a Seduc disponibilizou se eu não me engano, ela disponibilizou o avacenfor, disponibilizou duas formações, uma tinha relação com o Enem, outra sobre essas ferramentas. Então assim, foram divulgados vários links pela direção, pela coordenação da escola sempre enviando links para a gente conseguir desenvolver as ferramentas. Mas, como eu disse teve um curso antes, que para quem participou, foi bem legal porque a gente tinha a noção das ferramentas do *Google*.⁶⁶

Em seguida, foi perguntado ao docente 1 se dispunham dos recursos necessários para continuar as atividades escolares. Ou seja, se lhes foram ofertados esses equipamentos e recursos, ou se além da responsabilidade que lhes foi atribuída, se os docentes tiveram que financiar os custos dessa ação. E a resposta foi a seguinte:

De forma nenhuma, nunca tivemos nada disso, tudo o que a gente fez foi a gente que adquiriu nesse momento, um monte de professores correndo e comprando notebooks, um monte de professores correndo e comprando celulares melhores por conta das imagens, por conta do áudio, fone, eu mesmo fiz um aparato de fones, como o celular ficava melhor para a transmissão das aulas, aquele negócio que segura telefone, a mesa da casa ficou aquele negócio parecendo um youtuber.⁶⁷

Durante a pandemia tornou-se comum a realização de *lives*, muitos eventos ocorriam de forma remota, cursos de formação, pronunciamentos, entretenimento, inclusive shows. No entanto, a realidade de professores e alunos não era tão simples assim. Em função das tantas mudanças que se operava nesse período, muitos docentes se viram diante da necessidade de tempo para digerir e lidar com a nova realidade que se fez durante ou após a Pandemia de Covid-19. Como se percebe na fala do docente 1:

[...] inclusive a gente tomou uma aversão total pelo EAD, pelos links, minicursos online, a gente não quer mais nada online, pelo amor de Deus, por conta disso, a gente descobriu que a escola tem uma importância muito maior que um lugar que você aprende conteúdo, você aprende muita outras coisas. É uma vivência mesmo.⁶⁸

⁶⁵ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁶⁶ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁶⁷ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁶⁸ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

Logo, o isolamento social, a pressão institucional associada a responsabilidade de dar continuidade ao processo educacional a todo custo se fizeram sentir de forma negativa tanto na categoria docente, quanto nos estudantes. Isso porque gerou, muitas vezes, caso de ansiedade por estresse. O ser indagado sobre os efeitos desse período na formação dos educandos, o docente 1, destaca:

O que nós temos agora que são os segundos anos, que perderam, né um ano de convívio e os terceiros anos que perderam praticamente dois, o que nós temos esse ano, foi foram turmas de terceiros anos, desinteressadas, e assim, deslocadas completamente enquanto terceiros anos, eu estou acostumada a dar aulas em terceiros anos a mais de dez anos, e principalmente em período de Enem, era uma loucura de grupo de estudos, de encontros, eles pediam pra gente fazer alguma coisa, esse ano um desinteresse bem geral, com as aulas mesmos em sala de aula, com relação as coisas extras que eles sempre pediam pra fazer, então assim, a gente eu tenho certeza que é fruto dessa falta de convívio na pandemia, desse momento que eles ficaram, isso afetou demais a questão intelectual e afetou muito também as questões emocionais porque a gente teve problemas atrás de problemas aqui com crises de ansiedade, é não passa uma semana aqui sabe sem o aluno pelo menos vir justificar a falta porque o aluno está fazendo tratamento ou porque teve crise, já tivemos muitas crises durante as aulas e a gente vê que isso aumentou muito depois da pandemia.⁶⁹

Ainda, de acordo com o entrevistado 1, muitos profissionais caíram no adoecimento por terem que lidar com inúmeras questões num curto espaço de tempo: aprender metodologias novas para ensinar, sobrecarga de trabalho, mudança de ambiente de trabalho, gestão do tempo, acometimento pela doença da Covid-19, perdas de famílias e colegas de trabalho. E ainda tiveram aqueles com reduções salariais ou até mesmo o compute de tempo de serviço para fins de aposentadoria.

[...] eu vejo muitos problemas de saúde, na minha categoria, muito mesmo, talvez houvesse antes e eu não tivesse reparado, mas agora a gente está vendo sempre, um professor está fora, está se tratando, sempre, alguns agravaram as questões que já tinham, então assim, a saúde do professor foi afetada diretamente, a saúde física também [...].⁷⁰

Ademais, durante a Pandemia de Covid-19, a figura do professor passou a ser vista de outra maneira. Principalmente quando houve a suspensão das aulas e, com isso, pais e/ou responsáveis se viram diante do desafio de acompanhar e ensinar seus filhos nas atividades escolares. Nesse momento, os professores passaram a ser vistos como figuras extremamente

⁶⁹ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁷⁰ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

importantes e necessárias e obtiveram certo “reconhecimento social”. Ao ser indagado sobre o que achava sobre esse reconhecimento, o docente 1, aponta que:

o papel do professor é extremamente importante na vida dos alunos, o papel dos alunos é extremamente importante na vida do professor, estar na escola é fundamental para todo mundo, para quem é professor, para quem é aluno para quem trabalha na direção, a gente sentiu muita falta disso.⁷¹

Reconhecimento esse que mascaram a real face do trabalho do professor durante a Pandemia de Covid-19, que teve de enfrentar a “sobrecarga de trabalho, precariedade do ensino, incremento de novas tecnologias da informação e comunicação, falta de equipamentos, evasão escola, soluções ‘inovadoras’.”⁷² Somada à perda salarial, em muitos casos, e do computo do tempo de serviço durante a Pandemia de Covid-19 a extensa jornada de trabalho que estes profissionais assumiram, bem como as responsabilidades que foram surgindo, tornou tudo muito tenso, estressante e desafiador. O que gerou problemas que reverbera até dos dias de hoje.

Por fim, mas não menos importante foi perguntado ao docente 1, se ele achava que o Ensino de História havia sido prejudicado por causa da Pandemia de Covid-19, sua resposta foi que “certamente sim”, pois o isolamento e distanciamento social alterou a dinâmica de sala de aula, do senso coletivo, da interação, da troca de ideias, de poder perceber, ou não, se o aluno estava de fato aprendendo. Assim,

[...] as aulas de história tem muito do convívio, do debate, da escuta que você tem dos alunos, de você perceber se os alunos estão realmente aprendendo, porque as vezes para eles parece uma coisa totalmente distante, numa turma você vai bem com uma aula, na outra você vai e vê que não rolou então você tem que procurar outra metodologia, porque está distante dos alunos, nesse ponto a tecnologia ajuda visita a museus, eu usei isso bastante, mas o Ensino de História ficou afetado na questão do debate roda de conversa, da escuta, de planejar aqui na hora, vamos fazer um texto, vamos ler, vamos socializar a gente não tinha mais isso, é tudo faço e enviou, houve pouco momentos que a gente pode dar aula em tempo real. Isso fez muita falta.⁷³

Diante de tantas questões, as perguntas que ficam são: como foi possível ensinar História diante do contexto de Pandemia de Covid-19? Diante de tantas mudanças e incertezas? O que se pode aprender com esse fato histórico? Quem sabe é possível começar pelo fato de que há alguns bons exemplos na História da humanidade que, de pronta, poderiam ser tomados como modelo pelo menos daquilo que não deveria ser feito, como minimizar os efeitos de um

⁷¹ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

⁷² RUCKSTADTER, *op. cit.*, p. 13.

⁷³ Entrevista realizada no dia 30 de novembro de 2022 com o docente 1.

surto como este, ou de como de prevenir e gerenciar melhor crises como estas? Ou até mesmo, refletir sobre a democratização do ensino, sobre a desigualdade de oportunidades e/ou como o Ensino Remoto Emergencial – ERE acabou, de certa forma, por excluir alunos oriundos das zonas rurais ou periféricas, estudantes atípicos que precisam de uma atenção individualizada. É possível, ainda, pensar em que medida a realidade educacional de Xinguara-PA se relaciona e/ou se difere do contexto nacional e global? São tantas questões que ainda permanecem sem respostas, mas que merecem nossa atenção.

Ademais, em virtude de haver apenas três escolas estaduais no município de Xinguara-PA e do fato de somente dois professores atuarem ministrando aulas de História nas instituições, inclusive, durante o período pandêmico, foram realizadas duas entrevistas. A primeira no dia 30 de novembro de 2022 e a segunda no dia 03 de fevereiro de 2023. Com base nisso, será analisada agora nossa segunda entrevista.

O segundo entrevistado o docente 2, é formado em História e Pedagogia, trabalhou como regente nas turmas de 1º a 3º série do Ensino Médio (regular e educação de jovens e adultos), nos turnos matutino e vespertino, tanto na Escola Dom Luiz de Moura Palha, quanto em seu anexo, a Escola Raimundo Henrique. Este, por sua vez, destaca que ao atuar como professor de História durante a Pandemia de Covid-19 nas escolas Dom Luiz de Moura Palha e em seu anexo, Raimundo Henrique de Miranda, ambas localizadas no município de Xinguara-PA. Um dos desafios enfrentados pelo docente 2 foi a dificuldade em ter que lidar com as ferramentas tecnológicas, que passaram fazer parte do cotidiano de professores e alunos durante o contexto pandêmico.

Desse modo, é perceptível a frustração na fala do educador, quando se refere à necessidade em aprender sobre os recursos tecnológicos, ao deixar em evidência a necessidade e o esforço que os profissionais da educação demandaram para adquirir conhecimento do novo formato de ensino. Assim, “é como diz o outro você não sabe de nada, fui pego de surpresa na verdade na pandemia que ocorreu no mundo, mas pra mim achava que sabia alguma coisa, né! Tecnológica, não sabia de nada, eu fiquei assim, pedindo socorro para os outros”.⁷⁴

Não é de se admirar a reação do educador ao citar como dificuldade o uso das tecnologias digitais, afinal, para muitos, esse conhecimento se restringe ao uso do computador, da internet, para preenchimento de diários, realização de pesquisas, envios de dados como relatórios e *e-mails*, do uso do Datashow e/ou a TV, para a reprodução de *slides*, vídeos e documentários. Recursos que fazem parte da rotina diária de professores ou alunos e que servem

⁷⁴ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Haja vista que, sequer se imaginava que haveria, em pleno século XXI, uma Pandemia devastadora com uma paralisação das aulas presenciais. E em razão desse cenário se faria uso de ferramentas digitais, do campo da Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs) para dar continuidade às aulas.

É natural de qualquer ser humano se sentir no mínimo desconfortável diante das bruscas mudanças que ocorreram nesse período. Para além do impacto que foi a notícia da chegada do vírus no país e da suspensão das aulas durante a Pandemia de Covid-19, o docente 2 menciona em um dos trechos da entrevista, como se deu a princípio as atividades escolares.

Uma surpresa na verdade, quando falou pandemia vocês vão ficar em casa, vocês têm que fazer, não é só tirar uma [atividade], ir na internet tirar um texto e lançar pra plataforma, como se diz, para chegar até os meninos, até os alunos. Tem que ter uma transformação toda para até chegar lá. Atividades, conteúdo e tudo mais, mas é a pandemia eu fiquei assim, sentindo falta de alguma coisa em sala de aula, na verdade não tem coo você, eu me sinto assim, me sentia como um “zé ninguém”, como diz a expressão, ensinar através de um computador, ou de um celular, a pandemia me deixou, quer dizer me deixou assim, cada vez mais que eu preciso aprender coisas, melhorar muita coisa.⁷⁵

Quando houve a paralisação das aulas, em razão da necessidade do isolamento social, foi reforçado pelos órgãos sanitários, a necessidade de ficar em casa. Só que esse “ficar em casa” foi entendido por muitos que o profissional da educação estaria fora da sala de aula e, por consequência, não desempenharia suas atividades escolares, mas pelo contrário, foi nesse período que os docentes tiveram um aumento significativo da sua carga horária, tendo de trabalhar, muitas vezes, com recursos e equipamentos adquiridos pelo próprio educador. Sobre isso, o docente 2 diz:

[...] trabalhamos mais, muito mais, porque até que nós pegamos o esquema, como funcionava, deu trabalho para a coordenação, para os professores, eu mesmo foi um que perturbei muito porque eu não sabia. Sinceramente, o domínio da gente em sala de aula é uma coisa, o domínio tecnológico é totalmente, eu não dominava a tecnologia tanto o quanto necessário, que exigiu que eu dominasse, mais eu nunca desisti, eu ia atrás, pesquisava pedi ajuda, não tinha vergonha não, não tenho vergonha de pedir ajuda, tem coisa que eu sei e tem coisas que eu não sei, então aquele momento que eu fazia, olha cheguei até aqui. Agora daqui pra frente eu não dou conta mais, eu pedi ajuda⁷⁶

De acordo com o docente 2, um dos maiores desafios enfrentados além é claro da própria pandemia em si, e de não saber lidar com novas demandas impostas por esta,

⁷⁵ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

⁷⁶ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

como uso de ferramentas tecnológicas, a produção de material alternativo para os alunos e o afastamento do ambiente escolar – em razão do distanciamento social. Esse último talvez tenha sido o mais impactante para os professores, pois estar afastado da sala de aula, não interagir de forma direta com os alunos, apenas por meio de celulares e computadores fez com que o processo de ensino-aprendizagem fosse comprometido.

Quando questionado sobre a temática, o docente entrevistado reforçou a ideia de que durante as aulas de História houve impacto negativo no ensino: “[...] sim! Porque você não está ali para tirar dúvida com os alunos e os alunos não sabe muitas vezes ler e interpretar o que está pedindo. Então muitos deles vinham no meu “pv” (*sic*), perguntando o que era aquilo? Eu me sentia assim, um pato fora d’água”.⁷⁷

Em outro trecho da entrevista, o docente 2 reforça a dificuldade que teve em manter essa interação com os alunos por meio do uso de aparelhos celulares, pois segundo este, “estando na sala de aula é mais fácil porque você tirar as dúvidas, aqui a gente fala por telefone, as vezes por ligação, por mensagem, não é, e o aluno não entender como a gente está falando”.⁷⁸ Ainda, quando questionado sobre o formato das aulas, se este havia dado aulas *on-line*, o entrevistado respondeu que “não foi necessário”.⁷⁹

Por isso, ao que tudo indica, os alunos da rede pública estadual não tiveram aulas remotas durante a Pandemia de Covid-19. Assim, conforme destaca o entrevistado nº 2, o formato de ensino se deu por meio do envio de materiais produzidos pelo docente e encaminhado aos alunos via plataforma do *Google* (*Google* sala de aula).

Eu fazia, eu pegava os livros, eu baixei o livro em pdf, eu tirava as partes e cortava e transformava em pdf, em pdf, transformava em outro nome que eu não estou recordando, aí sim eu mandava para as crianças, eu fazia a atividade e eles respondia através dos textos, então eles respondiam as atividades. Mas, eu não gravei aula, entendeu?⁸⁰

Ainda, a respeito dos efeitos da Pandemia de Covid-19, no Ensino de História, o docente 2 destaca que alguns alunos foram mais impactados diante dessa nova realidade, “aquelas pessoas mais de idade que não tem tanta esperteza igual esses outros mais jovens”.⁸¹ Essa fala se deve à realidade educacional do município de Xinguara-PA ser bastante diversa, as

⁷⁷ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

⁷⁸ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

⁷⁹ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

⁸⁰ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

⁸¹ Entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2023, com o docente 2.

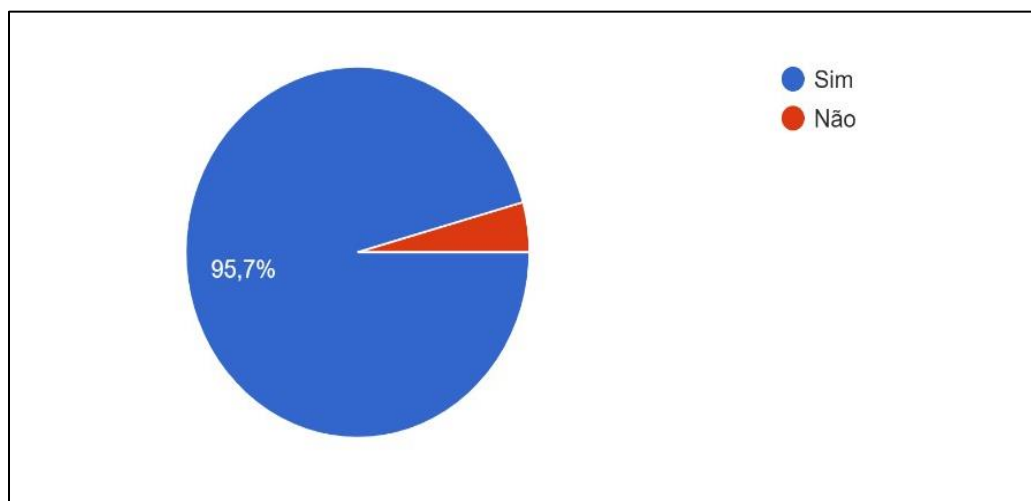
escolas públicas estaduais atendem alunos da zona urbana e zona rural, nas modalidades de Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos – EJA. O destaque do educador leva à percepção do quão desigual ainda tem sido a educação. Nesse sentido, a Pandemia de Covid-19, contribuiu para o agravamento dessa crise e a exclusão de uma parcela significativa da sociedade, em particular os grupos mais vulneráveis.

Ademais, para além das entrevistas realizadas com os docentes, na qual demostram como se deu o Ensino de História na Pandemia de Covid-19, buscou-se por meio da aplicação de questionário aos alunos, da 1º a 3º série do Ensino Médio, estudar como os educandos lidaram com tais mudanças; já que se entende a diversidade de sujeitos que compõe o espaço escolar. Dessa maneira, vale destacar a percepção dos estudantes com relação a Pandemia de Covid-19, a inserção do Ensino Remoto Emergencial, bem como a dimensão do Ensino de História nesse período. Realizou-se, por isso, a pesquisa por meio da aplicação de formulário on-line, por meio da ferramenta o *Google Forms*.⁸² Assim, tanto alunos da rede pública, quanto da privada puderam participar. O objetivo da pesquisa foi verificar através da análise dos dados obtidos a percepção que os estudantes tiveram quanto ao Ensino de História na Pandemia de Covid-19 e a utilização do Ensino Remoto Emergencial, aplicado nas aulas de História, no município de Xinguara-PA.

Como se observa no gráfico apresentado abaixo, 23 estudantes participaram desta pesquisa. Apesar do número relativamente pequeno de respostas, ainda assim foi possível perceber determinadas particularidades como, por exemplo, o ano em que os educandos cursaram o Ensino Médio, a localidade em que esses estudaram, o modelo de instituição e de ensino, bem como outros fatores que serão apontados ao longo deste estudo. Assim, os dados levantados indicam que cerca de 97,57% dos discentes cursaram o Ensino Médio entre os anos de 2020 a 2022, período este em que a Pandemia de Covid-19, se propagou pelo mundo e, em consequência, foi estabelecido o Ensino Remoto Emergencial como estratégia para dar segmento as atividades escolares.

⁸² Ferramenta do *Google*.

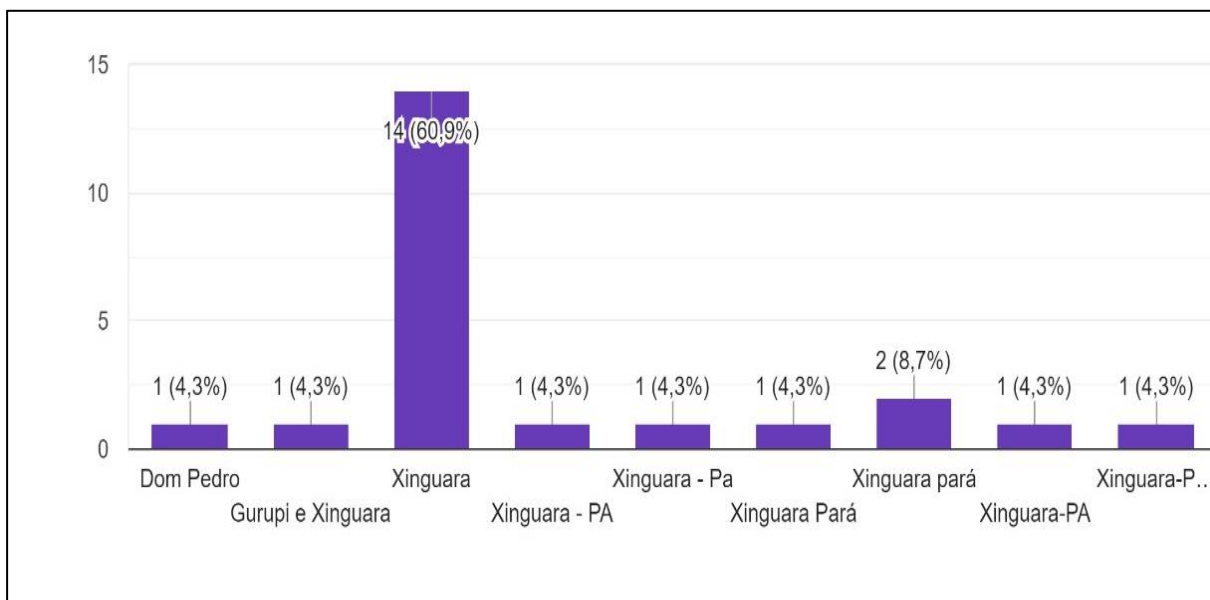
Gráfico 1 - Estudantes que cursaram o Ensino Médio entre 2020 e 2022.



Fonte: De autoria própria.

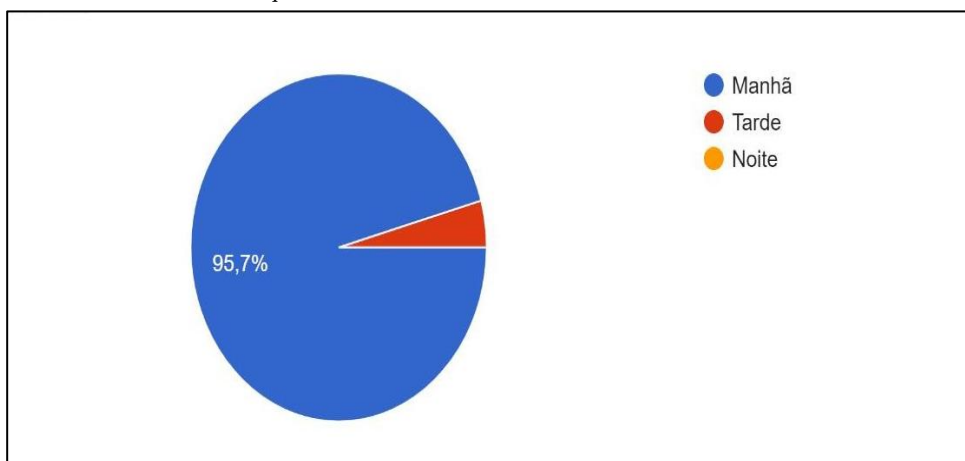
Adiante, percebe-se que a grande maioria cursou a etapa de ensino na cidade de Xinguara-PA, com exceção de um aluno que mencionou ter realizado parte da sua formação no município de Gurupi-TO – cidade do Estado do Tocantins –, mas acabou por finalizar o segundo grau em Xinguara-PA.

Gráfico 2 – Cidades em que os entrevistados cursaram o Ensino Médio.



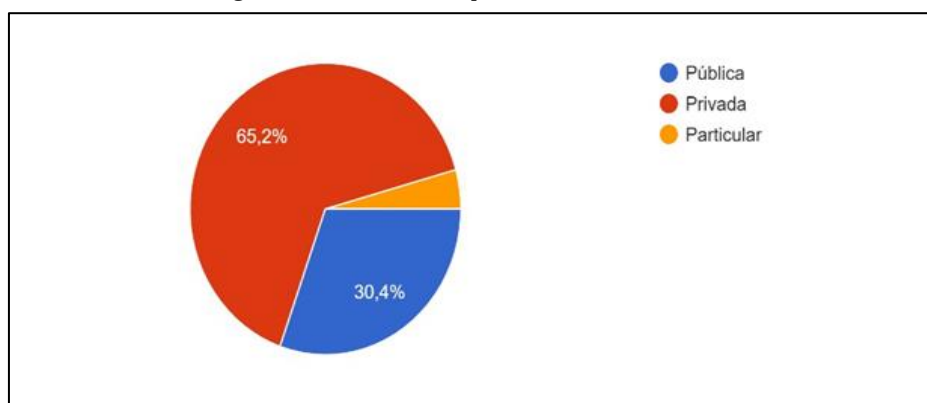
Fonte: De autoria própria.

⁸³ PRETTO, *op. cit.*, p. 20.

Gráfico 3 – Turnos em que os estudantes entrevistados estudavam.

Fonte: De autoria própria.

A grande maioria citou que estudava no turno da manhã, o que contabilizou cerca de 95,7% das 23 respostas. Logo, 4,3% apenas destacou ter estudado no turno vespertino. Apesar do número de respostas serem relativamente pequeno em comparação à quantidade de alunos matriculados nas escolas públicas e privadas do município, observou-se uma certa preferência em estudar no período da manhã. As poucas respostas, que apontam o turno da tarde, pode ser em razão da quantidade de resposta ou é possível indagar que esse aluno pode ser da zona rural ou periférica ou que exercem alguma atividade remunerada no período da tarde e, que a paralisação das aulas e a introdução do Ensino Remoto Emergencial dificultou o seu acesso às ferramentas disponibilizadas.

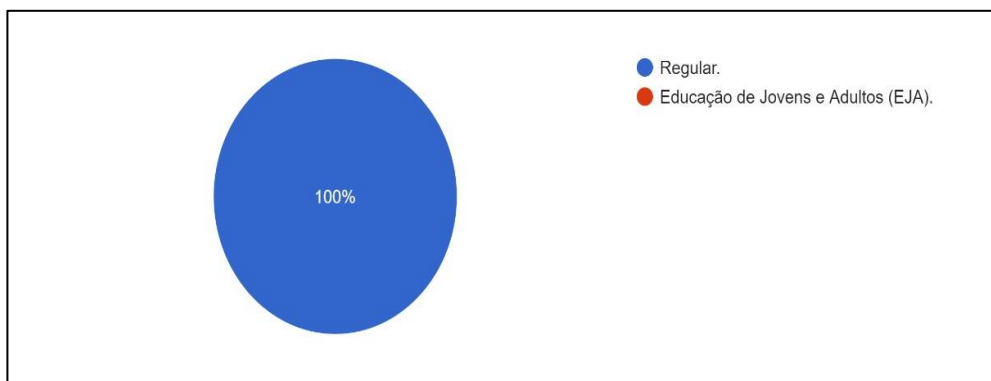
Gráfico 4 – Porcentagem de entrevistados que estudavam em Escola Pública e Privada.

Fonte: De autoria própria.

Ao serem indagados a respeito da modalidade de ensino na qual cursavam no ano de 2020, início da Pandemia de Covid-19, os estudantes indicaram o Ensino Regular. Contudo, apesar de não ter sido contemplado na pesquisa, sabe-se que as escolas estaduais do município

de Xinguara-PA – com exceção da rede privada – oferecem aos estudantes que não concluíram os níveis Fundamental e Médio na idade regular a oportunidade de acesso e continuidade dos estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – conforme previsto no Art.37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB.⁸⁴

Gráfico 5 – Modalidade de ensino que os discentes estudavam.



Fonte: De autoria própria.

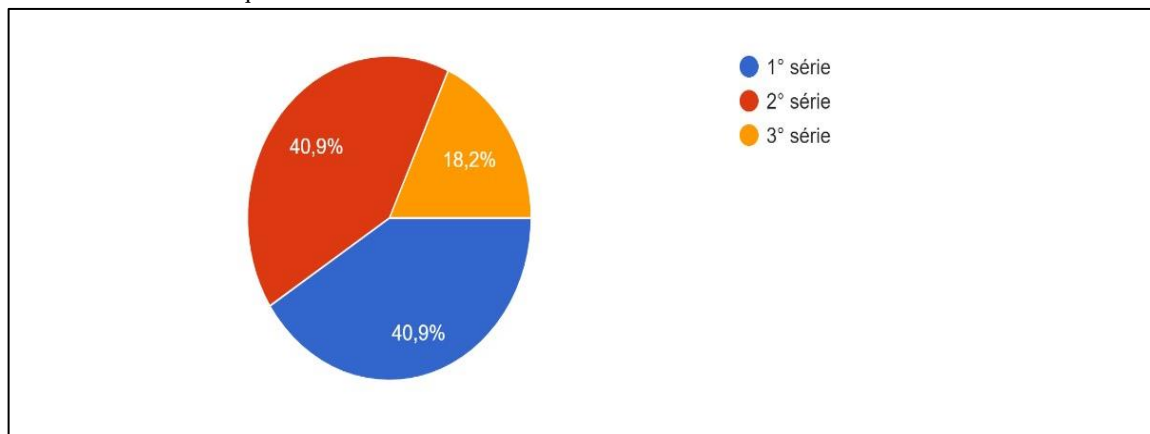
Ademais, foi solicitado aos alunos que indicassem a série em que esses estavam matriculados no ano de 2020, início do período pandêmico. Desta feita, cerca de 40,9% apontaram que cursavam a 1ª série; outros 40,9%, a 2ª série; 18,2 % a 3ª série. No total de 22 estudantes.

Logo, de início percebeu-se que as turmas de 1º grau do Ensino Médio possivelmente tenham sido a mais afetada a longo prazo, pois essas acabaram por cursar todo Ensino Médio durante a Pandemia de Covid-19 e vivenciaram os altos e baixos momentos desse período. Além disso, esses alunos ainda tiveram de lidar com a reforma do Ensino Médio que foi aprovada no ano de 2017 e passou a ser implementada ainda no período pandêmico.⁸⁵

Assim, como podemos observar no gráfico abaixo, cerca de 40% dos educandos estavam na 1ª série do segundo grau no período da Pandemia de Covid-19.

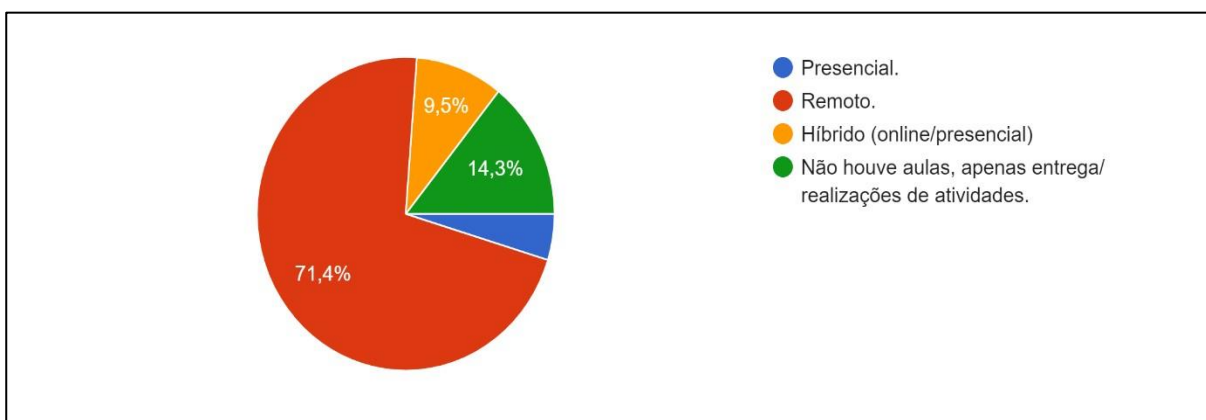
⁸⁴ BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Número 9.394 de 20 de dezembro de 1996. p.32.

⁸⁵ SENADO. Ensino médio pode passar por nova reforma em 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/17/ensino-medio-pode-passar-por-nova-reforma-em-2024>. Acesso em: 15 mar. 2024.

Gráfico 6 – Série em que os entrevistados estudaram em 2020.

Fonte: De autoria própria.

Adiante, ao serem questionados sobre o formato das aulas a partir do segundo semestre de 2020, com referência aos meses de julho a dezembro: 71,4% indicaram o Ensino Remoto Emergencial como modelo de ensino; 9,5% apontaram o formato híbrido. Possivelmente, teve-se uma pequena confusão quanto aos termos aqui, pois a modalidade híbrida (*online/presencial*), passou a ser introduzida a partir do segundo semestre de 2021. É comum, em muitos casos essa associação; contudo, sabe-se que o Ensino Remoto Emergencial se difere do Ensino Híbrido. Outros 14,3% relataram que não tiveram aulas nesse período; logo, a metodologia de ensino aplicada foi a realização de atividades elaboradas pelos próprios professores.

Gráfico 7 – Formato de aulas ocorridas entre julho e dezembro de 2020.

Fonte: De autoria própria.

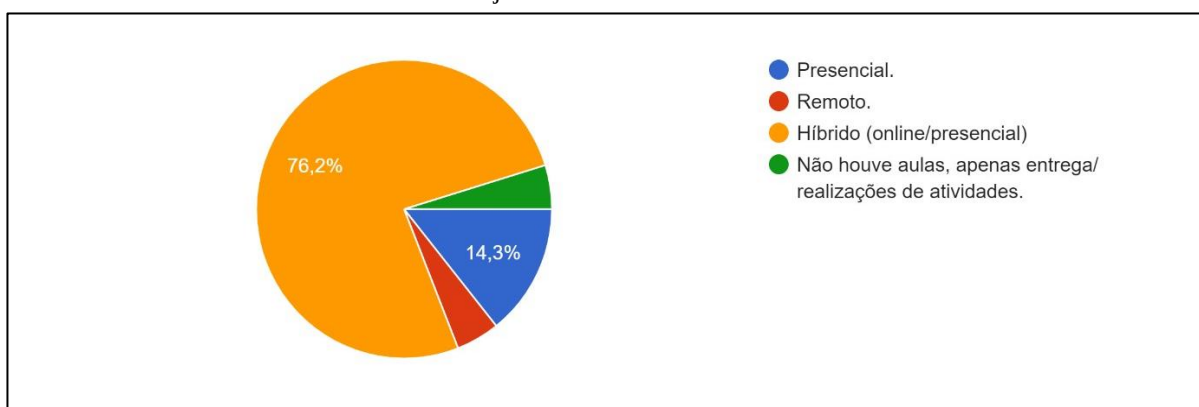
A respeito da adoção do Ensino Híbrido, a Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC/PA, publicou em 02 de agosto de 2021, na página oficial do órgão nota informando que o retorno das aulas ocorreria de forma gradativa, tendo como base o “Plano de Retomada

de Aulas”, considerando as adequações necessárias, como o uso de máscara, medidas sanitárias e, percentual de alunos. O que começaria com 25%, até o retorno integral, sendo ainda, opcional aos alunos.⁸⁶

Como a retomada das aulas no formato híbrido se deram a partir do segundo semestre de 2021, ainda é possível perceber conforme os dados apresentados abaixo, que alguns estudantes permaneceram sem aulas durante esse período; já que realizaram apenas atividades avaliativas encaminhadas a esses. Tal fato, leva à reflexão acerca da universalização da educação e dos impactos e desafios impostos pela Pandemia de Covid-19, principalmente no tocante ao Ensino de História. Na qual demanda dos educandos a construção de um pensamento crítico-reflexivo produzido a partir dos debates suscitados em sala de aula que são mediados pelos professores.

Nesse sentido, os alunos que não tiveram acessos às aulas remotas, por uma série de fatores já mencionados, tiveram seu aprendizado comprometido em razão dos efeitos da Pandemia de Covid-19, do isolamento social e posterior adoção do Ensino Remoto Emergencial, principalmente aqueles que iriam realizar o Exame Nacional do Ensino Médio – que lhes possibilitaria o ingresso em uma universidade e uma formação profissional.

Gráfico 8 – Formato de aulas ocorridas entre julho e dezembro de 2021.



Fonte: De autoria própria.

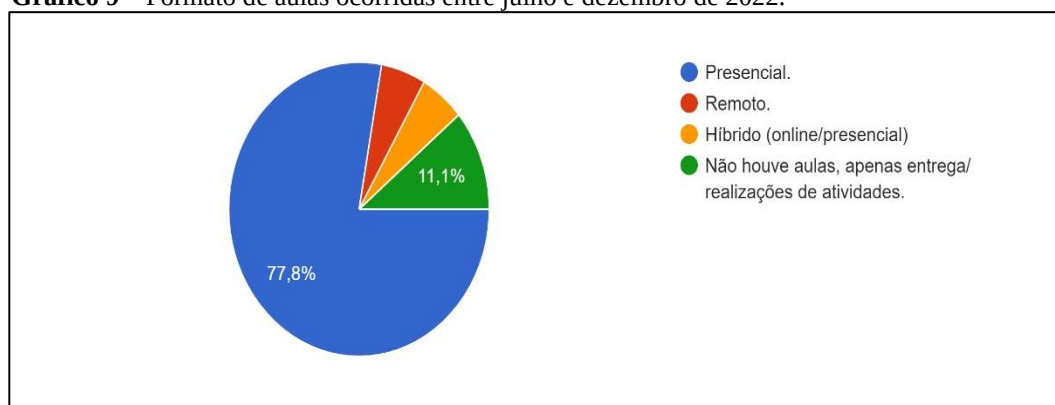
Os dados apresentados referem-se ao início da adoção do Ensino híbrido, modalidade que mesclava aulas presenciais e remotas. O retorno ocorreu de forma gradual, a partir do segundo semestre de 2021. Assim, para que houvesse a retomada das atividades presenciais o governo do Estado do Pará, elaborou um Plano de Retomada das Aulas, na qual recomendava

⁸⁶ GOVERNO DO PARÁ. Secretaria de Educação do Pará. Disponível em: <<https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/11257-alunos-da-rede-estadual-retornam-as-aulas-presenciais-de-formaescalonada>>. Acessado em: 20 dez. 2023.

um retorno escalonado (25%, 50% e 100%) de alunos por turma, com o objetivo de respeitar os protocolos de segurança recomendados pelos dos órgãos sanitários. Tais como uso de máscaras, ambientes higienizados e distanciamento social, entre outros.⁸⁷

Deve-se destacar ainda, que esse retorno só foi possível devido ao avanço do processo de vacinação e da redução do número de casos considerados graves da doença. A reflexão que fica é: qual o plano do Governo do Estado do Pará, para diminuir os impactos da Pandemia de Covid-19, na educação? Sabe-se que os alunos necessitavam muito mais que um plano de retomadas das atividades escolares, um plano que avaliasse os danos causados pelo vírus no âmbito educacional e medidas que visassem atenuar os efeitos dessa crise na educação, sobretudo diante da adoção do Ensino Remoto Emergencial, que se mostrou em muitos casos ineficaz diante da realidade diversa dos nossos estudantes.

Gráfico 9 – Formato de aulas ocorridas entre julho e dezembro de 2022.

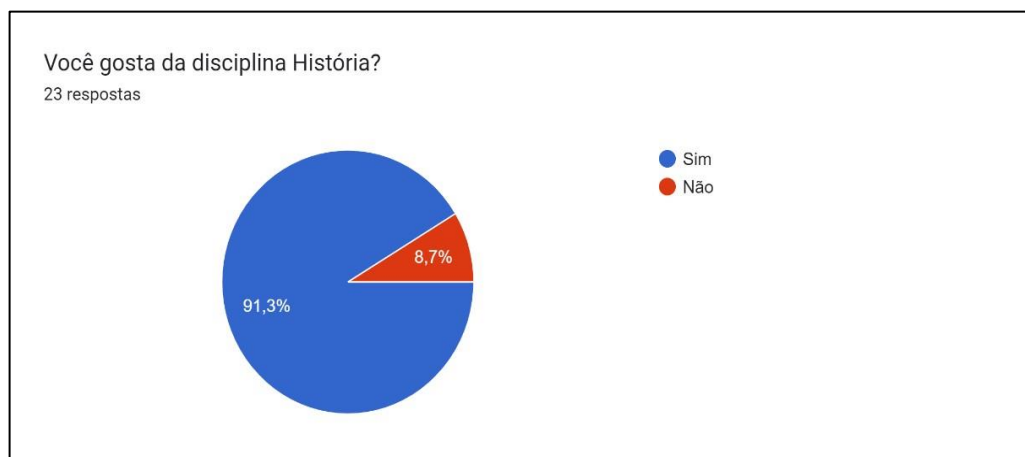


Fonte: De autoria própria.

O ano de 2022 foi o momento em que de fato as atividades escolares foram retomadas por completo, após um ano de início do processo de vacinação e depois da redução das taxas de infecção do vírus, bem como a de mortalidade. Logo mais, indagamos os alunos acerca do Ensino de História, a princípio foi questionado aos alunos sobre o seu interesse pela disciplina. Assim, a maior parte dos estudantes declararam gostarem da disciplina. Como podemos ver:

⁸⁷ GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Agência Pará. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/30086/governo-apresenta-o-plano-de-retomada-das-aulas-presenciais-da-redepublicaestadual#:~:text=Par%C3%A1As%20aulas%20presenciais%20da,a%20seguran%C3%A7a%20da%20comunidade%20escolar>. Acesso em: 10 mar. 2024.

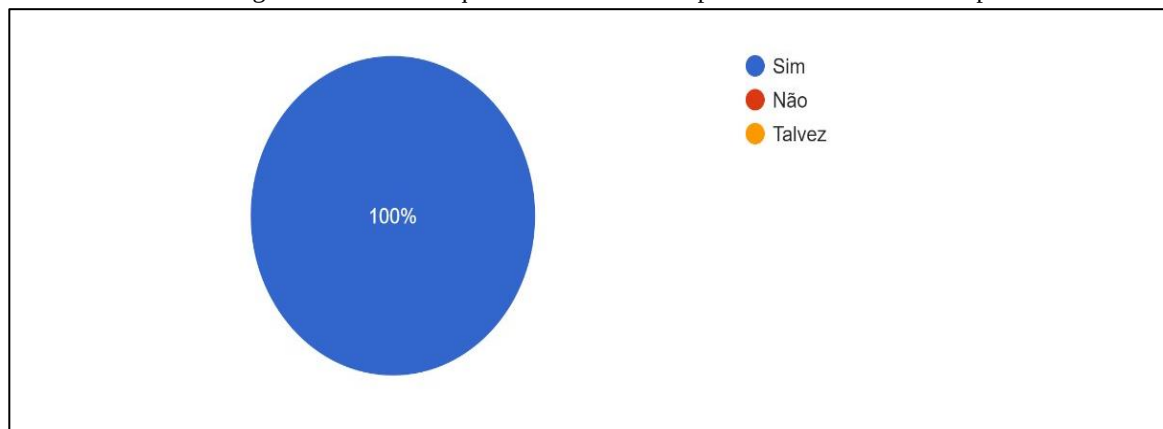
Gráfico 10 – Porcentagem de estudantes que gostam da disciplina de História.



Fonte: De autoria própria.

Ainda a respeito da disciplina, foi perguntado aos alunos se estes consideravam o estudo da História importante. Logo, 100% dos alunos apontaram que sim.

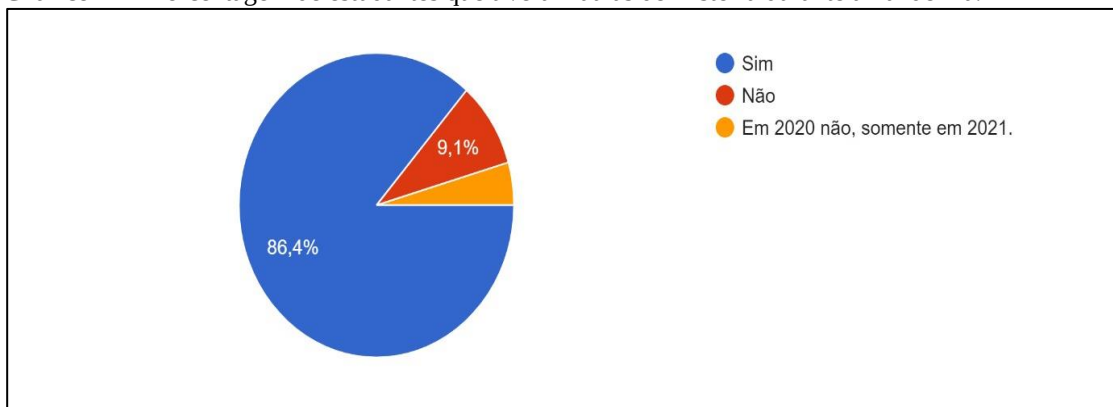
Gráfico 11 – Porcentagem de estudantes que consideram a disciplina de História como importante.



Fonte: De autoria própria.

Ademais, os alunos foram consultados para saber se estes tiveram aulas de História durante o período pandêmico. A grande maioria afirmou que sim, cerca de 86,4 %. Contudo uma parcela de 13,6 disseram não terem tido aulas de História no ano de 2020, apenas em 2021, que somente foi possível diante do avanço do processo de vacinação e da adoção do Ensino híbrido.

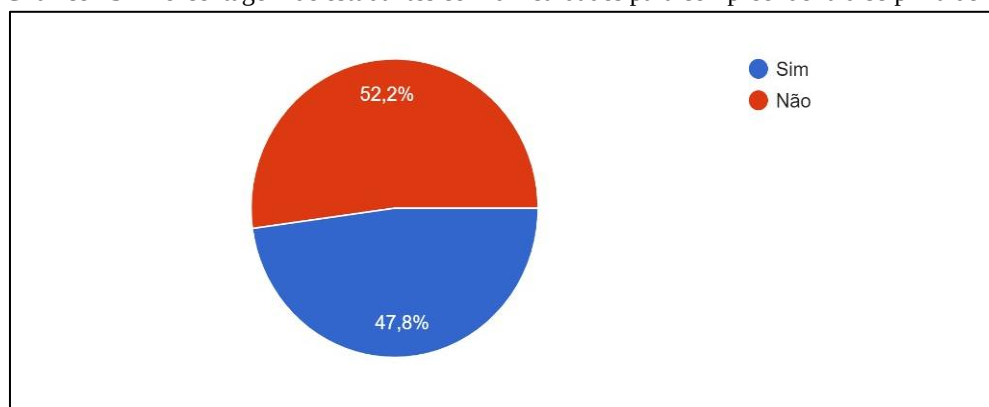
Gráfico 12 – Porcentagem de estudantes que tiveram aulas de História durante a Pandemia.



Fonte: De autoria própria.

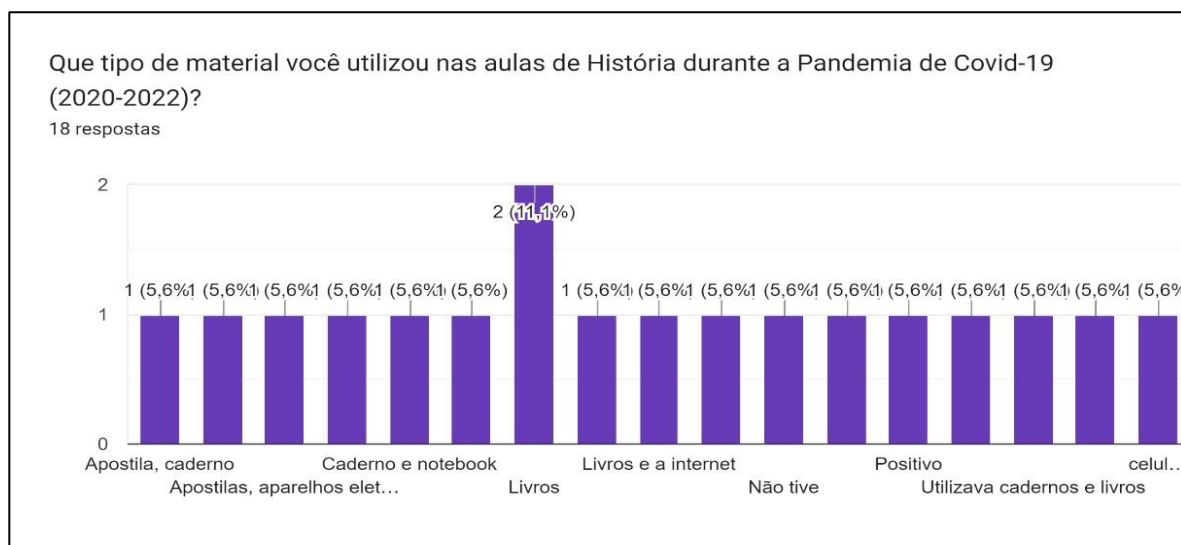
Logo em seguida foi indagado aos estudantes sobre as dificuldades que tiveram para aprender História no decorrer da Pandemia de Covid-19.

Gráfico 13 – Porcentagem de estudantes com dificuldades para compreender a disciplina de História.



Fonte: De autoria própria.

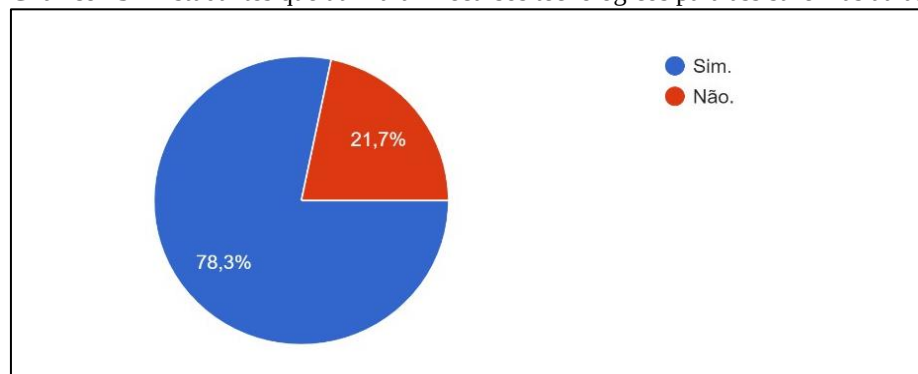
Para saber um pouco mais sobre as aulas de História neste período foi solicitado aos alunos que informassem sobre os conteúdos que foram vistos por eles durante as aulas. Alguns não recordaram, outros mencionaram não terem tido aulas e aqueles que lembraram citaram temáticas de História Geral e do Brasil, tais como: Primeira Guerra; Revolução Russa; Segunda Guerra; Guerra Fria, Reforma e Contrarreforma; Colonizações; Independência do Brasil; Primeiro Reinado; Regência; Segundo Reinado; Era Vargas. Os alunos também foram questionados acerca dos materiais utilizados nas aulas de História.

Gráfico 14 – Tipo de material utilizado pelos estudantes durante a Pandemia.

Fonte: De autoria própria.

Os materiais e recursos utilizados por estes vão além do livro didático sendo citados ainda aparelhos eletrônicos como *notebooks*, celulares e internet, além de sites de editoras como Positivo. No entanto, 5,6 % mencionam não terem tido aulas de História nesse período. Ao que tudo indica, as escolas públicas estaduais de Xinguara-PA não tiveram, de fato, aulas remotas, apenas disponibilizaram materiais alternativos aos educandos, sendo enviados por meio de plataformas digitais como do *Google Classrrom*, grupos de *WhatsApp* ou mesmo impressas e retiradas na própria instituição. O que difere da realidade das escolas particulares que mantiveram as aulas na modalidade de ensino remoto. Logo, evidenciou-se um enorme fosso entre as duas realidades e dos desafios enfrentados por gestores, professores, familiares e alunos.

Também foi indagado aos estudantes sobre a utilização de equipamentos e recursos tecnológicos para terem acesso as aulas remotas e as atividades avaliativas.

Gráfico 15 – Estudantes que utilizaram recursos tecnológicos para assistirem as aulas.

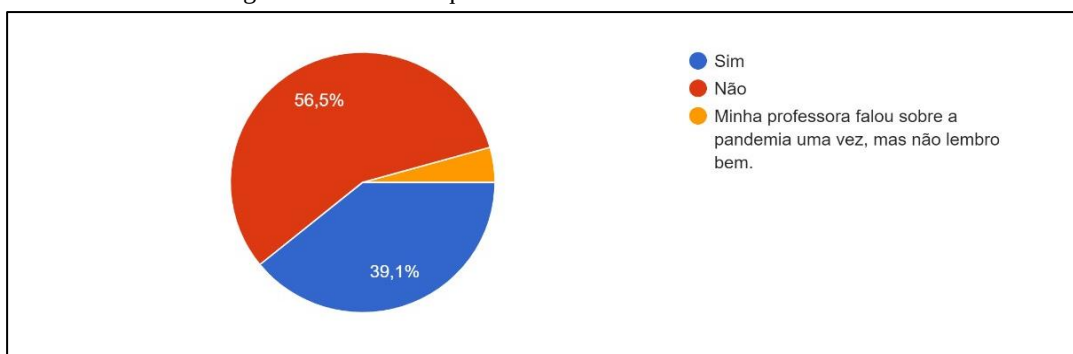
Fonte: De autoria própria.

Como se observa, uma parcela significativa dos estudantes fez uso de recursos tecnológicos que vão desde celulares, computadores a internet. Muito embora, nem todos tiveram aulas remotas, mesmo assim, fez-se necessário a utilização dos equipamentos eletrônicos; bem como da internet para acesso e realização das atividades escolares. Desta feita, os alunos tiveram de adquirir os equipamentos citados. Contudo, nem todos possuíam condições financeiras suficientes para a compra dos aparelhos.

Por isso o gráfico 15 indica que 21, 7% dos estudantes não fizeram uso dos recursos e equipamentos tecnológicos, possivelmente pela falta de condições necessárias para tal fim. Logo, como medida para viabilizar o acesso aos ambientes virtuais, o Governo do Estado do Pará, por meio da Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC/PA, disponibilizou chips com internet para os alunos.⁸⁸

Foi perguntado aos alunos se durante as aulas de História eles conseguiram relacionar o que era visto na disciplina com o cenário em que estavam, ou seja, a Pandemia de Covid-19 – Gráfico 16.

Gráfico 16 – Porcentagem de estudantes que relacionava as aulas de História com o contexto da Pandemia.



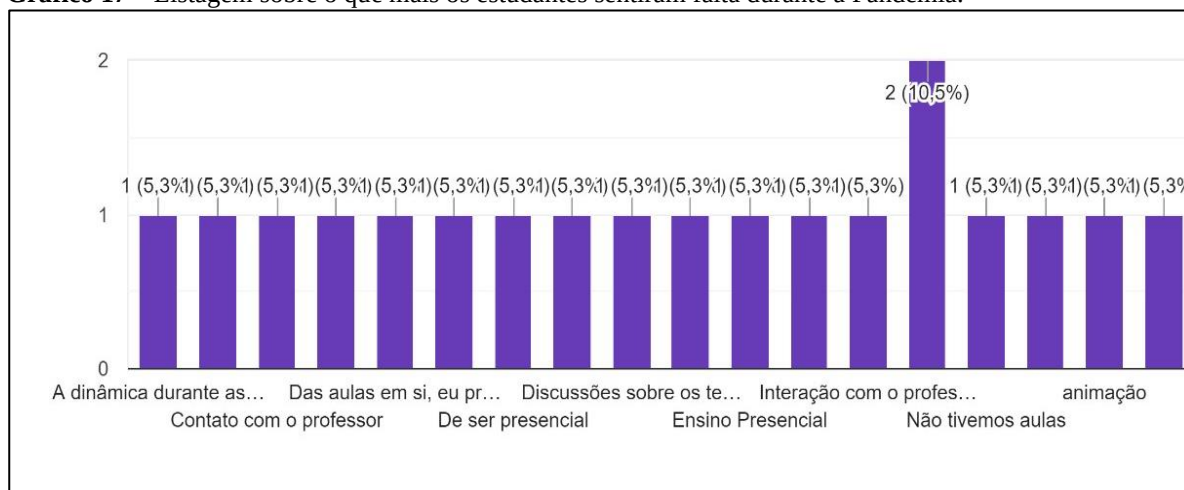
Fonte: De autoria própria.

Como é possível ver, 56,5% dos estudantes mencionaram que não fizeram essa associação, apesar de que muitos dos problemas escancarados pela Pandemia de Covid-19 já serem pautas de discussões no campo da História – a exemplo da desigualdade social e da falsa ideia de inclusão social. Também se associou o dado com a rapidez com que os fatos foram ocorrendo e o pouco tempo que se teve para processar tantas informações – vale ressaltar que, muitas vezes, eram até distorcidas.

⁸⁸ Governo do Estado do Pará. Agência Pará: governo entrega quase 27 mil chips e garante internet para alunos do 3 ano do ensino médio. Disponível em: <https://www.agenciapara.com.br/noticia/22525/governo-entrega-quase-27-mil-chips-e-garante-internet-para-alunos-do-3-ano-do-ensino-medio>. Acesso em: 11 mar. 2024.

Sabe-se que o currículo escolar vai além da mera exposição de conteúdo e que existe uma “cultura escolar” por traz do aprender e de ensinar. Pensando nisso, foi solicitado aos alunos que listassem aquilo que mais lhes fizeram falta durante as aulas de História na Pandemia de Covid-19. E a resposta foi unânime: estar em sala, da dinâmica da aula, da interação entre professor e aluno. Tal como pode ser visto no gráfico abaixo:

Gráfico 17 – Listagem sobre o que mais os estudantes sentiram falta durante a Pandemia.



Fonte: De autoria própria.

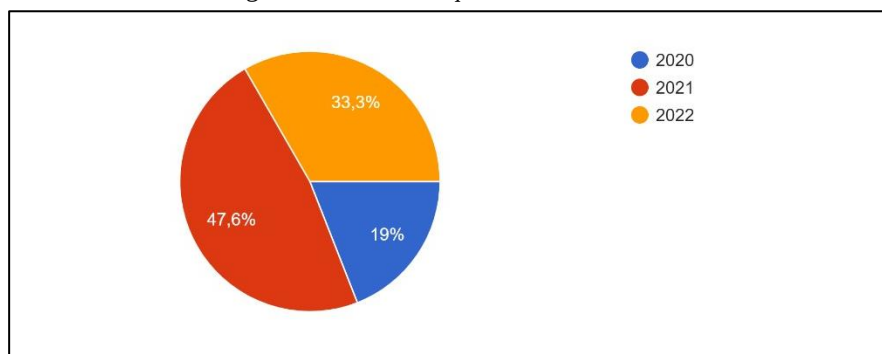
O ambiente da sala de aula é um espaço singular e complexo, não apenas porque se destina ao ensino-aprendizagem formal e contribui para a formação de valores, identidades, mas também porque reúne expectativas diversas que nem sempre se relacionam estritamente com o ensino-aprendizagem formal. A sala de aula é um espaço caracterizado especialmente por interações e relações sociais que não raro evidenciam tensões, hierarquias, preconceitos diversos, embates regidos por regras que estabelecem e fixam posições de sujeito (professor, aluno, entre outros).⁸⁹

Desta feita, retorna-se ao conceito de “cultura escolar”, a fim de buscar entender a escola para além desse espaço formal, onde se aprende somente conteúdos contidos em um currículo; mas, sim, como uma instituição diversa, em construção, que se aprende desde a entrada, as idas e vinda ao banheiro, intervalo e lanche, os momentos de trocas de ideias e experiências entre os sujeitos envolvidos, professores e alunos. Sabe-se que muito disso foi prejudicado devido ao isolamento social, pois se afetou consideravelmente a capacidade dos alunos de socializar, de dialogar e de expor suas ideias. Assim, gerou uma barreira que dificulta o processo de ensino-aprendizagem, bem como sentimentos de incapacidade e insegurança diante dessa nova realidade.

⁸⁹ SILVA, Cristiane Bereta. Formação histórica e narrativas: efeitos de sentido sobre o ensino de história e o espaço escolar no estágio supervisionado. In. MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca; ROCHA, Helenice. (org.). **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015. p. 175

Por fim, foi pedido aos alunos que informassem o ano que finalizaram o Ensino Médio e 21 estudantes responderam que:

Gráfico 18 – Porcentagem de estudantes que concluíram o Ensino Médio entre 2020 e 2022.

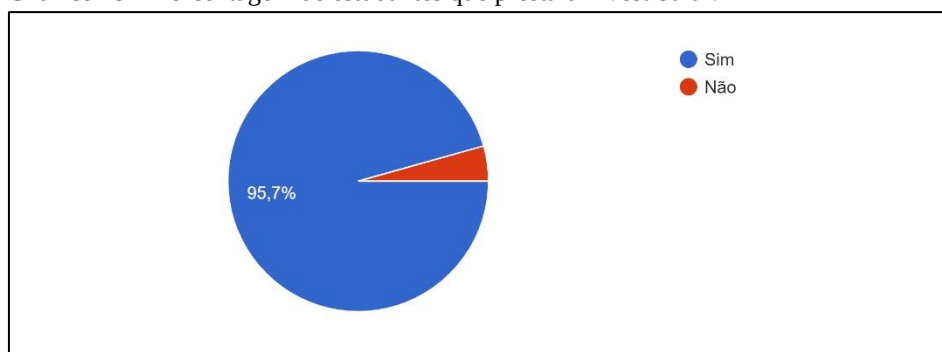


Fonte: De autoria própria.

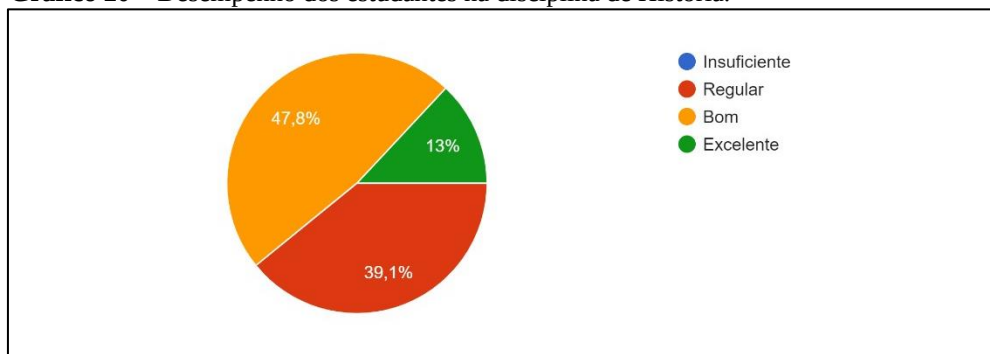
Cerca de 19% declararam terem concluído em 2020, ano de início da Pandemia de Covid19; na sequência, 33,3% informaram que concluíram em 2021 – período em que ocorreu a segunda onda da Pandemia de Covid-19 –, quando teve início o processo de vacinação e, diante da imunização de boa parte da população, passou-se a aderir ao sistema Híbrido de ensino que mesclou atividades presenciais e *on-line*.

Por fim, mas não menos importante, 47,6 % dos alunos citaram 2022, como ano de conclusão do Ensino Médio. Foi indagado, inclusive, se os educandos haviam prestado algum vestibular ou exame de admissão em universidades, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Bem como os estudantes julgavam seu desempenho diante das circunstâncias que foi a Pandemia de Covid-19. A grande maioria respondeu que prestou vestibular e, ainda, avaliou o seu desempenho na disciplina de História. Como pode ser visto nos gráficos 19 e 20 respectivamente:

Gráfico 19 – Porcentagem de estudantes que prestaram vestibular.



Fonte: De autoria própria.

Gráfico 20 – Desempenho dos estudantes na disciplina de História.

Fonte: De autoria própria.

Apesar de ser apenas uma pequena amostragem, mas ainda assim significativa, pois ao olhar os dados, é possível perceber que muitos dos alunos que citaram terem tido aulas *on-line* e utilizado diversos recursos tecnológicos são estudantes da rede privada de ensino. Para muitos, pouco mudou em sua rotina de estudo – com exceção do isolamento social e do formato das aulas. Mas ainda assim foi estabelecido um período de estudo em que assistiam as aulas e faziam suas atividades e avaliações.

Logo, leva à reflexão sobre como as redes particulares conseguiram se adaptar em tão pouco tempo a essa nova realidade ao utilizarem o Ensino Remoto Emergencial e a rede pública estadual – representada pela sua Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/PA) e pelo Governo do Estado –, não conseguiram efetivar de fato esse recurso? Seria a falta de recursos ou de planejamento?

O que se sabe é que nem de longe se está preparado para lidar com situações como a Pandemia de Covid-19, o que inclui o próprio Poder Público. Mas a pergunta que fica é o que os órgãos que representam a educação têm pensado para atenuar o impacto da Pandemia de Covid-19, na educação? O que de fato se sabe é que a História cuidará de mostrar o quão desafiador foi esse momento histórico para toda a comunidade escolar, professores, alunos e família.

Por fim, diante desse cenário, será apresentada uma proposta pedagógica que compreende a produção de um texto didático que visa auxiliar professores na abordagem da temática Pandemia de Covid-19 e do Ensino de História, tendo como referência as escolas públicas estaduais do município de Xinguara-PA.

Capítulo 3

Proposta Pedagógica: Ensino de História na Pandemia de COVID -19

Como proposta de intervenção, optou-se neste trabalho pela construção de um material didático a respeito das temáticas Pandemia de Covid-19 e Ensino de História. Foi necessário considerar a elaboração do texto didático por entender a importância de se trabalhar a problemática em sala de aula, principalmente nas aulas de História.

Sabe-se que, muitas vezes, o professor carece de materiais ou de fontes verificáveis para preparar suas aulas, por causa disso, foi elaborado um material para que sirva de apoio aos educadores na abordagem do tema. Espera-se que, por meio dele, o docente possa apontar aos alunos o quão devastador foi o período da Pandemia de Covid-19 e o quanto impactou de diferentes formas a sociedade – principalmente a educação –, sobretudo no Ensino de História.

Anseia-se, ainda, que por meio deste material o educador possa apresentar as ações políticas e educacionais realizadas para manter as atividades escolares em funcionamento. Mesmo que as medidas adotadas, a exemplo do Ensino Remoto Emergencial – ERE, não contemplaram todos os setores da sociedade, em particular os vulneráveis, como alunos de zonas rurais, periféricas, entre outros.

Além das problemáticas citadas, pode-se, por meio do texto e das leituras apresentadas, indicar caminhos para que o docente percorra e aprofunde seu conhecimento sobre a Pandemia de Covid-19. Logo, o material pedagógico foi organizado a partir das leituras realizadas e das fontes consultadas acerca da temática em questão. Desta feita, o recurso será disponibilizado no formato digital para os professores que tenham interesse em aprofundar o conhecimento acerca desse período histórico e que queiram fazer uso dessas discussões em sala de aula.

Destaca-se aqui o fato de que o texto centrar suas discussões no campo do Ensino de História. Por isso, o material é direcionado aos professores de História e para ser trabalhado nas aulas de História, mas pode ser, é claro, utilizado por outras áreas de conhecimento. Assim, buscou-se a partir desse material, apresentar uma breve trajetória do Ensino de História, da institucionalização da disciplina até o estabelecimento do Ensino de História enquanto campo historiográfico, ainda reflexões sobre a Pandemia de Covid-

19, dos efeitos desta. Bem como a adoção do Ensino Remoto Emergencial e seus efeitos, sobre o Ensino de História e a experiência dos professores e alunos das escolas públicas do município de Xinguara-PA.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA)
INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO – IETU MESTRADO
PROFISSIONAL EM HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

POLIANA FERREIRA HONOSTÓRIO

Texto Didático:

ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID -19



Xinguara – PA

2024

ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID-19

ENSINO DE HISTÓRIA

Área da História que estuda a trajetória da disciplina em seu percurso de escolarização no Brasil. O Ensino de História, passou a ser objeto de estudo a partir da década de 1980, quando esta se tornou uma linha de investigação. Logo, o campo de estudo analisa o Ensino de História desde a consolidação da História enquanto disciplina escolar no século XIX, na qual caracterizou-se uma História positivista marcada pela influência francesa, que priorizava uma história nacional.⁹⁰

Uma das autoras que representa os estudos sobre o Ensino de História é Circe Bittencourt que, em suas publicações, demonstra o percurso histórico da disciplina, bem como as mudanças que ocorreram diante das reformas que foram sendo realizadas no currículo. Como, por exemplo, a publicação da Lei nº 9394/96, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB,⁹¹ assim como as leis que introduzem as temáticas História da África e da Cultura Afro-brasileira (Lei nº 10639/2003) e da História dos Povos Indígenas (Lei nº 11645/2008).⁹²

Logo, a “nova disciplina” propunha uma reconfiguração do Ensino de História, que demonstrasse a diversidade étnica, linguística, cultural, econômica e social. Tais reformas buscaram romper com um modelo de História ensinada que preconizava as ações de sujeitos de maior destaque para aquela época e sociedade.⁹³ As reflexões produzidas no campo do Ensino de História ajudam a compreender as principais transformações operadas na disciplina antes, durante e após a ocorrência da Pandemia de Covid-19.

A princípio o Ensino de História era tido como uma matéria decorativa, associada à História Política, em que grandes nomes e realizações tinham maior destaca. Posteriormente, a partir de estudos e inúmeras reformas foi se percebendo a necessidade de se construir uma

⁹⁰ BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o Ensino de História. **Estudos avançados** 32 (93), 2018. p.127.

⁹¹ *Ibidem*, p.142.

⁹² *Ibidem*, p.142.

⁹³ *Ibidem*, p.142.

História que primasse por narrativas mais plurais, que incluíssem, em seu escopo, diferentes sujeitos e temáticas.⁹⁴

PANDEMIA DE COVID-19

O ano de 2020, ficou marcado pela ocorrência da Pandemia de Covid-19. Doença essa, causada em razão da contaminação pelo vírus SARS-CoV-19, mais conhecido no mundo pelo nome Covid-19. Em fins do ano de 2019, mais especificamente em 31 de dezembro de 2019, o Brasil e o mundo tiveram conhecimento da ocorrência de diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na província de Hubei na China.⁹⁵

Assim, diante do número de infectados e da velocidade em que a doença se espalhava, esta passou a ser caracterizada com Emergencial de Saúde Pública de Importância Internacional. E, posteriormente, em 11 de março de 2020, passou a ser caracterizada como Pandemia. Com a entrada do vírus no Brasil, as autoridades competentes adotaram algumas medidas para conter o avanço da doença. Assim, ao seguir as recomendações dos órgãos sanitários, como a Organização Mundial da Saúde – OMS, na qual determinavam precauções como o distanciamento social, uso de máscara e a higienização das mãos, objetos e superfícies com álcool.

Contudo, isso não foi o suficiente para barrar o avanço da doença, principalmente porque uma parcela da sociedade, tal como figuras de destaque e influência na sociedade brasileira, acreditava que a doença não era tão letal assim. Diante das especulações levantadas e pela falta de conhecimento a respeito da Covid-19, passou a circular nos meios digitais informações infundadas, ou seja, que careciam de verificação. Isso configurou uma *Fake News*.

Com efeito, as notícias falsas geraram desinformação, levando algumas pessoas a acreditarem que as vacinas não eram confiáveis e, como consequência, recusaram o imunizante. O processo de elaboração da vacina de Covid-19 foi permeado por tensões que iam desde o descrédito da pesquisa científica à corrupção durante a compra das vacinas. Com o avanço nas pesquisas, muitos países deram início ao processo de vacinação ainda em fins do ano de 2020. No Brasil, porém, esse processo só ocorreu em janeiro de 2021. Assim, foram aplicadas as

⁹⁴ BITTENCOURT, *op. cit.*, 2018, p.127.

⁹⁵ OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: Histórico da Pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org). Acesso em: 12 mar. 2024.

primeiras doses dos imunizantes adquiridos, que se somaram um total de 518.007.024 doses em todo o país. Somente no Estado do Pará, foram cerca de 15.867.207 doses aplicadas.⁹⁶ Número esse que nem se compara aos dados relacionados as perdas pela doença.

A partir da imunização da população com a primeira dose da vacina e o reforço desta, bem com a redução das taxas de mortalidade causada pela contração da COVID-19, os governos Federal, Estadual e Municipal, ao seguirem as recomendações dos órgãos sanitários, passaram a adotar medidas para a retomada do que seria o “novo normal”.

Assim, atividades que foram paralisadas, e depois seguiram na modalidade remota, foram aos poucos sendo retomadas. A exemplo da educação que deixou de ser presencial e passou a ser remota e depois, híbrida.

ENSINO REMOTO

Como mencionado, o Ensino Remoto Emergencial – ERE, tornou-se a principal estratégia utilizada pelo Poder Público, tanto na esfera Federal, quanto Estadual e Municipal, para continuar com as atividades escolares. Contudo, não foi possível considerar tal prática de forma universal, haja vista que uma parcela significativa da população, em particular grupos vulneráveis, foram prejudicados com a adoção da modalidade de ensino.

O Ensino Remoto Emergencial foi aplicado no Brasil durante a Pandemia de Covid-19. E caracteriza-se como uma medida de emergência, em razão do contexto em que se estava inserido, a saber a Pandemia de Covid-19. Assim, a estratégia de ensino adotada traz em si, metodologias e recursos da Educação à Distância – EaD, que se difere do Ensino Remoto Emergencial – ERE e também da modalidade híbrida. Cada categoria traz consigo uma característica própria, pois a Educação a Distância é pensada desde o início para tal fim; já o Ensino Remoto Emergencial é uma alternativa que se fez uso em um momento de calamidade que se utiliza de ferramenta do EaD, para a sua aplicação; o Ensino Híbrido mescla ações tanto presenciais quanto remota e se vale dos recursos tecnológicos e das metodologias da Educação a Distância para tal fim.⁹⁷

Com a descoberta do vírus causador da doença muitas coisas mudaram em diferentes aspectos da vida humana, tanto político, econômico, social e cultural. Aprende-se na disciplina

⁹⁶ MINISTÉRIO DA SAÚDE. Vacinômetro Covid-19. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19.html. Acesso em: 12 mar. 2024.

⁹⁷ VALENTE, *op. cit.*, p.1.

de História que acontecimentos como esse são usados como referência para o estudo da História, que tem como principal objeto de análise os seres humanos e suas ações ao longo do tempo. E, com certeza, ainda haverá muitos estudiosos que buscarão compreender melhor as transformações ocorridas neste período. Portanto, vale considerar que tal temática ainda esteja no presente.

ENSINO DE HISTÓRIA NA PANDEMIA DE COVID-19

Ensinar História durante a Pandemia de Covid-19, não foi uma tarefa fácil para muitos educadores que estiveram diante dessa realidade. Principalmente, por causa das inúmeras mudanças que ocorriam em um curto espaço de tempo. A educação durante esse período foi caracterizada como atividade essencial, portanto, não deveria parar, pelo contrário, buscou-se meios para que as atividades de ensino pudessem continuar, a exemplo, do Ensino Remoto Emergencial – ERE. Mas como continuar?

Para que o processo de ensino-aprendizagem continuasse era preciso se pensar estratégias que considerasse a necessidade de distanciamento social, e que possibilitasse professores e alunos de estarem conectados de alguma forma. Desta feita, de suas residências, muitas vezes, com recursos próprios, os professores passaram a se inteirar das transformações que ocorriam na educação naquele momento e buscaram recursos e metodologias para manter a continuidade desse processo. Parece algo simples; contudo, não foi bem assim que ocorreu, já que não se sabia por onde começar, como começar, tampouco se haveria êxito.

Além da responsabilidade em manter as atividades escolares, os envolvidos ainda tiveram que lidar com o medo da doença, a insegurança, por não saber como e por onde proceder, haja vista que muitos não possuíam habilidades com esse mundo tecnológico. Sem contar a frustração e impotência diante dessa nova realidade que se impunha ao ambiente educacional, em particular ao Ensino de História.⁹⁸

Como ensinar História diante de tantas particularidades? Coube aos docentes a difícil tarefa de ressignificar a maneira de ensinar, bem como aos alunos a de aprender. Buscou-se, então, metodologias de ensino que pudessem minimamente diminuir os impactos da Pandemia de Covid-19 sobre o Ensino de História e, principalmente, a formação dos discentes. Por isso

⁹⁸ NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. *Estudos Históricos*, Rio Janeiro, v. 34, n. 73, 2021. p.285.

muitos cursos foram ofertados por meio de *lives*, que visavam deixar professores, pais e alunos inteirados desse novo formato de ensino. Cabe ressaltar, ainda, o nível de exaustão a que foi levado os profissionais da educação devido as inúmeras demandas que foram sendo colocadas.⁹⁹

Contudo, nem todos tiveram as mesmas oportunidades¹⁰⁰ em continuar a ter aulas regulares ainda que de forma remota, pois muitos alunos, principalmente àqueles de escolas públicas, passaram a cursar o Ensino Médio tendo apenas como recurso o material produzido pelo próprio professor e encaminhado ao aluno via *e-mail* ou mesmo *WhatsApp*, que deveriam ser respondidas e encaminhadas ao professor, que posteriormente faria a correção e lhes conferiam uma nota. Pode-se dizer que houve aprendizado nesse período?

Há aqueles que consideram que não; outros compreende que sim, evidenciando assim, a importância do espaço sala de aula e dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. Se aprendemos algo com a Pandemia de Covid-19, somente o tempo dirá, muito embora os efeitos dessa possam ser percebidos especialmente no Ensino de História, no tocante à construção do pensamento crítico-reflexivo dos educandos, que tiveram o ensino afetado em razão da Pandemia de Covid-19, do isolamento social, que gerou o afastamento do ambiente educacional. O que comprometeu a rotina de estudos dos alunos, que em muitos casos passaram a assumir outras responsabilidades em detrimento da educação. Desta feita, talvez um dos maiores desafios do Ensino de História, na Pandemia de Covid-19, talvez sejam os professores e alunos se perceberem enquanto sujeitos dessa história.

A Pandemia de Covid-19 foi catastrófica no mundo inteiro, pois causou danos em diferentes setores e, em muitos casos, danos irreparáveis. O contexto xinguarense não foi diferente. Desde a chegada do vírus no Brasil, diversas medidas foram tomadas na tentativa de frear o avanço da doença; contudo, não foi possível parar a doença que avançava rapidamente rompendo fronteiras, Estados e municípios. A grande preocupação, a princípio, era se o sistema de saúde do pequeno município de pouco mais de 40000 habitantes suportaria a severidade da doença. Passado o primeiro impacto, buscou-se pensar o que deveria ser feito para manter determinadas atividades consideradas essenciais, a exemplo da educação, na ativa.

Em muitos casos, pensou-se na adoção do Ensino Remoto Emergencial – ERE, porém nem todas as instituições aderiram ou conseguiram implantar a estratégia, seja pela falta de planejamento ou mesmo de recurso; haja vista que a educação nunca foi a menina dos olhos do

⁹⁹ RUCKSTADTER. FLÁVIO, *op. cit.*, p.13.

¹⁰⁰ MOREIRA, *op. cit.*, p.25.

poder estatal. Assim, mediante a investigações sobre o Ensino de História na Pandemia de Covid-19, constatou-se que as escolas públicas Estaduais do município de Xinguara-PA, não aderiram de fato ao Ensino Remoto Emergencial. Logo, os estudantes tiveram as atividades escolares suspensas no dia 17 de março de 2020, segundo as determinações do Governo Estadual e dos órgãos sanitários, sem perspectivas de retorno e compensação desse tempo perdido. Desse modo, muitos alunos se viram diante de um verdadeiro dilema como enfrentar uma pandemia extremamente nociva a saúde humana e ainda continuar suas atividades escolares?

Desta feita, as escolas públicas Estaduais de Xinguara-PA, adotaram como metodologia o uso de redes sociais, a exemplo do *WhatsApp*, para criação de grupos escolares e envio de atividades para realização e envio desta, seja pela própria rede social ou por *e-mail* institucional criado e veiculado à plataforma do *Google classrom* usada para tal fim. Ainda, havia aqueles que careciam de recursos tecnológicos, como computadores e internet, que se viam obrigados a se deslocarem até a instituição para fazer retirada do material impresso. Como se pode perceber, a Pandemia de Covid-19 acabou escancarado as mazelas existentes no contexto educacional brasileiro. Diferentemente desta realidade, as escolas particulares do município de Xinguara-PA investiram em equipamentos e recursos tecnológicos para integrar-se ao rol de instituições que fizeram uso da estratégia do Ensino Remoto Emergencial – ERE.

Mas por que as instituições privadas conseguiram a tempo fazer uso das tecnologias digitais para dar continuidade as suas atividades e o poder estatal, não? É algo para refletir. Apesar de não ser uma medida democrática, o Ensino Remoto Emergencial propiciou a muitos alunos a possibilidade de continuarem, mesmo diante de todos os percalços. A questão principal que se percebe é que desde o período colonial a educação tem sido um privilégio da elite, daqueles que conseguem pagar ou que possuem os meios necessários para tal fim. E durante a Pandemia de Covid-19, especificamente no município de Xinguara-PA, isso ficou mais visível.

Diferente da realidade das escolas privadas as instituições públicas não possuíam um plano nem meios necessários para aplicabilidade deste. Assim, verifica-se que o Ensino de História durante a Pandemia de Covid-19 não ocorreu de fato, não como se esperou, de maneira crítica-reflexiva, com debates e construções. Logo, ao final, viu-se uma categoria profissional cansada de carregar o peso de um sistema educacional falido e jovens sem perspectivas de um futuro brilhante, que foi tolhido agora por uma pandemia.

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. *Estudos avançados*, 32 (93), 2018.

MOREIRA, Catarina da Silva. “E eu, professor?!: o ensino remoto de história e o cenário de inclusão deficitária em áreas rurais e periféricas do Estado do Pará. *Fronteiras*, n. 37, p. 24-44, jul., -dez./2021.

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão. Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. *Estudos Históricos*, Rio Janeiro, v. 34, n. 73, 2021.

RUCKSTADTER. FLÁVIO, M. M. *Educar em tempos de pandemia: a invenção de uma nova escola*. In: _____. A escola e o ensino de história: repensando a aula de história em tempos de pandemia. Porto Alegre, Rs: Editora FI, 2021.

VALENTE, Geisa Soraia Cavalcanti. Et. al. O ensino remoto frente as exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente. *Research, Society and Development*, v.9, n. 9, 2020.

Sites consultados:

Fundação Osvaldo Cruz: **O que é uma Pandemia**. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vacinômetro Covid-19**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19.html. Acesso em: 12 mar. 2024.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da Pandemia de Covid-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 mar. 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o Ensino de História durante a Pandemia de Covid-19 não foi uma tarefa fácil, principalmente por ser uma temática não tão presente. A Pandemia de Covid-19 alterou drasticamente a realidade de milhões de brasileiros e estrangeiros. Além da tensão e do medo que causou na população devido sua letalidade e o desconhecimento das suas causas e tratamento, esta gerou mudanças de cunho social, político, econômico e cultural. No âmbito educacional houve modificações na maneira em que o ensino passou a ser ofertado, que outrora era presencial, mas no momento da descoberta da doença, com a entrada do vírus em território brasileiro, usou-se como estratégia a modalidade de Ensino Remoto. Por isso que em muitos lugares e instituições, as aulas passaram a serem ministradas por meio de plataformas digitais, devido à necessidade de isolamento e distanciamento social.

O Ensino Remoto Emergencial – ERE, foi visto por muitos como alternativa para continuar diversas atividades, mesmo as escolares. Contudo, para fazer uso desta metodologia, fez-se necessária a utilização de recursos tecnológicos como computador e internet, que apesar de serem popularmente conhecidos, não são acessíveis a toda população. Como, por exemplo, a estudantes de baixa renda, de comunidades rurais, ribeirinhos e indígenas, que por uma série de situações características do cenário de desigualdade socioeconômica existente no Brasil e no mundo, não têm acesso a esses recursos – ou, quando têm, é de forma limitados.

Ao adotar o ERE como medida para continuar as atividades escolares durante a Pandemia de Covid-19, considerou-se inúmeros fatores que impossibilitaram o acesso a esse recurso. Primeiro, a crise sanitária mundial que, para conter o avanço do vírus, trouxe o isolamento e distanciamento social, consequentemente, diversas atividades que não eram consideradas essenciais tiveram de ser interrompidas; o que comprometeu diversos setores, inclusive o econômico. Em segundo lugar, alguns produtos passam a ser mais escassos o que levou ao seu encarecimento. Desse modo, como esperar que os estudantes e suas famílias em condições de vulnerabilidade façam uso de ferramentas educacionais? Como falar em democratização do ensino diante dessa realidade?

Nem todos os alunos possuíam os recursos necessários para fazer uso do Ensino Remoto Emergencial, pois muitos carecem do básico, como exemplo a alimentação regular. Diante disso, o Governo Federal passou a ofertar uma ajuda financeira as famílias de baixa renda para ajudar na manutenção de seus gastos (auxílio emergencial); contudo, ajuda era insuficiente diante de tantas demandas. Fato esse que impossibilitou muitos estudantes de

adquirirem de tais equipamentos, sem contar o alto custo em razão da crise que se instaurou e acabou por inflacionar determinados produtos.

O Ensino Remoto Emergencial, não foi o responsável pelo problema enfrentado na educação, pois a crise vai além da medida adotada. Entretanto, tal fato escancarou um cenário de desigualdade socioeconômico presente no campo educacional brasileiro, que carece de atenção e medidas urgentes que possam, de alguma forma, atenuar essa situação.

O Ensino Remoto Emergencial, mostrou que mais uma vez a educação tornou-se um privilégio apresentado desde o início da formação da sociedade brasileira. Por conta disso, aqueles que não possuem condições financeiras para fazer parte desse sistema, são lançados a própria sorte. Como, por exemplo, os estudantes oriundos de zonas rurais e periféricas, da Educação para Jovens e Adultos – EJA, que em muitos casos não conseguem lidar com as tecnologias da informação e comunicação, bem como alunos atípicos que demandam uma atenção individualizada, e que padece sem o apoio estatal.

Aos educadores coube a difícil missão de dar continuidade a uma educação deficitária que, por sua vez, carece de investimentos tanto em infraestrutura, insumos para o trabalho deste profissional, aperfeiçoamento e um salário digno. Diante do cenário pandêmico ainda se exigiu de os educadores manterem a qualquer custo o sistema educacional. Custo esse muito caro, pois muitos profissionais da educação foram levados ao esgotamento mental e ao adoecimento.

Com relação aos estudantes, observou-se não apenas o baixo rendimento, mas problemas relacionados à capacidade de lidar com suas emoções e relações interpessoais atribuímos a Pandemia de Covid-19, o agravamento dessas situações por considerar que nesse momento muitos tiveram suas vidas reviradas diante da necessidade de se manter isolados distante de toda a sua rotina e relações. Já que tiveram que dividir com suas famílias as preocupações no decorrer desse período, que em muitos casos tiveram perdas ou que adquiriram novas responsabilidades durante a Pandemia de Covid-19 para, com isso, ajudar financeiramente sua família, ou mesmo aqueles que se sentiram lesados por não ter um ensino de qualidade e acessível a todos.

Deve-se pensar, hoje, como estão esses alunos e profissionais na pós-pandemia, o que foi feito por esses para amenizar tal impacto; pois ainda em meio a Pandemia de Covid-19 houve algumas mudanças curriculares. A exemplo da própria reforma do Ensino Médio, como se não bastasse uma pandemia e tantas outras demandas.

Portanto, espera-se que, de alguma forma, diante deste fato histórico, ainda que recente, chamado a Pandemia de Covid-19, que os seres humanos possam de fato apreender com a História. E, principalmente que sejam capazes de valorizar o papel do professor como

mediador desse conhecimento, da necessidade de se construir um mundo mais justo, igualitário e, sobretudo, que valorize a educação e a ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Pará. **Escola Estadual Pedro Ribeiro Mota**. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/galeria/14938/escola-estadual-pedro-ribeiro-mota-em-xinguara.com.br/> Escola Estadual Pedro Ribeiro Mota. Acesso em: 20 mar. 2024.

ALVES, Luís Alberto Marques. **A História local como estratégia para o ensino da História**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ano [?].

BARROS, José D'Assunção. **A Expansão da História**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Abordagens históricas sobre a História escolar. Porto Alegre, **Educação & Realidade**, v. 36, n. 1, p. 83-104, jan./ abr. 2011.

_____. Reflexões sobre o Ensino de História. **Estudos avançados** 32 (93), 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BORGES, Wilton. **Entroncamento do Xingu**. Xinguara-PA: Ed. Do autor, 2011.

BRAGA, Magno M. Marçal. **Rota Transamazônica: Nordestinos e o Plano de Integração Nacional**. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Número 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

_____. **MEC. Ministério da Educação**: Conselho Nacional de Educação. DF: Parecer nº5/2020.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre História**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BUSS, Paulo M; ALCÁZAR, Santiago; GALVÃO, Luiz Augusto. Pandemia pela Covid-19 e multilateralismo: reflexões a meio do caminho. **Estudos Avançados**: 34 (99), 2020.

CAIMI, Flávia Eloisa; MISTURA, Letícia, MELLO, Pedro Alcides Trindade de. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? **Fronteiras**. Revista Catarinense de História, n. 37, jul/dez, 2021.

_____; Mistura, Letícia; Mello, Pedro Alcides Trindade. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia: o que pode ser e conter uma aula de História? **Fronteiras**, n.37, Jul/Dez, 2021.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 140. P. 30-47, jan./abr.2021.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 140. P. 30-47, jan./abr.2021.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, 1990.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente e Ensino de História. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, dez./2013. p. 26-27.

DURÃES, Francisco. **A “Pata do boi” e os impactos ambientais na região do Araguaia paraense**. Jundiá, Paco Editorial: 2016.

Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 2019.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um Lugar na Escola para a História Local. Recife: **ANPUH** (texto mimeografado), 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Culturas Vozes**, Petrópolis, v. 94, n. 3, p. 111-124, maio. /jun., 2000.

FONSECA, Selva. História Local e fontes Oraís: uma reflexão sobre saberes e práticas de Ensino de História. **Revista História Oral**, vol. 9, n. 1, p. 125-141, jan./jun. 2006.

GONÇALVES, Márcia. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlette; MAGALHÃES, Marcelo. **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Secretaria de Educação do Pará. Disponível em: <<https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/11257-alunos-da-rede-estadual-retornam-as-aulas-presenciais-de-formaescalonada>>. Acessado em: 20 dez. 2023.

_____. Agência Pará. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/30086/governo-apresenta-o-plano-de-retomada-das-aulas-presenciais-da-redepublicaestadual#:~:text=Par%C3%A1As%20aulas%20presenciais%20da,a%20seguran%C3%A7a%20da%20comunidade%20escolar>. Acesso em: 10 mar. 2024.

GULDI, Jo; ARMITAGE, David (org.). A fogueira das humanidades? In: _____. **Manifesto pela História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOCHMAN, Gilberto; BIRN, Anne-Emanuelle. Pandemias e Epidemias em Perspectiva Histórica: uma introdução. **Topoio**. Rio de Janeiro, v.22, n.48.

HORN, Geraldo; GERMINARI, Geyso. **O Ensino de História e seu currículo**. São Paulo: Vozes, 2006.

IBGE. Xinguara. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/xinguara/historico>. Acesso em: 24 jun. 2023.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, jan./jun. 2001.

LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e historiografia digital. **Boletim Historiar**, Sergipe, n.o 2, mar/ abr., 2014.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza; GONTIJO, Rebeca. O presente como problema historiográfico na Primeira República em dois manuais escolares. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 2, n. 4, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Vacinômetro Covid-19. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19/SEIDIGI_DEMAS_Vacina_C19.html. Acesso em: 12 mar. 2024.

MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia M.; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e180201, 2019.

MOREIRA, Catarina da Silva. “E eu, professor?!: o ensino remoto de história e o cenário de inclusão deficitária em áreas rurais e periféricas do Estado do Pará. **Fronteiras**, n. 37, p. 24-44, jul., -dez./2021.

NEVES, Joana. História Local e construção da identidade social. **Revista Saeculum**, jan./dez. 1997.

NICOLINI, Cristiano; MEDEIROS, Kênia Érica Gusmão Aprendizagem histórica em tempos de pandemia. **Estudos Históricos**, Rio Janeiro, v. 34, n. 73, 2021.

NODA, Marisa; CAINELLI, Marlene. (org.). **A escola e o Ensino de História**: repensando a aula de história em tempos de pandemia. Porto Alegre, Rs: Editora FI, 2021.

OLIVEIRA, Vítor Lins. O ofício do historiador nos tempos da pandemia de coronavírus. **XIX Encontro de História da Anpuh-Rio: História do Futuro: Ensino, Pesquisa e Divulgação**. Anpuh-Rio. 21-25, setembro, 2020.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: Histórico da pandemia de COVID-19 - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde (paho.org). Acesso em: 12 mar. 2024.

Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

Painel do Coronavírus da OMS (COVID-19). Disponível em: <<https://covid19.who.int/>>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História** [online], v. 27, n. 53, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

Portal da Prefeitura de Xinguara. Boletim Coronavírus Completo. Disponível em: <<https://www.xinguara.pa.gov.br/web/pag.php?pg=blog/view&tag=boletim-covid-19---segunda-feira-31012022>>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRETTO, Nelson; PINTO, Cláudio da Costa. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n. 31, jan./abr.2006.

ROCHA, Helenice; ANDRADE, Juliana; SILVA, Mônica Martins. **Informe do GT de Ensino de História da educação às direções da Anpuh** – nosso posicionamento sobre o ensino remoto. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticias-destaque/item/5935-informe-do-gt-de-ensino-de-historia-e-educacao-as-direcoes-da-anpuh-nosso-posicionamento-sobre-o-ensino-remoto>. Acesso em: 07 mai. 2023.

RUCKSTADTER, Flávio M. (org.). **A escola e o Ensino de História: repensando a aula de história em tempos de pandemia**. Porto Alegre, Rs: Editora FI, 2021.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**. História em Quadro-negro: escola, ensino e aprendizagem. São Paulo: ANPUH/MARCO ZERO, 1990.

SCHMINK, Mariane. WOOD, Charles H. **Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia**. Pará: EDUFPA, 2012.

SCHWACZ, Lilia Moritz. No tempo da espanhola: a gripe de 1918 e o caso de Porto Alegre. **Horiz.antropol.**, Porto Alegre, ano 29, n. 65, jan./abr. 2023.

_____. Apresentação à edição brasileira. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SEGATI, A. F.; JORDÃO, R. S. Os Contextos do Ensino Remoto e Remoto/Presencial sob a Perspectiva dos Alunos do Ensino Médio durante a Pandemia da COVID-19. **EaD em Foco**, v. 12, n. 2, e1664, 2022.

SENADO. Ensino médio pode passar por nova reforma em 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/17/ensino-medio-pode-passar-por-nova-reforma-em-2024>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SESPA. Secretaria de Estado da Saúde do Pará. Disponível em: <http://www.saude.pa.gov.br/redesepa/coronavirus/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

SILVA, Cristiane Bereta. Formação histórica e narrativas: efeitos de sentido sobre o Ensino de História e o espaço escolar no estágio supervisionado. In: MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca; ROCHA, Helenice. (org.). **O Ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015

SILVA, Idelma Santiago. **Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968- 1988)**. Goiânia: UFG, 2006.

SOUZA, Matilde de. Transamazônica: integrar para não entregar. **Nova Revista Amazônica**. Vol. VIII, nº 01, abril, 2020.

VALENTE, Geisa Soraia Cavalcanti. Et. al. O ensino remoto frente as exigências do contexto de pandemia: reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, v.9, n, 9, 2020.

VEIGA, Ilma Passos da (org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papirus, 1998.

VIÑAO, Antonio. A história das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 18 set./dez. 2008.

World Health Organization. Disponível em: <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>>. Acesso em: 07 de maio, de 2023.

SITES CONSULTADOS:

Agência Pará. Escola Estadual Pedro Ribeiro Mota. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/galeria/14938/escola-estadual-pedro-ribeiro-mota-em-xinguara.com.br/> Escola Estadual Pedro Ribeiro Mota. Acesso em: 20 mar. 2024.

Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha. PPP. Projeto Político Pedagógico. Xinguara-PA, 2019.

IBGE. Xinguara. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/xinguara/historico>>. Acesso em: 24 jun. 2023.

Organização Pan-Americana da Saúde. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 12 mai. 2023.

Portal da Prefeitura de Xinguara. Boletim Coronavírus Completo. Disponível em: <https://www.xinguara.pa.gov.br/web/pag.php?pg=blog/view&tag=boletim-covid-19--segunda-feira-31012022>. Acesso em: 20 mai. 2023.

SENADO. Ensino médio pode passar por nova reforma em 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/17/ensino-medio-pode-passar-por-nova-reforma-em-2024>. Acesso em: 15 mar. 2024.

SESPA. Secretaria de Estado da Saúde do Pará. Disponível em: <http://www.saude.pa.gov.br/rede-sespa/coronavirus/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

World Health Organization. Disponível em: <https://covid19.who.int/region/amro/country/br>. Acesso em: 07 mai. 2023.

ANEXO A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PROFESSORES

1. Qual seu nome, idade e área de formação?
2. Você trabalhou como professor durante o ano de 2020?
3. Em qual cidade, escola, série e disciplina você atuou nesse período?
4. Você trabalhava em qual período no ano de 2020?
5. Nesse período, a escola atendia alunos da zona urbana ou rural?
6. Fale-me um pouco sobre sua experiência como professor durante esse período?
7. Como você lidou com a notícia sobre a Pandemia de Covid-19?
8. Você contraiu a doença durante esse período?
9. Você se sentiu afetado ou prejudicado de alguma forma pela Pandemia de Covid-19?
10. Houve aula na escola em que você trabalhava durante esse período?
12. Como era o formato das aulas?
13. Você chegou a fazer Home office (trabalho em casa)?
14. Fale um pouco da sua rotina de trabalho durante a pandemia?
15. Houve algum tipo de formação pedagógica, cursos para a utilização de recursos (*Google meet, youtube, classroom, etc.*).
16. Você precisou adquirir algum instrumento (celular, computador, tablet, internet, etc.), para ministrar suas aulas?
17. O senhor já fazia uso desses recursos tecnológicos em sala de aula? pretende continuar a fazer?
18. Como era feito o processo avaliativo dos alunos?
19. Você acredita que a disciplina que o senhor ministra foi afetada pela pandemia? Se sim, como?
20. Como o senhor avalia o impacto da pandemia na formação dos alunos e na vida dos professores?
21. O senhor se sentiu valorizado enquanto professor nesse período?
22. O senhor já fazia uso desses recursos tecnológicos em sala de aula? pretende continuar a fazer?

ANEXO B

ENTREVISTA: PROFESSOR DE HISTÓRIA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DE XINGUARA-PA (DOCENTE 1)

Entrevistador: hoje 30 de novembro estou aqui com a professora Viviane na escola Dom Luiz e a gente vai fazer uma entrevista sobre a experiência dela na pandemia. Professora a senhora pode falar a sua formação, a sua idade, a sua área de atuação.

Entrevistado 1: sim, sim! Boa tarde, bom sou Viviane Alice, sou formada em História, né, de graduação, especializada em História e Geografia e tenho mestrado no ProfHistória, essa, essa é a minha formação e eu atuo como professora de História da educação básica exclusivamente do Estado no Ensino Médio, na Escola Dom Luiz também.

Entrevistador: a senhora trabalha em qual cidade?

Entrevistado 1: Xinguara, no Pará.

Entrevistador: tem mais alguma outra escola que a senhora trabalha?

Entrevistado 1: não, não, é eu trabalhava na Escola Pedro Mota, tem duas escolas de Ensino Médio na cidade, o Dom Luiz e o Pedro Mota. Até o ano passado eu trabalhava nas duas, inclusive durante a pandemia, né que é o período que você falou na observação, então trabalhava em duas escolas nesse período. Atualmente por conta do novo ensino médio que acabou de começar eu fiquei em uma escola só que é aqui a escola Dom Luiz.

Entrevistador: quais são as disciplinas que você atuou durante a pandemia, apenas a disciplina de História?

Entrevistado 1: só a disciplina de História.

Entrevistador: fale-me um pouco sobre a sua experiência como professora durante esse período.

Entrevistado 1: durante a pandemia?

Entrevistador: isso!

Entrevistado 1: bom, é o seguinte, né! começando que o Estado do Pará ele teve um pouco de atraso, com relação ao início das aulas remotas, né, porque ficou aquela confusão se era remota, se era online, se era híbrido, como é que é, ninguém sabia muito bem o que acontecia, todo mundo fazendo formação, tentando se inteirar, mas a gente tinha tido antes disso uma formação sobre as ferramentas do *Google*, ninguém nem falava sobre pandemia ainda, teve um momento

aqui. Então a gente tinha aberto o e-mail, o G-mail e tinha o *Google Drive*, e isso ficou esquecido e depois durante, começou a pandemia, naquele tempo todo mundo achando que quinze dias passava, não passou o Estado do Pará começou a implementação desses e-mails e das, das salas de aula no *Google Classroom*. Mas, nós demoramos três meses com relação ao município de Xinguara e em relação a outros Estados que começou quase que com quinze dias, já começaram. Nos demoramos bastante, né por isso nosso ano letivo inclusive está meio, meio o calendário está meio distorcido ainda.

Entrevistador: como a senhora lidou com a notícia da Pandemia de covid-19?

Entrevistado 1: lidei desesperadamente, assim é eu assistia a TV, e ficava muito preocupada assim, eu me lembro principalmente em acompanhar aquele momento da Itália, num dia que falou que morreram oitocentas e poucas pessoas eu achava aquilo impossível de acontecer, oitocentas pessoas morrerem no mesmo dia de uma mesma doença, e achei que aquilo estava muito distante, nunca imaginei que aconteceria com a gente, e com a morte de mais pessoas, foi extremamente chocante para mim essa notícia. Realmente é eu sempre encarava como se não fosse chegar tão fácil aqui, que as pessoas iam descobrir coisas primeiro antes que chegasse, mas enfim né. É foi catastrófico.

Entrevistador: como foi o Ensino de História durante esse período?

Entrevistado 1: olha foi assim, depois da implementação da sala de aula do *Google*, a gente começou a ter um pouco mais de organização e os alunos tinham que vir aqui na escola pra pegar o e-mail porque eles ainda não tinha acesso, criamos as salas, aí foi possível um pouco de organização, porém é o seguinte havia um número de alunos frequentes nas atividades que a gente enviava e recebia, não havia muitos alunos frequentes nas aulas do *Google meet*, nas aulas de vídeo, nas aulas onde a gente conversava, nunca houve um número muito frequente de alunos nessa modalidade, mas quanto as atividades, o Ensino de História foi sendo desenvolvido, foi sendo desenvolvido a gente apresentou a lidar com o *Google* formulários, primeiro enviando questões de múltipla escolha né, o *Google* te dá as respostas, te dá os gráficos, isso foi muito legal é eu fiz um curso, inclusive muito interessante do pessoal de Sobral do Ceará, da educação de lá, aí toda sexta e sábado à tarde eles tinham ensinando a gente a lidar com essas ferramentas então foi muito importante esse curso e aprendi a lidar com as ferramentas do *Google* formulário e também a, inclusive fazer apresentação de slides, porque assim, história fica muito complicado só atividades eu senti muita falta da aula expositiva, de sempre né, tradicional, que a gente fala conversa, eu senti muita falta disso, até pelo que eu estou falando havia um público grande, eu tinha 80% dos alunos respondendo as atividades, mas tinha 15% no máximo participando das aulas, né, via Google Meet.

Entrevistador: como era feito o acompanhamento da presença dos alunos, havia um acompanhamento?

Entrevistado 1: sim! Havia um acompanhamento pelas atividades, né com aquelas respostas das atividades e as aulas online, que a gente chama de aula online, que é aquelas vias Google Meet, eu fazia mesmo anotações, aí complementava a nota.

Entrevistador: entendi, então houve formação pedagógica para a utilização desses recursos?

Entrevistado 1: olha houve divulgação de vários cursos nesse momento, inclusive esse que eu estou falando da educação de Sobral-CE, houve a divulgação de links, a Seduc disponibilizou se eu não me engano, ela disponibilizou o ava-cenfor, disponibilizou duas formações, uma tinha relação com o Enem, outra sobre essas ferramentas. Então assim, foram divulgados vários links pela direção, pela coordenação da escola sempre enviando links para a gente conseguir desenvolver as ferramentas. Mas, como eu disse teve um curso antes, que para quem participou, foi bem legal porque a gente tinha a noção das ferramentas do *Google*.

Entrevistador: como que a senhora avalia o impacto da pandemia na formação dos alunos,

Entrevistado 1: olha é muito importante tá levantando essa questão, eu achei muito importante você estudar, você colocar em foco, né na universidade porque o que nós temos agora que são os segundos anos, que perderam, né um ano de convívio e os terceiros anos que perderam praticamente dois, o que nós temos esse ano, foi foram turmas de terceiros anos, desinteressadas, e assim, deslocadas completamente enquanto terceiros anos, eu estou acostumada a dar aulas em terceiros anos a mais de dez anos, e principalmente em período de Enem, era uma loucura de grupo de estudos, de encontros, eles pediam pra gente fazer alguma coisa, esse ano um desinteresse bem geral, com as aulas mesmos em sala de aula, com relação as coisas extras que eles sempre pediam pra fazer, então assim, a gente eu tenho certeza que é fruto dessa falta de convívio na pandemia, desse momento que eles ficaram, isso afetou demais a questão intelectual e afetou muito também as questões emocionais porque a gente teve problemas atrás de problemas aqui com crises de ansiedade, é não passa uma semana aqui sabe sem o aluno pelo menos vir justificar a falta porque o aluno está fazendo tratamento ou porque teve crise, já tivemos muitas crises durante as aulas e a gente vê que isso aumentou muito depois da pandemia, então afetou totalmente assim, o aprendizado e o convívio, o socioemocional, muito.

Entrevistador: com relação a categoria docente você vê alguma mudança.

Entrevistado 1: sim, sim eu vejo uma dificuldade agora assim, de eventos, quando a gente tem uma proposta para fazer algum evento, eu vejo uma dificuldade maior, eu vejo muitos problemas de saúde, na minha categoria, muito mesmo, talvez houvesse antes e eu não tivesse

reparado, mas agora a gente está vendo sempre, um professor está fora, está se tratando, sempre, alguns agravaram as questões que já tinham, então assim, a saúde do professor foi afetada diretamente, a saúde física também, porque a saúde emocional os professores já têm condições de estarem tratando por aí enfim, talvez não deixe tão amostra, a questão física foi muito afetada.

Entrevistador: como a senhora avalia todo esse período?

Entrevistado 1: nossa! é difícil, eu avalio que se ele acontecesse de novo eu não saberia como viver, porque eu vejo aquele período como extremamente doloroso, foi tudo muito difícil, a notícia chegando foi muito difícil, estar na escola com a notícia chegando era apavorante, mas ficar em casa sem estar na escola também foi apavorante, é a gente ficou muito mais com os filhos e a família de maneira geral, talvez a única coisa que eu me lembre que foi muito bom, foi isso estar mais com meus pais, estar mais com meus filhos, mas eu sei também que isso foi muito diferente pra nós e para os alunos, tiveram alunos que tiveram que pedir ajuda para gente, que tinha acabado a comida, então, quer dizer, foi um turbilhão de emoções aquele período, hoje eu vejo assim, que aquele momento, graças a Deus que acabou, eu acho que estar na escola é extremamente importante, eu falo isso para os alunos, e que a gente descobriu é que realmente a gente não vem para escola para ensinar conteúdo e nem para aprender conteúdo, a gente vem principalmente pra ter a companhia das pessoas, a escola é extremamente importante sim. Os alunos estão vendo que é importante o convívio com os colegas, eles estão vendo o tanto que está sendo difícil retomar esse convívio, a gente vê que tem alunos que, todo mundo já deixou de usar máscara, tem alunos que ainda não deixaram de usar, então eu vejo muito essas características assim que ressaltaram outras se esconderam na pandemia, mas enfim é foi um período tenebroso que a gente pode tirar pouquíssima coisa boa dele, infelizmente, enquanto pessoa, enquanto professora, é realmente, enquanto mãe, foi um período realmente de percas irreparáveis.

Entrevistador: houve alguma alteração no seu salário, perda econômica, alguma dificuldade?

Entrevistado 1: não, não o salário do Estado basicamente, propriamente dito, não houve alteração. Houve depois né claro, a legislação de que a gente perdeu, esse período de um ano e meio a gente para contagem de qualquer coisa, por exemplo para aposentadoria, né. Para muitas coisas a gente é como se esse período a gente não tivesse trabalhado, né o governo pensa assim, não o governo do Estado, o governo Federal. Tipo para gente aposentar um ano e meio a mais, esse período não deixou de contar, porém perca salarial durante a Pandemia não.

Entrevistador: durante a pandemia se discutiu muito o papel do professor, o que a senhora vê nesse papel?

Entrevistado 1: olha isso que eu estou gostando de trabalhar agora, exatamente o que eu falei ainda a pouco, a gente descobriu que a gente não vem para a escola aprender conteúdo, a gente descobriu que a gente vem para a escola fazer um monte de coisas, a gente aprende a socializar, a gente a viver, principalmente, né eu que estive na escola pública e defendo a escola e a universidade pública, eu acho que é na universidade pública que a gente aprende a viver de verdade. E a falta de estar na escola gerou problemas muitos sérios para os alunos e professores também, com toda certeza, porque assim, eu posso falar em esferas diferentes tendo os filhos em casa, tendo filho fora da faculdade fazendo online, tendo filho fora da educação infantil em casa, enquanto professora é eu digo que assim, o papel do professor é extremamente importante na vida dos alunos, o papel dos alunos é extremamente importante na vida do professor, estar na escola é fundamental para todo mundo, para quem é professor, pra quem é aluno para quem trabalha na direção, a gente sentiu muita falta disso, alguns dizem que não sabe, alguns dizem, a gente gosta de um feriado de vez enquanto, mas eu não quero mais passar por aquilo, eu gosto de estar trabalhando na escola, e inclusive a gente tomou um aversão total pelo EaD, pelos links, minicursos online, a gente não quer mais nada online, pelo amor de Deus, por conta disso, a gente descobriu que a escola tem uma importância muito maior que um lugar que você aprende conteúdo, você aprende muita outras coisas. É uma vivência mesmo.

Entrevistador: como a senhora vê a tecnologia hoje? Com relação a metodologia, a recurso para se ensinar.

Entrevistado 1: olha eu gostei bastante de tudo o que eu aprendi, facilita, eu acho que facilita demais a vida, tem algumas coisas, né! Outro dia que eu fiz uma atividade com os estagiários, só com questionários do *Google forms*, você tem ali já pronto gráficos, isso é muito legal, eu acredito que é muito importante principalmente porque a gente está tentando desapegar do papel aos poucos tem muito mais coisas agora, mandou um link para os alunos enquanto eles estão em casa porque eles não tem internet na escola, mas eles podem abrir e printar para trabalhar no outro dia, não tem todo aquele rolê de estar levando para a xerox pra fazer aquela xerox é mais fácil, a tecnologia ajudou bastante, inclusive aproximou a gente durante a pandemia, a tecnologia ajudou muito nesse período, e vai continuar ajudando, o que ficou, ficou a gente aprendeu e vai continuar usando.

Entrevistador: vocês dispunham dos recursos necessários para trabalhar durante esse período? computadores?

Entrevistado 1: não! De forma nenhuma, nunca tivemos nada disso, tudo o que a gente fez foi a gente que adquiriu nesse momento, um monte de professores correndo e comprando notebooks, um monte de professores correndo e comprando celulares melhores por conta das

imagens, por conta do áudio, fone, eu mesmo fiz um aparato de fones, como o celular ficava melhor para a transmissão das aulas, aquele negócio que segura telefone, a mesa da casa ficou aquele negócio parecendo um youtuber, exatamente, foi assim. A tecnologia é fundamental, mas não é o único meio, a gente meio que a gente está enjoado, de algumas muito tecnológico acho que vai demorar para gente retomar isso como parte do aprendizado mesmo, a gente não quer isso agora, links demais, e cursos online ninguém suporta, hoje em dia quando a direção manda a gente já fala meu Deus que coisa mais 2020, para com isso, porque ficou meio esse negócio, mais a tecnologia é fundamental para melhorar o que a gente já tem.

Entrevistador: qual foi o maior desafio enfrentado pela senhora durante esse período?

Entrevistado 1: não conviver com pessoas.

Entrevistador: isso te afetou de alguma forma?

Entrevistado 1: porque, claro que o medo da doença acho que foi maior, teve toda aquele negócio de máscara e álcool, lava tudo, eu acho que isso afetou até a saúde física né, lidei com tanta água sanitária e álcool até tive reações alérgicas enfim. É o fato de estar sempre neurótica com os filhos, com ninguém sair com ninguém chegar, a morte de pessoas próximas, foi terrível, mais principalmente isso, quem trabalha em escola de todas as formas, comunidade escolar em geral é acostumada a socializar bastante, é isso fez muita falta.

Entrevistador: você acha que o Ensino de História foi prejudicado de alguma forma?

Entrevistado 1: sim! Porque as aulas de história tem muito do convívio, do debate, da escuta que você tem dos alunos, de você perceber se os alunos estão realmente aprendendo, porque as vezes fora pra eles parece uma coisa totalmente distante, numa turma você vai bem com uma aula, na outra você vai e vê que não rolou então você tem que procurar outra metodologia, porque está distante dos alunos, nesse ponto a tecnologia ajuda visita a museus, eu usei isso bastante, mas o Ensino de História ficou afetado na questão do debate roda de conversa, da escuta, de planejar aqui na hora, vamos fazer um texto, vamos ler, vamos socializar a gente não tinha mais isso, é tudo faço e enviou, houve pouco momentos que a gente pode dar aula em tempo real. Isso fez muita falta.

Entrevistador: professora eu gostaria de agradecer a entrevista, obrigada, a senhora ajudou bastante a minha pesquisa. Agradeço pela atenção, pela recepção, muito obrigada.

Entrevistado 1: eu que agradeço, a gente está à disposição, a escola em geral, quando precisar a gente está aqui.

ANEXO C

ENTREVISTA: PROFESSOR DE HISTÓRIA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DE XINGUARA-PA (DOCENTE 2)

Entrevistador: Boa noite, hoje são 03 de fevereiro de 2023, estamos aqui na escola Dom Luiz, realizando a entrevista com o professor de História Cincinato, a gente vai falar sobre a experiência dele sobre a Pandemia de Covid-19, no ano de 2020.

Entrevistador: Professor o senhor pode se identificar, falando seu nome, sua idade e sua área de formação.

Entrevistado 2: Boa noite, Cincinato Conceição Ribeiro, tenho 48 anos, sou formado em História e Pedagogia também.

Entrevistador: Professor o senhor trabalhou como professor no ano de 2020?

Entrevistado 2: Trabalhei.

Entrevistador: em qual escola?

Entrevistado 2: aqui no Dom Luiz, no Raimundo Henrique, foi somente nessas duas escolas.

Entrevistador: O senhor ministrava qual disciplina?

Entrevistado 2: História.

Entrevistador: Professor, o senhor trabalhava em qual período nesse ano, qual turno?

Entrevistado 2: pela manhã, no matutino nos primeiros anos e segundos anos, e matutino, Raimundo Henrique, também 1º e 2º ano, noturno no Dom Luiz, 1º ano, 2º ano, 3º ano e as etapas. E no Raimundo Henrique, 1º, 2º e 3º.

Entrevistador: no período em que o senhor estava trabalhando, esses alunos eram da zona urbana ou zona rural?

Entrevistado 2: zona urbana.

Entrevistador: todos atendiam zona urbana?

Entrevistado 2: todos, todos, tinha da zona rural, mas era no vespertino.

Entrevistador: professor me fale um pouco sobre a sua experiência durante esse período como professor.

Entrevistado 2: é como professor de, na pandemia, é como diz o outro você não sabe de nada, fui pego de surpresa na verdade na pandemia que ocorreu no mundo, mas pra mim achava que sabia alguma coisa, né tecnológica não sabia de nada, eu fiquei assim pedindo socorro para os outros. Porque você acha que domina alguma coisa e você não domina nada. Pra mim, chegar mandar alguns textos pra plataforma pra chegar até o aluno deu trabalho, deu trabalho coitada de uma, da nossa coordenadora aqui, que se ela não tivesse paciência ela tinha me pegado aqui de taca, [risos]. Porque eu perturbei muito ela, até quando, ela na verdade foi muito calma e me ensinou passo a passo, mas não teve como eu aprender no primeiro momento, eu vim aprender depois de umas vinte vezes que ela me explicou.

Entrevistador: foi desafiador, né.

Entrevistado 2: muito desafiador, você está doido.

Entrevistador: professor como que o senhor lidou com a notícia da Pandemia de covid-19?

Entrevistado 2: uma surpresa na verdade, quando falou pandemia vocês vão ficar em casa, vocês têm que fazer, não é só você tirar uma, ir na internet tirar um texto e lançar pra plataforma da, como se diz, para chegar até os meninos, até os alunos. Mas tem que ter uma transformação toda para até chegar lá. Atividades, conteúdo e tudo mais, mas é a pandemia eu fiquei assim, sentindo falta de alguma coisa em sala de aula, na verdade não tem como você, eu me sinto assim, me sentia como um zé ninguém, como dizer da expressão, ensinar através de um computador, ou de um celular, a pandemia me deixou, quer dizer que me deixou assim cada vez mais que eu preciso aprender coisas, me, me ... melhorar muita coisa.

Entrevistador: professor o senhor chegou a contrair a doença, de covid-19;

Entrevistado 2: não

Entrevistador: teve receio durante esse período de pegar.

Entrevistado 2: sim, sim. Todos nós tivemos receio né, mas eu usava bastante álcool, máscara, eu sempre usava nunca tirava a máscara em sala de aula, é tanto que o dia que eu tirei a máscara os meninos disseram valei-me, mas eu nunca vacilei, em termo de, logo surgiu a vacina, eu quase não ia tomar eu tenho medo de agulha que me pelo.

Entrevistador: professor o senhor se sentiu de alguma forma prejudicado pela covid-19, pela pandemia.

Entrevistado 2: sobre o aprendizado? do ensinamento com os alunos? Sim! Porque você não está ali pra tirar dúvida com os alunos, e os alunos não sabe muitas vezes lê e interpretar o que está pedindo. Então muitos deles vinham no meu pv [privado/particular], perguntando o quê que aquilo? Eu me sentia assim, um pato fora d'água.

Entrevistador: como que era esse contato com os alunos?

Entrevistado 2: só através do celular. É, na mensagem, só através de mensagem, ou ligação, ou então mensagem no pv [privado].

Entrevistador: professor, houve aula durante esse período? aula que eu digo presencial?

Entrevistado 2: não! Presencial, não. Teve só através da... Na verdade, houve de janeiro, no início até março, de março em diante, não. Não, porque aí teve logo teve a pandemia o governador suspendeu, aí nós ficamos em casa, no sentido em casa virgula, né passando atividades na plataforma que deu acesso aos alunos.

Entrevistador: então o senhor chegou a trabalhar no estilo home office, no formato home office?

Entrevistado 2: sim, sim!

Entrevistador: as aulas eram ministradas daqui da escola, da sua casa, ou houve nesse período apenas o envio de materiais para os alunos?

Entrevistado 2: sim, as aulas eu fazia em casa, as vezes eu vinha para a escola porque pra escola, porque se você ficar em casa você não faz, arrumar coisa pra fazer, outra, outra, vinha para a escolar, até mesmo porque eu tinha dificuldade, de não de arrumar o texto, mais organizar ele até chegar na plataforma, aí eu vinha para escola pedir ajuda, sempre eu não neguei, eu falei, o estou pedindo socorro não dou conta, mas aí me prontificaram, me ajudaram até quando eu peguei o ritmo.

Entrevistador: professor, houve algum tipo de formação pedagógica para fazer uso dessas tecnologias? Para o senhor aprender a usar o meet, a usar todos esses recursos?

Entrevistado 2: houve, sim! Eu que não peguei de imediato. Eu não peguei de imediato como o sistema funcionava. É, por isso, que eu vinha para escola pedir socorro na coordenação, algum professor me ajudava, e assim, vai indo, graças a Deus que os professores que estava aqui sempre me ajudou, se precisar eu estarei disponível.

Entrevistador: O senhor teve que adquirir algum instrumento de trabalho nesse momento, celular, tablet, adquirir internet para fazer as suas atividades?

Entrevistado 2: não adquiri, porque eu quando eu estava em casa, geralmente eu fazia toda a, todo o processo em casa, mas não sabia como manusear pra mim chegar até na plataforma, eu vinha para a escola, aí aqui tinha internet, dava acesso a internet pra gente, aí a gente enviava pra plataforma das crianças.

Entrevistador: aqui também tem computador disponível?

Entrevistado 2: não, eu trazia o meu notebook.

Entrevistador: ah, o senhor fazia uso dos seus equipamentos.

Entrevistado 2: eu fazia uso dos meus equipamentos, não que a escola não fornecesse.

Entrevistador: a escola não fornecia.

Entrevistado 2: não, até mesmo porque a escola não tem.

Entrevistador: professor, o senhor já fazia uso dessas tecnologias antes?

Entrevistado 2: pra outras coisas, não pra diretamente pra plataforma, mandar, enviar material para os alunos. Não, esse aí pra mim, foi novo. O tal do meet, e tem tantos nomes tecnológicos, como eu falei no início eu era analfabeto no tecnológico.

Entrevistador: o senhor chegou a dar aula online mesmo? Ou era gravado e enviado. Não chegou a ser necessário. Eu necessário gravar aula. Algumas pessoas gravaram sim.

Entrevistador: como que o senhor fazia então?

Entrevistado 2: eu fazia, eu pagava os livros, eu baixei o livro em pdf, eu tirava as partes e cortava e transformava em pdf, em pdf, transformava em outro nome que eu não estou recordando, aí sim que eu mandava para as crianças, eu fazia a atividade e eles respondia através dos textos, então eles respondiam as atividades. Mas, eu não gravei aula, entendeu?

Entrevistador: como era o processo avaliativo dos alunos?

Entrevistado 2: através do, das respostas das atividades, que automaticamente já dava as notas para eles. Então ali eu pegava, abria, abria eles e ia já olhava quantos eles acertaram e dali eu retirava pra fazer a nota.

Entrevistador: como que o senhor lidava com a dificuldade do aluno nesse sentido?

Entrevistado 2: principalmente aquelas pessoas mais de idade que não tem tanta esperteza igual esses outros mais jovens, nesse caso, é eles se sentiam mais preocupado com o aprendizado deles, porque eles não tinham computador, não tinha acesso a nada, o celular as vezes não aguentava porque a potência do celular não era tão bom né, a memória dele na verdade não suportava, então pra eles se tornou muito mais difícil, e pra mim muito mais ainda, porque pra mim, porque pra mim eu não estava ensinando nada. E, realmente, e não via, os alunos muitos não liam o texto, marcavam porque tinham que marcar algumas respostas.

Entrevistador: houve muito índice de reprovação nesse período?

Entrevistado 2: não, não houve por que até mesmo porque nos aproveitamos o máximo de acerto, era só lê o texto que a resposta estava dentro, mas, muitos não faziam isso, a gente aproveitou o máximo das, era fato pra subtrair a nota da criança, do aluno, no caso aparece a nota da criança, do aluno.

Entrevistador: professor, o senhor acredita que a disciplina que o senhor ministrava à época, foi prejudicada?

Entrevistado 2: eu creio que sim.

Entrevistador: como?

Entrevistado 2: muito, porque você estando na sala é mais fácil porque você tirar as dúvidas, aqui a gente fala por telefone, as vezes a ligação, por mensagem, não é, o aluno não vai entender como a gente está falando. Eu não sei porque, a gente estando cara a cara é mais fácil da gente conversar, do que por telefone. Você está na sala é melhor pra explicar o conteúdo, da exemplos, eu acho melhor na sala. Eu acho melhor em sala. Entrevistador: o senhor sentiu falta desse contato.

Entrevistado 2: a gente sente falta do alunado, é duvida que aparece sim, eu acho bom que quanto mais dúvida aparece, pra mim é um desafio, eu acho bom demais.

Entrevistador: professor como o senhor avalia o impacto da pandemia na formação desses alunos?

Entrevistado 2: Péssimo. Pra eles não vai ser bom. Por que, futuramente, é alunos que vão para séries seguintes sem saber muita coisa, infelizmente, infelizmente, vai entrar em faculdade, tem coisa que não é visto, conteúdo que não é visto, tem vários matemática, história, geografia é bom exemplo em sala de aula, levar um, qualquer coisa pra gente explicar em sala de aula, uma Televisão, por exemplo, a gente coloca um pen drive, e coloca várias formas de inclusive a gente explicar, mapa essas coisas sobre guerra, mostra como ocorreu, os destroços, ali a imagem você vendo, você capta melhor, melhor que você estar, não por telefone olha ocorreu isso, isso, isso. Mas, você não tem imagem pra você, o aluno não vai pesquisar, ele vai pesquisar coisa que não é da disciplina, você o coloca pra fazer um trabalho, muitas vezes ele não faz, ele paga pra fazer. Igual o aprendizado na pandemia, eu particularmente, não teve aprendizado.

Entrevistador: o senhor acha que não houve um bom aproveitamento?

Entrevistado 2: não, no meu ponto de vista, não houve.

Entrevistador: professor, o senhor se sentiu valorizado nesse período?

Entrevistado 2: sim, porque sentiram falta da gente em sala de aula, os alunos falavam professor, sem você numa sala de aula, nós somos iguais um peixe fora d'água. Porque não só nos valorizar o nosso trabalho, mas dos alunos também de estar na sala de aula, pra perguntar, pra tirar dúvida e, nós também temos que nos valorizar, temos que nos valorizar, independente que está lá, ou seja, na pandemia, e quando chega o contato, quando chega o retorno, graças a Deus nós retornamos, porque aqui, nós perguntamos, tiramos dúvidas.

Entrevistador: o senhor teve alguma mudança na carga horária, o senhor achou que trabalhou um pouco mais na pandemia?

Entrevistado 2: Sim! Trabalhamos mais, muito mais, porque até que nós pegamos o esquema, como funciona de trabalho, pra coordenação, para os professores, eu mesmo foi um que perturbei muito, porque eu não sabia. Sinceramente, o domínio da gente em sala de aula é uma

coisa, o domínio tecnológico é totalmente diferente, eu não dominava a tecnologia tanto o quanto foi necessário, que exigiu que eu dominasse, mas eu nunca desisti, eu não sabia, ia atrás, pesquisava, pedi ajuda, não tinha vergonha não, não tenho vergonha de pedir ajuda, tem coisa que eu sei, e tem coisas que eu não sei, então aquele momento que eu sei eu fazia, olha cheguei até aqui. Agora daqui pra frente eu não dou conta mais, eu pedi ajuda.

Entrevistador: O senhor pode comentar um pouco das atividades que foram desenvolvidas.

Entrevistado 2: As atividades, é como eu relatei, eu, vários professores, tinha várias formas de trabalhar, tira xerox, forma em pdf, envia para os alunos, eu baixei o livro de História, tirava as principais partes do assunto que eu achava que era interessante, que a gente não estava em sala de aula, a gente estava em casa, então eu tirava aqueles assuntos que eu achava que fundamental transformava ele e mandava pra os alunos. E, sempre coloquei, leia o texto para você responder as atividades, sempre todas elas eu bati na tecla sobre isso, só que muitos falam quando nós retornamos que não liam, simplesmente isso, não professor só abria aquilo lá pra fazer e só marcava ali e pronto. No meu ponto de vista nós quando retornamos eu achei assim muito melhor, nós estamos ali na presença, o menino está ali perguntando, então pra mim foi bom, graças a Deus, não acabou a pandemia, acabou vírgula, mas nós estamos aí enfrentando os anjinhos.

Entrevistador: quais as dificuldades o senhor teve assim, em relação ao retorno desses alunos, pós pandemia.

Entrevistado 2: O retorno, o retorno os meninos já estavam acostumados a ficar em casa, simplesmente isso, eles ficava em casa e trabalhava demais, no caso na pandemia tem muitos pais que já, já que você vai ficar em casa, vamos trabalhar, então quando houve o retorno das aulas, muitos que estudava pela manhã o pai veio transferir pra noite, aquela dificuldade de sair do trabalho pra vir para escola, muitos vem até mesmo com fome, que chega e não aguenta ficar até 22:30, até o horário permitido 22:35, muitos indo embora mais cedo, então reclamavam demais sobre essa volta, poderia continuar do jeito que estava, mas para continuar do mesmo jeito que estava, se eles pelo menos pesquisassem e lessem o que pedindo era muito mais fácil par nós quando retornasse, não tinha tanta dificuldade de aprendizado.

Entrevistador: professor, como o senhor avaliar o impacto da pandemia na vida dos professores?

Entrevistado 2: o impacto, é eu vou falar por mim, o impacto foi o desafio de eu aprender coisas que eu não sabia, pra mim foi um desafio, um impacto que eu vou falar assim, porque eu não, tinha coisa que eu não dominava, e tinha coisa que eu dominava, né. Pegar um texto na internet, ir à internet buscar um texto e salvar, ok tranquilo, mas depois que teve que dominar,

pegar um texto, salvar, mandar pra plataforma, transformar no zipado e depois mandar pra plataforma dos alunos eu me senti um peixe fora d'água. É, por isso, que eu já falei que pedi muita ajuda.

Eu fui um mesmo que pedi muita ajuda mesmo.

Entrevistador: professor que lição fica da pandemia para o senhor?

Entrevistado 2: que lição? Que não aconteça mais, em nome de Jesus, que acabe. porque eu pensei, até mesmo quando fala assim, nós vamos ter uma aula online para tentar amenizar a perca e não estar em sala de aula, eu falei, pensamos que o aluno, pelo menos tentasse lê, que já, o mundo tecnológico dele, ele já domina um pouco, então o celular mesmo é só pra outras atividades tecnológicas, não atividade que venha do interesse deles no caso de estudo. Neste sentido, mas eu fiquei assim surpreso as vezes com esses meninos, alguns nem todos, que tem uns que estudavam realmente, tem uns que estudavam, pesquisavam, respondiam, e outros não infelizmente.

Entrevistador: o senhor fez uso dessas tecnologias e o senhor pretende continuar utilizando em suas aulas.

Entrevistado 2: Deus me livre pra você me perguntar se eu sei um abrir um daqueles hoje, eu não me lembro mais da forma que foi, como utilizar, não, não, está bom, graças a Deus acabou, nós voltamos, nós estamos assim, em sala de aula, esta maravilhoso o contato com o aluno, não sobre a tecnologia eu sei que é bom você aprender é bom você usar, é bom porque uma hora uma necessidade pode ocorrer, mais é bom você aprender, mas não que eu queira usar ela mais.

Entrevistador: o senhor pretende usar como recurso, mas não totalmente?

Entrevistado 2: exatamente, eu posso usar como recurso para buscar informações pra mim, pra trazer pra sala de aula, mas não para lecionar para aluno, não, não quero mais não, está bom, ótimo graças a Deus, o retorno está maravilhoso.

Agradecimento...